

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras

Luana Lopes Amaral

**A ALTERNÂNCIA TRANSITIVO-INTRANSITIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
FENÔMENOS SEMÂNTICOS**

Belo Horizonte
2015

Luana Lopes Amaral

**A ALTERNÂNCIA TRANSITIVO-INTRANSITIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
FENÔMENOS SEMÂNTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cançado (FALE/UFMG)

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

A485a

Amaral, Luana Lopes.

A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro [manuscrito] : fenômenos semânticos / Luana Lopes Amaral. – 2015.

164 f., enc. : il., tab., color.

Orientadora: Márcia Cançado.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 139-151.

Apêndices: f. 153-160.

Anexos: f. 161-164.

1. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. 2. Língua portuguesa – Semântica – Teses. 3. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I. Cançado, Márcia, 1958-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.5



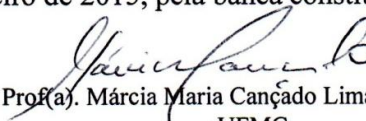
FOLHA DE APROVAÇÃO

A ALTERNÂNCIA TRANSITIVO-INTRANSITIVA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: FENÔMENOS SEMÂNTICOS


LUANA LOPES AMARAL

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical.

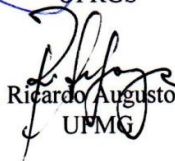
Aprovada em 23 de fevereiro de 2015, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Márcia Maria Cançado Lima - Orientador
UFMG


Prof(a). Gabriel de Avila Othero
UFRGS


Prof(a). Sueli Maria Coelho
UFMG


Prof(a). Sergio de Moura Menuzzi
UFRGS


Prof(a). Ricardo Augusto de Souza
UFMG

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e principalmente, devo meu mais sincero e profundo agradecimento à Profa. Dra. Márcia Cançado, que me orientou e me guiou durante todo o meu percurso acadêmico e que me possibilitou uma experiência de pesquisa (não somente neste trabalho especificamente) que acredito ser muito superior ao que um curso de doutorado pode propiciar. Seu total apoio e sua dedicação a mim e à minha formação foram indispensáveis para que eu chegasse à defesa desta tese.

Agradeço, de maneira especial, a Diógenes Evangelista, que investiu muito em minha carreira acadêmica e sempre me deu seu apoio incondicional. Também gostaria de agradecer à minha família, especialmente a Ângela e Geraldo Amaral, as pessoas que mais trabalharam para que este projeto se realizasse, não como um projeto de pesquisa, mas como um projeto de vida.

Agradeço à Profa. Dra. Sueli Coelho e à Profa. Dra. Luisa Godoy, que contribuíram significativamente com esta tese através de suas valiosas críticas e sugestões. Gostaria de deixar aqui registrado o quanto foi proveitosa a contribuição das duas em minha banca de qualificação, contribuição esta que se refletiu de maneira substancial em várias partes da tese. Agradeço à Profa. Dra. Anabela Gonçalves pelos exemplos e julgamentos referentes ao PE e à Letícia Meirelles pelos comentários e sugestões.

Também agradeço imensamente aos professores que se disponibilizaram a participar da banca de defesa da tese, mesmo em meio a tantos compromissos, o Prof. Dr. Sérgio Menuzzi, o Prof. Dr. Gabriel Othero, a Profa. Dra. Sueli Coelho e o Prof. Dr. Ricardo A. de Souza. Seus comentários, críticas e sugestões no momento da defesa foram muito valiosos e contribuirão muito para a pesquisa a ser desenvolvida a partir deste trabalho. Agradeço também à Profa. Dra. Esmeralda Negrão e ao Prof. Dr. Seung-Hwa Lee.

Agradeço à equipe do Comut, da biblioteca da FALE, que me possibilitou o acesso a uma lista de referências bibliográficas indisponíveis em outros meios.

Agradeço, por fim, à CAPES pela bolsa de doutorado.

“A grammar is a mechanism that maps a huge set of semantic distinctions onto a small set of syntactic distinctions (for example, thousands of kinds of physical objects are all assigned to the same syntactic category ‘noun’). And because this function is many-to-one, it is not invertible.”

Steven Pinker

RESUMO

Nesta tese, tomamos como objeto de estudo o fenômeno sintático que chamamos de “alternância transitivo-intransitiva”. Esse fenômeno pode ser definido como a possibilidade de ocorrência de um mesmo verbo em dois tipos de estrutura sintática: um tipo de estrutura transitiva (DP_1 V DP_2) ou um tipo de estrutura intransitiva (DP_2 V). A partir de uma análise de diferentes tipos semânticos de verbos do português brasileiro, propomos que essa dupla estruturação não pode ser associada a um único tipo de fenômeno semântico, ou a uma única classe de verbos. Na literatura, geralmente, esse fenômeno sintático é associado à alternância semântica conhecida como “causativo-incoativa” e à classe dos verbos de mudança de estado. Mostramos que fenômenos semânticos de vários tipos podem resultar na alternância transitivo-intransitiva na sintaxe. Além da alternância causativo-incoativa, elencamos também os seguintes fenômenos semânticos: a formação do que chamamos de construções de resultado, a formação das sentenças médias, o processo metonímico, a alternância parte-todo e a alternância com verbos aspectuais. Ainda, propomos que o fenômeno sintático mais amplo percorre diferentes níveis de análise, podendo ter escopo sobre classes de verbos mais amplas (em um tipo de classificação *coarse-grained*), sobre classes de verbos medianas (em um tipo de classificação *medium-grained*), ou ainda sobre classes bem específicas (em um tipo de classificação *fine-grained*). Os fenômenos semânticos particulares, entretanto, elegem um determinado nível de classificação. A formação das construções de resultado ocorre com uma classe de verbos mais ampla (*coarse-grained*), a alternância causativo-incoativa ocorre com uma classe mediana (*medium-grained*), a metonímia e a alternância parte-todo ocorrem com uma classe mais específica (*fine-grained*). Apenas a formação de médias tem escopo sobre classes de dois níveis de classificação, *coarse-grained* e *medium-grained*, e para a alternância com verbos aspectuais não definimos um nível de classificação específico. Nossa análise da alternância transitivo-intransitiva corrobora a hipótese, já apresentada na literatura, de que o mapeamento Semântica-Sintaxe é de muitos-para-um, ou seja, várias categorias semânticas se projetam em uma mesma categoria sintática. Para a realização deste trabalho, seguimos a linha de pesquisa conhecida como Interface Sintaxe-Semântica Lexical e utilizamos como referencial teórico a decomposição de predicados.

Palavras-chave: verbos; alternância de transitividade; sintaxe; semântica; português brasileiro.

ABSTRACT

The subject matter of this thesis is the syntactic phenomenon we call “transitive-intransitive alternation”. This phenomenon can be defined as the occurrence of a single verb in two different types of syntactic structure: a type of transitive structure (DP_1 V DP_2) or a type of intransitive structure (DP_2 V). Based on an analysis of different semantic types of Brazilian Portuguese verbs, we propose that this multiple syntactic structuring cannot be associated with a single type of semantic phenomenon, or with a single verb class. In the literature, generally, this syntactic process is associated with the semantic argument alternation known as “causative-inchoative alternation” and with the class of change of state verbs. We show that semantic phenomena of various types can result in the transitive-intransitive alternation in syntax. Besides the causative-inchoative alternation, we also list the following semantic phenomena: the formation of what we call result constructions, the formation of middle sentences, the metonymic process, the part-whole alternation, and the alternation with aspectual verbs. Still, we propose that the broader syntactic phenomenon encompasses different levels of analysis, and can have scope over broader verb classes (in a kind of coarse-grained classification), over medium verb classes (in a medium-grained type of classification), or even over very specific classes (in a kind of fine-grained classification). The particular semantic phenomena, however, elect a defined level of classification. The formation of result constructions occurs with a broader class (coarse-grained), the causative-inchoative alternation occurs with a medium class (medium-grained), metonymy and the part-whole alternation occur with more specific classes (fine-grained). Only the formation of middles has scope over classes from different levels of classification, coarse-grained and medium-grained, and for the alternation with aspectual verbs we do not define a specific level of classification. Our analysis of the transitive-intransitive alternation confirms the hypothesis, already presented in the literature, that the Semantics-Syntax mapping is many-to-one, i.e., several semantic categories are projected in the same syntactic category. This work follows the line of research known as Syntax-Lexical Semantics Interface and predicate decomposition is our theoretical background.

Key-words: verbs; transitivity alternation; syntax; semantics; Brazilian Portuguese.

LISTA DE SÍMBOLOS

\vdash	relação de acarretamento
$\sim\vdash$	ausência da relação de acarretamento
\sim	negação
$?$	dúvida em relação à gramaticalidade (uma sequência de interrogações indica inadequação)
$*$	agramaticalidade
$\llbracket x \rrbracket$	denotação de x
\exists	operador existencial
λ	operador lambda
$\&$	conjunção <i>e</i>
e	evento
s	escala
g	ponto final de uma escala, na proposta de Beavers (2011)
θ	operador que indica uma relação entre um argumento e uma escala, em que possivelmente ele se move, na proposta de Beavers (2011)
θ'	operador que indica que apenas há uma relação entre um argumento e o evento denotado pelo verbo, na proposta de Beavers (2011)
ϕ	um verbo qualquer, na proposta de Beavers (2011)
$\dashv\vdash$	relação de paráfrase
$\sim\dashv\vdash$	ausência da relação de paráfrase
$=$	identidade
$<$	relação parte-todo ($x < y$ indica que x é parte de y)
\vDash	contradição

Os símbolos utilizados neste trabalho para representações formais são baseados nas propostas de Cann (1993) e de Beavers (2011). Sintagmas e categorias gramaticais são representados pela notação em inglês (DP, PP, VP, P, V etc.).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1 A pesquisa	17
1.1.1 Objeto de estudo e hipótese	17
1.1.2 Objetivos e justificativa.....	32
1.1.3 Metodologia.....	42
2 A DECOMPOSIÇÃO DE PREDICADOS E AS CLASSES DE VERBOS NA SEMÂNTICA LEXICAL.....	45
2.1 Classes de verbos e <i>grain-size</i>	50
3 OS DIFERENTES TIPOS DE FENÔMENOS SEMÂNTICOS QUE DÃO ORIGEM À ALTERNÂNCIA TRANSITIVO-INTRANSITIVA	57
3.1 A alternância causativo-incoativa.....	58
3.2 Construções de resultado	67
3.3 Metonímia e a alternância parte-todo	84
3.4 A formação de sentenças médias.....	96
3.4.1 A alternância com verbos de modo de movimento	111
3.5 A alternância com verbos aspectuais.....	117
3.6 Conclusões.....	128
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICE A – DADOS.....	153
ANEXO A – DADOS.....	161

1 INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta tese é mostrar os diferentes fenômenos semânticos que dão origem a um único tipo de configuração sintática, que chamamos de “alternância transitivo-intransitiva”, em português brasileiro (PB). Este trabalho se insere na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical.

O texto se organiza da seguinte forma: na seção seguinte, apresentamos a pesquisa, localizando o problema a ser estudado; no segundo capítulo, expomos o referencial teórico adotado; no terceiro capítulo, analisamos os dados e apontamos os resultados do trabalho; por fim, apresentamos algumas considerações. Anexados à tese, encontram-se o Apêndice (p. 153), com a listagem dos dados analisados, e o Anexo (p. 161), com sentenças utilizadas para a atestação de alguns dados.

1.1 A pesquisa

1.1.1 Objeto de estudo e hipótese

Nesta pesquisa, estudamos um tipo de fenômeno linguístico que ocorre em PB: a possibilidade de alternância da transitividade de um verbo. Abaixo, apresentamos alguns exemplos:

- (1) a. O mordomo abriu a porta.
b. A porta (se) abriu.
- (2) a. A soprano quebrou a taça de cristal.
b. A taça de cristal (se) quebrou.
- (3) a. A médica curou o paciente.
b. O paciente (se) curou.

O fenômeno em questão se caracteriza pela dupla opção de realização argumental de um mesmo verbo, que pode ocorrer em uma sentença transitiva e em uma sentença intransitiva. Na forma transitiva ((1a), (2a) e (3a)) existem dois argumentos, um em posição de sujeito e outro em posição de objeto direto, e na forma intransitiva ((1b), (2b) e (3b)) o argumento que é objeto direto na forma transitiva ocupa a posição de sujeito.

Essa alternância tem sido relacionada na literatura a verbos causativos, em especial, a verbos de mudança de estado, como os exemplificados em (1) a (3) (FILLMORE, 2003 [1970]; LAKOFF, 1970; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; HALE; KEYSER, 2002; CANÇADO *et al.* 2013, dentre muitos outros autores).¹ Por exemplo, o verbo *abrir* na sentença *o mordomo abriu a porta acarreta a porta tornou-se aberta*.

Por causa dessa associação entre a alternância e o tipo semântico do verbo, muitos autores na literatura caracterizam esse fenômeno com uma nomenclatura semântica, que remete diretamente aos verbos causativos e de mudança de estado, como “alternância causativo-incoativa”, “anticausativa”, “ergativa”, dentre outros.² As noções de “causativo” e de “anticausativo” se referem ao elemento *causa* presente na semântica desses verbos (HASPELMATH, 1987) e cada um desses termos explicita a direção da alternância; enquanto causativa seria a alternância que insere a causa, sendo a transitiva a forma mais marcada, a anticausativa é a alternância que remove a causa, sendo a intransitiva a forma mais marcada. Já o termo “incoação”, de acordo com Lakoff (1970), remete à mudança de estado do tipo *tornar-se estado*.³ Por fim, segundo Radford (2007), o termo “ergativa” é emprestado da teoria sintática. Tradicionalmente, esse termo é utilizado na caracterização de línguas com marca de caso explícita no sistema ergativo-absolutivo, em que a marcação de caso é a mesma para sujeitos de sentenças intransitivas e objetos diretos de sentenças transitivas. Segundo o autor, essa nomenclatura se estendeu à alternância por uma analogia entre papéis temáticos e caso: a sentença ergativa é uma sentença intransitiva em que o sujeito tem o mesmo papel temático do objeto direto da contraparte transitiva.

Apesar da forte associação que se observa na literatura entre esse tipo de alternância e verbos de mudança de estado, a configuração sintática transitivo/intransitiva não ocorre exclusivamente com essa classe. Outros tipos semânticos de verbos em PB também podem alternar da mesma forma, como mostramos nos exemplos abaixo:

- (4) a. O piloto acelerou o carro.
 b. O carro acelerou.

¹ Verbos de mudança de estado podem ser definidos a partir do acarretamento de uma sentença do tipo *tornar-se estado* (*become state* em inglês) (LAKOFF, 1970; PARSONS, 1990; CANÇADO *et al.* 2013). Cançado *et al.* (2013) também utilizam *ficar estado*, porém preferimos utilizar aqui o verbo *tornar-se*, já que *ficar* apresenta, além da leitura de mudança, uma leitura estativa.

² Para uma discussão sobre a nomenclatura dada a essas alternâncias, ver Haspelmath (1987) e Souza (1999).

³ O termo “incoativo” é também utilizado na literatura para caracterizar o aspecto inceptivo. Na caracterização da alternância, esse termo não remete a uma propriedade aspectual (HASPELMATH, 1993).

- (5) a. O corretor alugou a casa.
 b. A casa (já) alugou.
- (6) a. O pirata afundou o barco.
 b. O barco afundou.
- (7) a. A bailarina começou a dança.
 b. A dança começou.

Veja que as sentenças com verbos de mudança de estado em (1)-(3), repetidas abaixo, acarretam sentenças do tipo *tornar-se estado*, como já mostramos para o verbo *abrir*. Entretanto, para sentenças com verbos como *acelerar*, *alugar*, *afundar* e *começar*, em (11)-(14), não temos acarretamentos desse tipo, o que nos leva a concluir que tais verbos não descrevem mudanças de estado:

- (8) O mordomo abriu a porta. ⊢ A porta tornou-se aberta.
- (9) A soprano quebrou a taça de cristal. ⊢ A taça de cristal tornou-se quebrada.
- (10) A médica curou o paciente. ⊢ O paciente tornou-se curado.
- (11) O piloto acelerou o carro. ~⊢ O carro tornou-se célere/acelerado.
- (12) O corretor alugou a casa. ~⊢ ?A casa tornou-se alugada.
- (13) O pirata afundou o barco. ~⊢ ?O barco tornou-se afundado.
- (14) A bailarina começou a dança. ~⊢ *A dança tornou-se começada.

No exemplo em (11), o verbo *acelerar* não descreve uma mudança de estado do carro, já que, após o término da ação descrita pelo verbo, não obtemos como resultado que o carro torna-se acelerado. Em (12), o mesmo pode ser dito para o verbo *alugar*. A partir da sentença *o corretor alugou a casa*, não podemos dizer *a casa tornou-se alugada* (sentença que, inclusive, não nos parece perfeitamente gramatical). Em (13), há um deslocamento do barco em direção ao fundo, portanto, a mudança é de locação, e não de estado. Assim, a sentença *?o barco tornou-se afundado* não descreve um resultado, uma mudança de estado, acarretado pelo verbo *afundar*. Por fim, em (14), não temos como consequência de *começar a dança* uma sentença como **a dança tornou-se começada*.

Essa explicação descritiva é uma primeira maneira de diferenciar verbos que denotam e que não denotam mudança de estado, mas não mostra muito claramente a diferença entre as mudanças sofridas pelos argumentos de verbos de mudança de estado, em comparação com os verbos *acelerar*, *alugar*, *afundar* e *começar*. Portanto, para diferenciar de

uma forma mais explícita a mudança de estado de outros tipos de relações semânticas, apresentadas nas sentenças em (11)-(13), podemos utilizar a hierarquia de afetação proposta por Beavers (2011). Nessa proposta, diferentes tipos de afetação são relacionados a diferentes tipos de argumentos caracterizados como pacientes na literatura. Essa hierarquia nos dá uma visão mais precisa da afetação em relação a uma abordagem de papéis temáticos, que trata todos os argumentos afetados como pacientes, incluindo aí verbos que denotam e que não denotam mudança de estado. Vejamos como o autor faz essa proposta, associando-a aos verbos apresentados acima.

A afetação é vista por Beavers (2011) como um movimento metafórico de um argumento afetado, representado por y , em uma determinada escala. A afetação engloba mudanças de estado e de lugar e varia em graus, de acordo com a especificidade do verbo em relação ao movimento de y na escala, ou seja, se o verbo especifica ou não até que ponto y deve se mover. Na hierarquia, existem quatro graus de afetação: mudança quantizada, mudança não quantizada, mudança potencial e mudança não especificada.

Uma mudança quantizada é uma transição do paciente y de um estado inicial em uma escala s a um estado final na mesma escala, em um evento e . Beavers (2011) define a mudança a partir de um operador *result'*, onde:

(15) $\exists s [result' (y, s, \mathbf{g}_\phi, e)]$ (BEAVERS, 2011, p. 359)

pode ser lido como: em um evento e , descrito pelo verbo ϕ , \mathbf{g}_ϕ é o estado final obtido para y em uma escala s , que possui como ponto inicial o estado “não \mathbf{g}_ϕ ” e como ponto final o estado “ \mathbf{g}_ϕ ”. Para um verbo como *abrir*, em *o mordomo abriu a porta*, teríamos:

(16) $\exists e \exists s [abrir' (\mathbf{mordomo}, s, \mathbf{porta}, e) \& result' (\mathbf{porta}, s, \mathbf{aberta}, e)]$

Nesse caso, *abrir* descreve o movimento de y em uma escala de abertura, em que o ponto inicial é “não aberto” e o ponto final é “aberto”. Se um verbo ϕ descreve um evento em que necessariamente y passa por toda a escala, chegando ao ponto final \mathbf{g}_ϕ , temos uma mudança quantizada. O verbo especifica o ponto final da escala e acarreta que ele é atingido por y .

Outro tipo de afetação, a mudança não quantizada, ocorre em eventos descritos por verbos que não possuem essa propriedade. Nesses casos, para um verbo ϕ , existe uma escala s , mas no evento e , não há a especificação de que y chega ao ponto final de s . Para

esses casos, Beavers (2011) propõe que, na representação, g_ϕ seja substituído por g , que indica um ponto final não especificado pelo verbo:

(17) $\exists s \exists g [result' (y, s, g, e)]$ (BEAVERS, 2011, p. 359)

Podemos exemplificar esse caso com o verbo *afundar*. Em um evento descrito por esse verbo, existe uma escala de profundidade na qual y se move (y afunda, se movimenta em direção ao fundo), mas não há a especificação de até que ponto y se move, nem o acarretamento de que y deve se mover até o ponto final de s . Para *o pirata afundou o barco no rio*, por exemplo, o barco pode ter afundado somente na superfície, pode ter afundado até metade da profundidade do rio ou, ainda, pode ter chegado até o fundo do rio. Para esse caso, teríamos a estrutura:

(18) $\exists e \exists s \exists g [afundar' (\text{pirata}, s, \text{barco}, e) \& result' (\text{barco}, s, g, e)]$

Essa representação indica que, em uma hierarquia de afetação, o argumento interno de *afundar* é menos afetado que o argumento interno de *abrir*, já que para *afundar* há apenas a ideia de que y se move em uma escala, enquanto que para *abrir* há a especificação de até que ponto na escala y deve se mover.

O terceiro tipo de afetação é a mudança potencial. Nesses casos, os verbos descrevem eventos que podem causar a mudança de y , mas não necessariamente a causam. Dessa forma, a mudança, ou seja, o movimento de y em uma escala, é apenas potencial. Beavers (2011) propõe que esses tipos de afetação não sejam tratados com o operador *result'* e representa esses casos da seguinte forma:

(19) $\exists s \exists \theta [\theta (y, s, e)]$ (BEAVERS, 2011, p. 359)

Na estrutura acima não existe o ponto final g , mas há uma relação entre y , o evento e e uma escala s , em que possivelmente y se move. Essa relação é representada por θ . Podemos exemplificar o potencial de mudança com o verbo *acelerar*. Em um evento descrito por esse verbo, como em *o piloto acelerou o carro*, o argumento interno pode sofrer algum tipo de mudança não especificada pelo verbo. Por exemplo, a aceleração faz o carro sair velozmente, o que resulta em uma mudança de lugar de y . Porém, essa mudança não é necessária e o carro pode não sofrer nenhum deslocamento ao longo do evento e continuar parado; por exemplo, o cabo do acelerador se soltou e impediu que a aceleração causasse movimento. O contato físico

entre os participantes, entretanto, é necessário e é o que potencialmente causa a mudança de lugar de y . Para a sentença acima, temos:

$$(20) \exists e \exists s \exists \theta [acelerar'(\text{piloto}, s, \text{carro}, e) \& \theta(\text{carro}, s, e)]$$

O quarto tipo de afetação proposto por Beavers (2011) é a mudança não especificada. Nesse caso, não existe uma escala s pela qual y poderia se mover. É importante ressaltarmos a diferença entre a mudança não especificada e a mudança potencial. Na mudança potencial não há o acarretamento do movimento de y em uma escala s , mas há essa possibilidade, há uma escala e há contato físico entre os participantes. Diferentemente, no caso da mudança não especificada não existe o acarretamento do movimento de y em uma escala s , nem essa possibilidade, já que não há contato físico entre os participantes e não há uma escala. Beavers (2011) propõe que esse tipo de mudança pode ser representado a partir da estrutura:

$$(21) \exists \theta' [\theta'(y, e)] \text{ (BEAVERS, 2011, p. 359)}$$

que indica, através do operador θ' , que apenas há uma relação entre y e o evento e , em que y participa de e . Através da ausência de s , a estrutura também indica que não há uma escala, nem mesmo possível, em que y se move. Podemos exemplificar esse tipo de mudança com o verbo *alugar*, que, em uma sentença como *o corretor alugou a casa*, não acarreta para *a casa*, e nem permite, nenhum tipo de movimento em uma escala. Para essa sentença temos:

$$(22) \exists e \exists \theta' [alugar'(\text{corretor}, \text{casa}, e) \& \theta'(\text{casa}, e)]$$

O aluguel de uma casa não resulta em nenhum tipo de mudança da casa, que não se move fisicamente em uma trajetória, nem muda de estado. Ainda, não é possível imaginarmos uma “escala de aluguel”, em que uma casa poderia se mover entre pontos de “mais ou menos alugada”. Em um evento como esse, o agente não exerce nenhum tipo de força sobre o paciente, que poderia causar seu movimento em determinada escala. Esse ponto da hierarquia, onde não há escala, é o menor grau de afetação.

A hierarquia de afetação proposta por Beavers (2011) comporta os quatro tipos de mudança apontados acima e pode ser representada da seguinte forma (BEAVERS, 2011, p. 359):

(23) Hierarquia de Afetação:

✓ para todo $y, \phi, e,$ $\exists s [result' (y, s, \mathbf{g}_\phi, e)] \rightarrow \exists s \exists g [result' (y, s, g, e)] \rightarrow \exists s \exists \theta [\theta (y, s, e)] \rightarrow \exists \theta' [\theta' (y, e)]$ ✓ mudança quantizada \rightarrow mudança não quantizada \rightarrow mudança potencial \rightarrow mudança não especificada

Nessa hierarquia, podemos associar os verbos conhecidos na literatura como verbos de mudança de estado ao ponto mais à esquerda, onde se encontra a mudança quantizada, o maior grau de afetação.⁴ Em nossos exemplos, esses verbos são *abrir*, *quebrar* e *curar*. Todos esses verbos determinam um ponto final específico em uma escala, o ponto até onde y deve se mover (*quebrado*, *aberto*, *curado*). Podemos associar verbos que denotam uma afetação mais ampla, menos específica que a mudança de estado, ao segundo ponto mais à esquerda na hierarquia. Em nossos exemplos, um verbo desse tipo é *afundar*. Para esse verbo, há o acarretamento de que y se move ao longo de uma escala, mas não há um ponto final específico nessa escala até onde y deve se mover. Já verbos em que o movimento de y em uma escala é apenas potencial, não é um acarretamento do verbo, são associados ao segundo ponto mais à direita na hierarquia. Verbos desse tipo denotam eventos que potencialmente, mas não necessariamente, levam y a se mover em uma escala. Um exemplo desse tipo de verbo é *acelerar*. Por fim, associamos verbos que denotam eventos que não levam y a se mover em uma escala, nem mesmo potencialmente, ao ponto mais à direita na hierarquia de afetação. Esses verbos apresentam o menor grau de afetação. Um exemplo desse tipo de verbo é *alugar*.

Assim, mostramos que verbos como *acelerar*, *alugar* e *afundar*, que não estão associados à mudança quantizada, não denotam mudança de estado. Esses verbos não entram, portanto, na classe de verbos que tradicionalmente é assumida como a classe que ocorre na alternância causativo-incoativa. O verbo *começar*, que também utilizamos como exemplo, não é analisado em termos de afetação, já que se trata de um operador aspectual reconhecido como tal na literatura e, portanto, também não é um verbo de mudança de estado.

Voltando à alternância, o que é do nosso interesse em relação aos dados analisados acima é que mesmo não sendo verbos considerados de mudança de estado, *acelerar*, *alugar*, *afundar* e *começar* são encontrados em um tipo de alternância sintática

⁴ É importante ressaltar aqui que não existe uma correspondência um-para-um entre graus de afetação na escala e classes de verbos. Para cada nível na hierarquia, haverá diferentes classes. Dessa forma, não apenas a classe dos verbos de mudança de estado estará associada à mudança quantizada. Teremos também nesse polo verbos de mudança de lugar, de mudança de posse e de criação. Utilizamos a proposta de Beavers (2011) como uma forma de explicitar melhor a diferença entre verbos de mudança de estado e verbos como *acelerar*, *alugar* e *afundar*, porém a proposta do autor não pode ser utilizada como único diagnóstico para mudança de estado.

como aquela exemplificada em (1)-(3), que ocorre com verbos como *abrir*, *quebrar* e *curar*. Retomamos os exemplos apresentados em (4)-(7) a seguir:

- (24) a. O piloto acelerou o carro.
 b. O carro acelerou.
- (25) a. O corretor alugou a casa.
 b. A casa (já) alugou.
- (26) a. O pirata afundou o barco.
 b. O barco afundou.
- (27) a. A bailarina começou a dança.
 b. A dança começou.

Por essa razão, seguindo Levin (1993)⁵ e sugestão de Amaral (2012) para o PB, chamaremos as alternâncias em questão de “alternância transitivo-intransitiva”, explicitando, a princípio, apenas seu caráter sintático. As sentenças exemplificadas em (24)-(27) nos mostram que a configuração sintática transitivo/intransitiva não pode ser tratada como exclusiva de verbos de mudança de estado, não podendo ser associada, portanto, às noções semânticas de causa e de mudança de estado (causação e incoação). Assumimos aqui a ideia de Haspelmath (1993, p. 90): “a oposição incoativo/causativo é mais restrita que a oposição intransitivo/transitivo”.⁶ Portanto, o caráter comum da alternância nos exemplos apresentados é justamente a dupla configuração sintática dos argumentos: a possibilidade de ocorrência do verbo em uma forma transitiva ou em uma forma intransitiva, e não o tipo semântico dos verbos ou a relação de sentido entre as duas formas sintáticas. Podemos propor uma definição para a alternância em termos sintáticos:

(28) Alternância transitivo-intransitiva:

Possibilidade de um mesmo verbo ocorrer com as formas sintáticas DP_1 V DP_2 e DP_2 V.

Assumimos que a definição acima se refere às formas das sentenças, e não a seu sentido. Um verbo que ocorre nessa alternância possui duas formas sintáticas, ou duas opções de realização argumental. Retomando os exemplos em (1), explicitamos melhor essa relação:

⁵ Explicitaremos a proposta da autora mais à frente.

⁶ Do original: “the inchoative/causative opposition is more restricted than the intransitive/transitive opposition” (tradução nossa).

- (29) a. [O mordomo]_{DP1} [abriu]_V [a porta]_{DP2}.
 b. [A porta]_{DP2} (se) [abriu]_V.

Entretanto, apesar de a alternância ser definida como sintática, tradicionalmente se assume em estudos em Semântica Lexical (FILLMORE, 2003 [1970], 2003 [1971]; PINKER, 1989; LEVIN, 1993; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; KOENIG; DAVIS, 2006; CANÇADO *et al.*, 2013) que comportamentos sintáticos similares entre verbos sugerem propriedades semânticas em comum. Nessa perspectiva teórica, a realização sintática dos argumentos dos verbos é determinada por propriedades semânticas. De fato, como apontam vários autores na literatura (FILLMORE, 2003 [1970]; LAKOFF, 1970; HASPELMATH, 1993; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; HALE; KEYSER, 2002; dentre outros autores), por exemplo, todos os verbos que lexicalizam mudança de estado apresentam a alternância transitivo-intransitiva. Cançado *et al.* (2013) mostram em um vasto estudo do léxico verbal do PB que esse é o caso de 682 verbos de mudança de estado catalogados em seu trabalho. Dessa forma, não podemos simplesmente assumir que a alternância transitivo-intransitiva é um fenômeno puramente sintático. Inclusive, alguns verbos com as mesmas características sintáticas dos verbos exemplificados até aqui, ou seja, verbos transitivos diretos, não podem ocorrer na alternância:

- (30) a. O fazendeiro empacotou o arroz.
 b. *O arroz empacotou.
 (31) a. O segurança vigiou o prédio.
 b. *O prédio vigiou.
 (32) a. A menina escreveu a carta.
 b. *A carta escreveu.

Com base nessas constatações, devemos considerar que existem propriedades semânticas que restringem a ocorrência da alternância transitivo-intransitiva na sintaxe. Conforme diversos estudos na literatura, podemos elencar como uma dessas propriedades a lexicalização do sentido de mudança de estado. Outra restrição assumida por muitos autores é a possibilidade de um verbo aceitar uma causa na posição de sujeito da forma transitiva, ou seja, a alternância é barrada com verbos estritamente agentivos. Entretanto, considerando apenas tais propostas, como podemos explicar a alternância com verbos que não denotam

mudança de estado, como *acelerar*, *alugar*, *afundar* e *começar*? Ou ainda, como explicar a alternância com verbos estritamente agentivos, como *alugar*? Retomando a ideia de Haspelmath (1993), de que “a oposição incoativo/causativo é mais restrita que a oposição intransitivo/transitivo”, propomos que a alternância transitivo-intransitiva não se iguala ao que é chamado na literatura de alternância causativo-incoativa. A distinção entre sentenças causativas e incoativas se dá no nível semântico, enquanto a distinção entre sentenças transitivas e intransitivas se dá no nível sintático. Portanto, outras restrições, além das que foram propostas para a alternância causativo-incoativa, deverão ser levadas em conta na explicação dos dados. Como apontam Levin (1993) e Levin e Rapaport Hovav (1994), parecem existir outros fenômenos semânticos, diferentes da alternância semântico-lexical caracterizada como causativo-incoativa, que também se refletem na sintaxe na forma de uma alternância transitivo-intransitiva. Dessa forma, podemos dizer que a alternância causativo-incoativa e outros fenômenos ocorrem em um nível semântico e são refletidos na sintaxe na forma de uma única alternância transitivo-intransitiva.

A partir da análise dos dados do PB, levantamos a hipótese de que existem mais tipos de fenômenos semânticos que geram a alternância transitivo-intransitiva do que Haspelmath (1993), Levin (1993) e Levin e Rappaport Hovav (1994) propõem. Para os autores, fenômenos que originam essas formas sintáticas com o mesmo verbo são diferentes tipos de alternâncias verbais, similares à causativo-incoativa, porém, com algumas diferenças semânticas. Levin e Rappaport Hovav (1994) agrupam esses vários tipos de alternâncias argumentais em uma alternância mais ampla, caracterizada semanticamente como “causativa”. Neste trabalho, assumimos uma direção inversa à das autoras. Propomos que existe uma alternância mais ampla definida sintaticamente e tentamos explicitar cada tipo de fenômeno semântico que gera essa alternância. Diferentemente de Haspelmath (1993), de Levin (1993) e de Levin e Rappaport Hovav (1994), não listamos apenas alternâncias argumentais como fenômenos semânticos que dão origem à alternância transitivo-intransitiva. Além de fenômenos desse tipo, a formação de sentenças médias, a metonímia, e até mesmo fenômenos de caráter pragmático dão origem à dupla configuração sintática dos verbos.

Nossa hipótese endossa a hipótese mais ampla de que a relação entre Semântica e Sintaxe é de muitos-para-um (PINKER, 1994; CANÇADO; GODOY, 2013), já que advoga que diferentes fenômenos semânticos se refletem em uma mesma forma sintática.

Na literatura sobre alternâncias verbais, alguns autores, como Souza (1999), Negrão e Viotti (2008) e Ribeiro (2010), não fazem distinção entre os diferentes fenômenos semânticos existentes nos vários exemplos de alternância apresentados. Levin (1993), Ciríaco

e Cançado (2009) e Rappaport Hovav (2014), por outro lado, assumem que existem diferentes tipos de alternâncias e que esses tipos são derivados de diferentes fenômenos semânticos.

Ainda é importante mostrarmos, como parte da definição de nosso objeto de estudo, que se excluem do escopo do nosso trabalho alguns tipos de fenômenos que dão origem a duas formas sintáticas relacionadas, mas que não apresentam as formas transitiva/intransitiva que estamos aqui estudando. Nesta tese, não analisaremos as alternâncias em que o sujeito é o argumento que se mantém na intransitiva, as reflexivas canônicas, as passivas e as mediais. Explicamos cada um desses fenômenos brevemente a seguir.

Alguns verbos podem ocorrer em dois tipos de estrutura sintática, que podemos exemplificar com o par de sentenças:

- (33) a. O professor escreveu um poema.
b. O professor escreveu (a noite toda).

Assim como os exemplos de alternância transitivo-intransitiva que mostramos, essas ocorrências resultam em duas formas sintáticas, transitiva e intransitiva, para o mesmo verbo. Porém, como podemos observar em (33b), o argumento que se mantém na intransitiva é o que se encontra na posição de sujeito da forma transitiva. A alternância exemplificada em (33) não é, portanto, uma alternância do tipo $DP_1 V DP_2/DP_2 V$. Casos desse tipo não são parte do nosso objeto de estudo.⁷

Já as sentenças reflexivas em PB, segundo Godoy (2012), não se configuram como alternâncias verbais, apesar de parecerem, morfossintaticamente, uma forma incoativa:

- (34) a. O maquiador perfumou a atriz.
b. A atriz se perfumou.

Segundo Reinhart e Reuland (1993), o pronome anafórico que aparece em uma sentença reflexiva (*se* em (34b)) é um argumento do verbo, portanto, uma sentença desse tipo possui dois argumentos e é considerada transitiva. Dessa forma, a reflexivização não é uma alternância verbal transitivo-intransitiva e, portanto, não se insere no objeto de estudo desta pesquisa.

⁷ Uma análise desses tipos de alternâncias em PB pode ser encontrada em Amaral e Cançado (2014).

Apesar disso, percebemos que alguns tipos de reflexivas, as médias, podem ser considerados como casos de alternância transitivo-intransitiva. Apresentamos um exemplo:

- (35) a. O avô sentou o menino no colo.
 b. O menino (se) sentou no colo do avô.

As médias se diferenciam das reflexivas por algumas propriedades, entre elas, a possibilidade de apagamento do pronome anafórico. Como aponta Camacho (2003), o pronome nessas sentenças não apresenta estatuto argumental como nas reflexivas. Portanto, a sentença em (35b) é intransitiva e o verbo participa da alternância transitivo-intransitiva. Por isso, apresentamos no terceiro capítulo uma análise para as médias e propomos alguns argumentos para diferenciar sentenças médias e sentenças intransitivas de outros tipos semânticos.⁸

Neste ponto, consideramos importante apontar que, na literatura, existem propostas que tratam a sentença incoativa, a forma intransitiva dos verbos de mudança de estado como *quebrar*, como um tipo de reflexiva. Chierchia (2004 [1989]) e Koontz-Garboden (2009) analisam a alternância causativo-incoativa em italiano e espanhol, respectivamente, como um fenômeno que resulta de uma operação de reflexivização. Esse assunto gerou um longo debate na literatura, iniciado com o artigo de Koontz-Garboden (2009), seguido da contra-argumentação de Horvath e Siloni (2011a, 2011b), de uma reafirmação dessa proposta em Beavers e Koontz-Garboden (2013a), de nova contra-argumentação de Horvath e Siloni (2013) e ainda de uma nova afirmação da hipótese em Beavers e Koontz-Garboden (2013b).

Os autores que argumentam a favor dessa hipótese assumem que o clítico *si/se* das incoativas, mesmo pronome utilizado na formação de reflexivas, é a maior evidência de que se trata de um processo de reflexivização. Além disso, Chierchia (2004 [1989]) e Koontz-Garboden (2009) argumentam que as sentenças incoativas possuem, não explicitamente, a semântica do argumento causa do verbo. Dessa forma, o processo de reflexivização identificaria o argumento interno do verbo transitivo como causa e paciente do evento, gerando uma sentença intransitiva com dois papéis temáticos.⁹ Os principais argumentos contra essa proposta, elencados em Horvath e Siloni (2011a, 2011b, 2013), são, em primeiro lugar, a ausência de marcação reflexiva nas incoativas em várias línguas, como, por exemplo,

⁸ Um amplo estudo sobre reflexivização em PB pode ser encontrado em Godoy (2012).

⁹ Um problema de se assumir que o único argumento das incoativas acumula os papéis de causa e de paciente é que, enquanto causas são eventualidades, pacientes são indivíduos. Portanto, é estranho pensar que ambos tenham a mesma referência (ou a mesma denotação) no mundo.

no húngaro; e, em segundo lugar, a ausência de evidências para a existência da semântica do argumento causa do verbo na forma incoativa. Haspelmath (1993), Schepper (2010) e Rákosi (2012) reafirmam esse segundo ponto, mostrando que as incoativas são eventos conceptualizados como espontâneos, que não acarretam nenhum tipo de causa.

Em PB, existem evidências concretas de que a alternância causativo-incoativa não resulta de um processo de reflexivização. O *se* nessa língua e em outras línguas românicas é atestadamente sincrético (KEMMER, 1993; MALDONADO, 1999; SOUZA, 1999; CAMACHO, 2003; ZENÓBIO, 2006; VITRAL, 2006) e possui uma série de funções, além da de pronome reflexivo.¹⁰ Por exemplo, o *se* é utilizado como apassivador (*alugam-se lojas*), como indeterminador do sujeito (*vive-se bem em BH*) e como expletivo (*foi-se embora*). Também para o espanhol, Maldonado (1999) propõe que o *se* aparece em situações com significados além do reflexivo: impessoalização, autoafetação, incoatividade, processos espontâneos, entre outros. Até mesmo verbos intransitivos (que, a princípio, não podem ser reflexivizados) podem receber a marca *se*, como o verbo *cairse*. Ainda, há muitos contraexemplos com verbos depoentes, do tipo *arrepender-se*, *chamar-se*, que possuem a marca *se*, mas notadamente essa marca não é entendida como uma reflexivização. Além disso, argumentamos, seguindo Haspelmath (1993), Schepper (2010), Negrão e Viotti (2011), Rappaport Hovav e Levin (2012), Rákosi (2012), Horvath e Siloni (2011a, 2011b, 2013) e Cançado *et al.* (2013), que pelo menos alguns tipos de sentenças incoativas não possuem o componente semântico de causa, denotando um evento conceptualizado como espontâneo. Essa afirmação pode ser comprovada por testes que evidenciam essa espontaneidade, como a modificação da sentença por sintagmas como *do nada/sem ninguém fazer nada* (*a porta se abriu/ a taça de cristal se quebrou/ o paciente se curou do nada/ sem ninguém fazer nada*).

Para completar as evidências apresentadas, podemos citar, ainda, a distinção semântica clara entre os dois tipos de sentenças: apenas a reflexiva (no exemplo em (36)) pode ser parafraseada por uma sentença com os pronomes anafóricos *si mesmo(a)/ele(a) mesmo(a)* e apenas na incoativa (no exemplo em (37)) o clítico *se* pode ser apagado (já que, nesse caso, não é um argumento do verbo):¹¹

¹⁰ Horvath e Siloni (2013) apontam que também em línguas eslavas e semíticas a marca de reflexividade possui essa mesma característica, servindo como marca em incoativas, em passivas e em outros tipos de sentenças.

¹¹ As sentenças médias se aproximam mais das incoativas que as reflexivas, já que também não formam parafrases com *si mesmo(a)/ele(a) mesmo(a)* e aceitam a queda do *se*. Porém, existem outras propriedades que distinguem médias e incoativas (ver capítulo 3).

(36) a. A atriz se perfuma. † A atriz perfuma a si mesma/ela mesma.

b. *A atriz perfuma.

(37) a. O paciente se curou. ~ † O paciente curou a si mesmo/ele mesmo.

b. O paciente curou (sozinho).

Além disso, as restrições para a formação dessas sentenças são bastante distintas em PB. Enquanto a alternância causativo-incoativa é um processo lexical e restrito por propriedades semântico-lexicais específicas dos verbos (CANÇADO; AMARAL, 2010; CIRÍACO, 2011; CANÇADO *et al.*, 2013), a reflexivização é um processo sintático com restrições mais amplas, como as restrições sintáticas para a ligação de anáforas (MENUZZI, 1999) e para a cliticização (VITRAL, 2002).

Assumindo, portanto, a posição de autores que defendem que a alternância causativo-incoativa não resulta de um processo de reflexivização, voltamos a afirmar que o estudo das sentenças reflexivas não se insere no escopo desta tese.

Além das reflexivas, excluimos do escopo deste trabalho também as sentenças passivas. As passivas possuem uma marca morfossintática explícita (*ser* mais verbo no particípio), que as diferencia dos casos de alternância transitivo-intransitiva:

(38) As roupas *foram lavadas* pela faxineira.

Ainda existem os casos de passiva sintética, que não possuem uma marca morfossintática tão explícita como a do exemplo acima:

(39) *Lavam-se* as roupas com água e sabão.

Esses casos se diferenciam dos casos de sentenças intransitivas por apresentarem também determinadas propriedades semânticas e morfossintáticas: as passivas sintéticas podem ser parafraseadas por passivas analíticas, sempre aparecem com o *se* passivador e normalmente há posposição do sujeito. Segundo Kallulli (2007), em algumas línguas, como o latim e o grego moderno, não há distinção morfológica entre incoativas e passivas. Apesar disso, a autora mostra que esses tipos de sentenças são semanticamente distintos, já que apenas na passiva é possível recuperar a volição do agente. Podemos estender a argumentação da autora para as passivas sintéticas em português. Apesar de esses tipos de sentenças serem muito semelhantes morfossintaticamente às incoativas, é possível recuperar a diferença semântica

apontada por Kallulli (2007). Apenas na passiva pode ser inserida uma oração subordinada de finalidade (CHIERCHIA, 2004 [1989]; SOUZA, 1999; SCHEPPER, 2010):

- (40) a. A porta foi aberta para que o menino entrasse./Abriu-se a porta para que o menino entrasse.
 b. *A porta se abriu para que o menino entrasse.

Também Haspelmath (1993) propõe que a diferença crucial entre passivas e sentenças incoativas é que nas primeiras o agente não é expresso, mas está semanticamente presente (como mostram as orações subordinadas de finalidade); já nas últimas, o agente não é expresso nem está presente semanticamente e a situação é vista como espontânea.

Por fim, excluimos também do nosso objeto de estudo as sentenças chamadas de mediais (SOUZA, 1999), que são consideradas por alguns autores da literatura como um tipo de alternância argumental (HALE; KEYSER, 2002). Apresentamos um exemplo:

- (41) a. Alguém quebrou a taça de cristal.
 b. Taças de cristal (se) quebram facilmente.

Levin e Rappaport Hovav (1994) apontam que esse tipo de sentença, exemplificado em (41b), gera uma interpretação distinta da forma incoativa, não sendo uma simples alternância de uma forma transitiva. Segundo Ciríaco (2011), as mediais em PB, mas não as incoativas, possuem um sentido de genericidade em relação ao processo descrito pelo verbo e descrevem um estado, normalmente, uma propriedade de determinado indivíduo. Além da diferença semântica, é possível observar que também a forma das mediais é distinta de formas intransitivas como as incoativas: podemos observar a ausência de artigos no sintagma que ocupa a posição de sujeito, a flexão temporal do verbo, que normalmente é a de presente, e a presença obrigatória de um adjunto como *facilmente*. Ainda segundo Ciríaco (2011), as sentenças mediais se caracterizam como uma construção (GOLDBERG, 1995), em que há o pareamento do sentido de genericidade com um tipo de estrutura sintática intransitiva.

Além disso, essa construção parece ser possível também com verbos intransitivos, como mostramos abaixo:

- (42) a. *O adolescente acabou a bateria do celular.
 b. Bateria de celular acaba rápido.

- (43) a. *O técnico correu o atleta de maratona.
b. Atleta de maratona corre muito tempo.

Essas sentenças nos mostram que as mediais não alteram a perspectiva do evento, como ocorre nos casos de incoativa, mas apenas acrescentam o sentido de genericidade, não sendo necessariamente derivadas de sentenças transitivas. Portanto, por não ser um caso de alternância transitivo-intransitiva, a formação de sentenças mediais não fará parte do nosso objeto de estudo.¹²

1.1.2 Objetivos e justificativa

A fim de verificar a hipótese de que a alternância transitivo-intransitiva é um reflexo sintático de diferentes tipos de fenômenos semânticos, propomos os seguintes objetivos específicos:

- fazer um amplo levantamento dos verbos do PB que ocorrem na alternância transitivo-intransitiva;
- descrever de forma ampla a alternância transitivo-intransitiva no PB, mostrando os tipos de classes de verbos e os verbos em que esta pode ocorrer;
- explicitar as propriedades semântico-lexicais relevantes desses verbos;
- descobrir quais fenômenos semânticos e pragmáticos podem ser refletidos na forma de uma alternância transitivo-intransitiva e que restrições se aplicam a cada um deles.

Os objetivos gerais desta pesquisa são contribuir para a descrição do sistema linguístico do PB e contribuir também para a pesquisa linguística em geral através do estudo de um fenômeno sintático muito recorrente. As generalizações encontradas para o PB possivelmente poderão ser expandidas para a compreensão de fenômenos semelhantes em outras línguas.

Tendo delimitado os objetivos desta pesquisa, motivamos sua realização apresentando nossa justificativa. Os vários estudos já realizados a respeito de alternâncias como a transitivo-intransitiva focam e explicam principalmente a alternância causativo-incoativa, ou, ainda, quando tratam de alternâncias que não ocorrem com verbos de mudança

¹² Um amplo estudo sobre essa construção no PB pode ser encontrado em Ciriaco (2011).

de estado, continuam tratando o fenômeno como sendo a alternância causativo-incoativa (SOUZA, 1999; NEGRÃO; VIOTTI, 2008; RIBEIRO, 2010; CARVALHO; COSTA, 2014, dentre outros). Portanto, esta pesquisa se justifica por tratar a alternância transitivo-intransitiva como sendo um fenômeno mais amplo, que pode refletir, não somente a alternância causativo-incoativa, mas também outros fenômenos semânticos.

Em Levin (1993), podemos encontrar alguma referência a um fenômeno mais amplo de alternância sintática, onde o objeto da transitiva é o sujeito da intransitiva. Dentre as alternâncias desse tipo, Levin (1993) lista a construção medial, que já apresentamos (*taças de cristal se quebram facilmente*), a alternância causativa, que se subdivide ainda em causativo-incoativa (*a taça de cristal se quebrou*), ação induzida (alternância típica do inglês, como em *he jumped the horse over the fence* ‘ele fez o cavalo pular a cerca’; LEVIN, 1993, p. 31) e outros tipos,¹³ e a alternância chamada de substância/fonte (exemplificada por pares de sentenças como *o sol emana calor/calor emana do sol*). Apesar de já trazer essa ideia mais ampla de uma única alternância com vários subtipos, Levin (1993) ainda abarca vários fenômenos distintos sob o rótulo de alternância causativo-incoativa, como a alternância com *acelerar* e a alternância com verbos de modo de movimento (*o vento sacudiu as folhas/folhas sacudiram*). Apesar de discordarmos de pontos específicos da proposta de Levin (1993), como a classificação de diferentes fenômenos como uma mesma alternância do tipo causativo-incoativo, nossa hipótese neste trabalho é baseada em grande parte nas argumentações da autora, que sistematiza a ocorrência de diferentes alternâncias argumentais que se refletem em um mesmo tipo sintático.

Com relação à alternância causativo-incoativa especificamente, não podemos deixar de citar diversos trabalhos importantes, cujos resultados não podem ser ignorados por nenhum pesquisador que se proponha a estudar alternâncias verbais. A alternância causativo-incoativa é um objeto de estudo por excelência das pesquisas na Interface Sintaxe-Semântica Lexical e tem sido estudada por diversos pesquisadores em diferentes perspectivas teóricas, pelo menos desde a década de 60 (FILLMORE, 2003 [1970]; LAKOFF, 1970; JACKENDOFF, 1975; WASON, 1977). Apresentamos a seguir alguns dos principais resultados encontrados em pesquisas sobre esse tema em perspectivas semânticas e sintáticas.

Dentro de perspectivas semânticas, os trabalhos de Whitaker-Franchi (1989), Haspelmath (1993), Levin e Rappaport Hovav (1994, 1995), Souza (1999), Reinhart (2002) e

¹³ No grupo de outros tipos de alternância, Levin (1993) classifica alternâncias causativas que não são a causativo-incoativa e nem a ação induzida. Como exemplo a autora cita *I burped the baby/the baby burped* ‘eu fiz o bebê arrotar/o bebê arrotou’ (LEVIN, 1993, p. 31).

Ciríaco e Cançado (2009), dentre muitos outros (desde o trabalho pioneiro de FILLMORE, 2003 [1970]), em geral, apontam que a alternância causativo-incoativa ocorre com verbos causativos e de mudança de estado, cujos argumentos internos recebem papel temático de paciente e cujos argumentos externos podem ser agentes ou causas, ou seja, verbos estritamente agentivos não participam da alternância. Dessa forma, verbos como *abrir*, *quebrar* e *curar*, que exemplificamos no início deste capítulo, aceitam a alternância, já que possuem um argumento interno paciente e aceitam agentes ou causas na posição de sujeito:

- (44) a. O mordomo/o vento abriu a porta. {Agente/Causa, Paciente}
 b. A porta (se) abriu. {Paciente}
- (45) a. A soprano/o grito da soprano quebrou a taça de cristal. {Agente/Causa, Paciente}
 b. A taça de cristal (se) quebrou. {Paciente}
- (46) a. A médica/ o tratamento curou o paciente. {Agente/Causa, Paciente}
 b. O paciente (se) curou. {Paciente}

Outros tipos de verbos com argumento interno paciente, mas que são estritamente agentivos, como *assassinar*, não participam da alternância:

- (47) a. O assaltante assassinou o homem. {Agente, Paciente}
 b. *O tiro assassinou o homem.
 c. *O homem (se) assassinou.

Da mesma maneira, verbos em que o argumento interno não é paciente, mas é apenas afetado de uma maneira mais ampla, como aponta Fillmore (2003 [1970]), também não participam da alternância, mesmo que aceitem uma causa na posição de sujeito:

- (48) a. O peso da carga/o piloto acionou o botão de emergência. {Causa/Agente, Tema}
 b. *O botão de emergência (se) acionou.

Em um estudo para o PB, Cançado e Amaral (2010) e Cançado *et al.* (2013) propõem que a única restrição semântica para essa alternância é a lexicalização do sentido de mudança de estado, retomando as ideias iniciais de Lakoff (1970). Para as autoras, para que ocorra a alternância, um verbo deve lexicalizar e, portanto, acarretar, *tornar-se estado*, em que o estado é denotado por um adjetivo morfologicamente relacionado ao verbo (PARSONS,

1990). É importante notar que tal caracterização de mudança de estado é mais fina, abrangendo somente verbos com o acarretamento *tornar-se estado*, e não qualquer verbo que, de uma maneira ampla, poderia denotar uma mudança de estado. Nós acrescentamos, ainda, que esses verbos devem estar também relacionados ao maior grau de afetação na hierarquia de Beavers (2011), ou seja, a mudança quantizada. Vejamos um exemplo:

- (49) a. A bruxa má/o barulho assustou as crianças. {Agente/Causa, Experienciador}
 b. A bruxa má/o barulho assustou as crianças. † As crianças tornaram-se assustadas.
 c. As crianças (se) assustaram. {Experienciador}

Na literatura, os argumentos internos de verbos como *assustar* são caracterizados como experienciadores, e não como pacientes, em termos de papéis temáticos. Portanto, as restrições iniciais propostas na literatura não abrangem a alternância com verbos como *assustar*, os conhecidos verbos psicológicos. Já a proposta de Cançado e Amaral (2010) e de Cançado *et al.* (2013) prevê corretamente que tais verbos alternam, já que denotam mudanças de estado, como mostra a relação de acarretamento em (49b). Ao tratar da alternância causativo-incoativa no capítulo 3, apresentamos essa proposta com mais detalhes e elencamos outras referências da literatura sobre esse fenômeno.¹⁴

Também se encontram na literatura estudos sobre a alternância com verbos de modo de movimento, como Levin e Rappaport Hovav (1992), Menuzzi e Ribeiro (2011) e Amaral (2012). Para Levin e Rappaport Hovav (1992) a alternância que ocorre com os verbos de modo de movimento é a causativo-incoativa e as restrições semânticas são similares às que determinam a alternância com os verbos de mudança de estado. Para as autoras, verbos de modo de movimento alternam porque lexicalizam “causas externas”, ou seja, não são estritamente agentivos e, dessa forma, a causa pode ser omitida. Mostramos alguns exemplos em PB:

¹⁴ Existem ainda alguns casos problemáticos para restrições em termos de papéis temáticos, são verbos que aceitam sujeito causa ou agente, possuem um argumento interno possivelmente caracterizado como paciente, mas ainda assim não ocorrem na alternância:

- i. O engenheiro/a tempestade destruiu a ponte. / *A ponte (se) destruiu.
 ii. O assassino/ o acidente na fábrica decepou o braço do operário. / *O braço do operário (se) decepou.

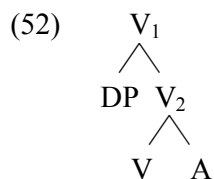
Cançado *et al.* (em prep.) argumentam que esses verbos não denotam mudança de estado no sentido mais específico do termo, como proposto por Cançado *et al.* (2013).

- (50) a. A Ana/ o vento balançou a rede. {Agente/Causa, Tema}
 b. A rede balançou (ao vento). {Tema}
- (51) a. O terremoto/o terrível monstro gigante chacoalhou o edifício. {Agente/Causa, Tema}
 b. O edifício chacoalhou (com a força do terremoto). {Tema}

O trabalho de Menuzzi e Ribeiro (2011) segue a mesma linha de análise, focando em dados do PB. Os autores argumentam, assim como Levin e Rappaport Hovav (1992), que a alternância ocorre com esses verbos por causa da falta de obrigatoriedade de um argumento agente na posição de sujeito da forma transitiva, o que faz com que esses predicadores sejam facilmente associados à causação externa. Os autores contrastam os verbos de modo de movimento como *balançar* e *chacoalhar* com verbos de modo de agir como *dançar* e *correr* e afirmam que nesse último tipo a alternância não é possível, já que os verbos são estritamente agentivos e de causação interna.

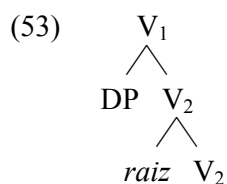
Amaral (2012) se afasta um pouco das duas propostas apresentadas e propõe que os verbos de modo de movimento não participam da alternância causativo-incoativa, pois esses verbos não possuem os componentes semânticos que caracterizam a causação e a incoação. A autora nomeia a alternância que ocorre com esses verbos de “agente-tema”, pois o sujeito dos verbos alterna entre um argumento com papel temático de agente e um argumento com papel temático de tema. A autora propõe que ambas as alternâncias, causativo-incoativa e agente-tema, se projetam na sintaxe na forma da alternância transitivo-intransitiva. Concordamos com Amaral (2012) em relação a não classificação dos exemplos em (50)-(51) como casos de alternância causativo-incoativa, porém propomos uma nova análise para o fenômeno, diferente da apresentada pela autora. Exploramos essa alternância com mais detalhes no terceiro capítulo.

Dentro da perspectiva sintática, uma explicação bastante interessante para a alternância causativo-incoativa é encontrada em Hale e Keyser (2002). Segundo os autores, a estrutura argumental dos verbos é uma estrutura sintático-lexical, que é formalizada através de árvores. Os verbos alternantes apresentam em sua constituição sintático-lexical um verbo abstrato V que toma como complemento uma raiz de natureza adjetival, que, por sua vez, projeta seu argumento na posição de especificador do verbo, da seguinte forma (HALE; KEYSER, 2002, p. 16):



Na proposta dos autores, o argumento externo não faz parte da estrutura argumental, assim, os verbos alternantes poderiam aparecer com o especificador na posição de sujeito, dando origem a uma forma intransitiva, ou poderiam ainda aparecer em uma forma transitiva, que resultaria da inserção de um argumento externo à estrutura em (52).

Para os verbos de modo de movimento, Mateu (2010) propõe um mecanismo semelhante. Para o autor, esses verbos podem ser analisados a partir de uma estrutura como a dos verbos de raiz adjetival em Hale e Keyser (2002), já que também alternam. Porém, nesses casos, a raiz não possui categoria A e entra na estrutura em posição de adjunto, e não de complemento. Assim, a estrutura léxico-sintática de verbos de modo de movimento envolve a adjunção de uma raiz em V₂, da seguinte forma:

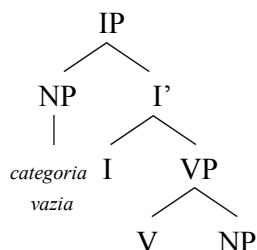


Além das propostas com base em uma sintaxe lexical, outros trabalhos em perspectivas sintáticas apresentam propostas sobre a alternância com base na noção de inacusatividade, como é o caso de Chierchia (2004 [1989]) e de Labelle (1992).

Chierchia (2004 [1989]) aponta que a alternância causativo-incoativa é própria de um grupo de verbos que compartilham não uma propriedade semântica, mas uma propriedade sintática: os verbos inacusativos. Tradicionalmente, verbos inacusativos são considerados verbos intransitivos que projetam seu único argumento na posição de objeto direto, subjacentemente. Apesar de assumir essa relação entre a alternância e a inacusatividade, o autor propõe que as estruturas inacusativas são derivadas de estruturas transitivas através de um processo de reflexivização. Isso explicaria, na proposta do autor, a ocorrência do clítico *si*, marcador de reflexivização, na maioria das sentenças incoativas do italiano (língua analisada

por ele).¹⁵ O argumento semântico do verbo que permanece na sentença após a reflexivização pode apenas ser projetado na posição de objeto direto, o que dá origem, ao final do processo, a uma estrutura inacusativa:

(54) estrutura sintática das incoativas do italiano (CHIERCHIA, 2004 [1989], p. 38):



Como é assumido que em processos de reflexivização o verbo mantém os papéis temáticos de ambos os argumentos, na proposta de Chierchia (2004 [1989]), o único argumento das incoativas acumula os papéis temáticos causa e paciente do evento.

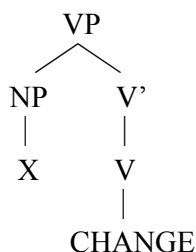
No posfácio de seu texto, escrito em 2004, Chierchia rejeita parcialmente a sua própria proposta, mostrando que existem evidências de que a forma incoativa não é derivada por um processo de reflexivização, mas por outro processo, que ele chama de “compartilhamento de papel temático” (*θ-sharing*). O compartilhamento de papel temático é definido como a presença do argumento paciente na eventualidade causadora. Em uma sentença como *o chute do atacante estourou a bola*, por exemplo, o argumento *a bola* está presente na eventualidade causadora. Essa eventualidade é descrita por *o chute do atacante*, mas denota, em realidade, o chute que o atacante deu na bola. Como o verbo *estourar* permite o compartilhamento de papel temático, ele pode ocorrer na alternância: *a bola estourou*. Com isso, o processo de incoativização pode somente ocorrer com verbos que aceitam eventualidades na posição de sujeito da forma transitiva, pois somente tais argumentos permitem o compartilhamento de papel temático. Alguns autores, porém, ainda sustentam a análise de 1989 em trabalhos recentes, como mostramos na seção 1.1.1.

Também com base na noção de inacusatividade, Labelle (1992) faz um estudo das incoativas. O objetivo do trabalho da autora não é exatamente explicar a alternância, mas explicar a relação entre as formas incoativas obrigatoriamente marcadas, obrigatoriamente não marcadas e opcionalmente marcadas com o clítico *se*. A autora apresenta um estudo do

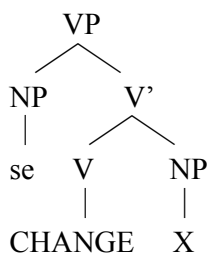
¹⁵ O autor também propõe que verbos inacusativos que não possuem uma contraparte transitiva (como *crescere* ‘crescer’) são derivados a partir da reflexivização de uma estrutura causativa abstrata. Alguns problemas dessa proposta são elencados na seção 1.1.1.

francês e afirma que os verbos de mudança de estado da língua podem ocorrer na alternância causativo-incoativa. A forma incoativa apresenta três tipos, que têm sua diferença explicada através de suas naturezas sintáticas. A autora aponta também que sentenças incoativas com e sem o clítico *se* diferem semanticamente e essa diferença se reflete na sintaxe. A proposta é que sentenças sem o *se* apresentam eventos espontâneos, autônomos, enquanto sentenças com o *se* apresentam eventos desencadeados por uma causa externa. Para verbos que denotam eventos que podem ser autônomos ou desencadeados por uma causa externa, há a opcionalidade do *se* na incoativa (por exemplo, *fondre* ‘derreter’); para verbos que denotam eventos necessariamente autônomos, apenas a incoativa sem o *se* é possível (por exemplo, *vieillir* ‘envelhecer’); por fim, para verbos que denotam um evento necessariamente desencadeado por uma causa externa, apenas a forma com o *se* é possível (por exemplo, *agrandir* ‘aumentar’).¹⁶ Essas especificidades semânticas são refletidas na sintaxe da seguinte forma: quando não há uma causa externa, o único argumento do verbo é projetado na posição de sujeito, portanto, incoativas sem *se* são construções inergativas; quando há uma causa externa do processo, o único argumento do verbo é projetado na posição de objeto direto (derivando uma construção inacusativa) e a posição de sujeito é ocupada pelo clítico *se*:

(55) estrutura sintática das incoativas sem *se* do francês (LABELLE, 1992, p. 393):



(56) estrutura sintática das incoativas com *se* do francês (LABELLE, 1992, p. 395):



É importante ressaltar, porém, que mesmo em perspectivas sintáticas, a semântica possui um papel importante na determinação dos verbos alternantes. Por exemplo, em Hale e

¹⁶ Argumentação semelhante é apresentada por Levin (2009), para o inglês, e por Cançado *et al.* (2013), para o PB; ver capítulo 3.

Keyser (2002) é a natureza predicativa dos estados, em forma de categoria adjetival, que determina a alternância. Além disso, quando os autores se deparam com problemas para a teoria, lançam mão de noções semânticas como agentividade e maneira para explicar casos mais complicados (por exemplo, a diferença entre *splash*, que apresenta a alternância, e *smear*, que não apresenta, é dada em termos semânticos, e não sintáticos). Mateu (2010) também associa configurações sintáticas de verbos alternantes a noções semânticas, como maneira; na proposta do autor, a semântica está presente na natureza das raízes de verbos alternantes, que indica em que posição sintática elas entrarão. No trabalho de Chierchia (2004 [1989]), a alternância tem relação com a propriedade semântica de causa, que é identificada no próprio argumento paciente da forma intransitiva. Por fim, Labelle (1992) também vincula a alternância a noções semânticas. Primeiramente, a autora associa a ocorrência do fenômeno à classe dos verbos de mudança de estado. Além disso, associa a ocorrência do *se* a noções semânticas, que se refletem em diferentes estruturas sintáticas.

Em ambos os tipos de propostas, semânticas e sintáticas, discute-se na literatura qual seria a ordem de derivação entre as sentenças, ou seja, se é a causativa derivada da incoativa ou se é a incoativa derivada da causativa. Em termos morfológicos, Haspelmath (1987, 1993) mostra que em diferentes línguas quatro padrões podem ser encontrados: a derivação da forma incoativa para a causativa (alternância chamada pelo autor de causativa), a derivação da causativa para a incoativa (alternância chamada pelo autor de anticausativa), a derivação de ambas as formas a partir de uma mesma raiz (alternância chamada pelo autor de lábil) e, ainda, a ausência de derivação morfológica entre as formas causativa e incoativa (alternância chamada pelo autor de equipolente).

Em termos semânticos, autores como Levin e Rappaport Hovav (1995) e Reinhart (2002) argumentam que a alternância é uma incoativização de um verbo basicamente causativo. As autoras afirmam que o grupo de verbos que participam da alternância somente pode ser definido a partir da contraparte causativa: para Levin e Rappaport Hovav (1995), são verbos externamente causados e para Reinhart (2002), são verbos com sujeitos subespecificados para agentividade. Rappaport Hovav e Levin (2012) e Rappaport Hovav (2014), contrariamente, assumem que a alternância é uma causativização de um verbo basicamente incoativo. Para as autoras, a proposta da causativização explica a ocorrência de verbos transitivos não alternantes, como *matar* e *destruir*. Esses verbos não alternam porque são transitivos; apenas verbos intransitivos alternam, já que a alternância é uma causativização. Ainda em termos semânticos, Piñón (2001) argumenta que não há uma derivação entre as formas do verbo, mas que existe uma raiz semântica, da qual ambas as

formas são derivadas. O autor afirma que essa abordagem explica todos os casos de verbos alternantes e não alternantes. Segundo ele, para a forma incoativa ser derivada da raiz, esta deve denotar um evento não necessariamente agentivo e para a derivação de uma forma transitiva, a raiz deve denotar um evento possivelmente agentivo. Verbos necessariamente não agentivos não terão a forma causativa e verbos necessariamente agentivos não terão a forma incoativa.¹⁷

Também em perspectivas sintáticas a questão da direção da alternância é abordada. Para Chierchia (2004 [1989]), trata-se de uma intransitivização, já que a alternância é tratada pelo autor como a formação de uma sentença reflexiva. Para Hale e Keyser (2002), todos os verbos apresentam apenas os argumentos internos em sua estrutura argumental, sendo o sujeito sempre inserido na sintaxe, após a derivação lexical. Dessa forma, os autores tratam a alternância como a possibilidade de transitivização do verbo. Em propostas na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída (ALEXIADOU *et al.*, 2006), o léxico é visto como um repositório de raízes, e não de palavras. Portanto, os verbos alternantes são formados na sintaxe, seja em sua forma causativa, seja em sua forma incoativa. Assim, não existe um processo derivacional entre essas formas; ambas derivam de uma raiz. Esse ponto será retomado no capítulo 3, em que mostramos a proposta de Cançado *et al.* (2013) para a alternância em PB.

Tanto no caso das propostas semânticas, como no caso das propostas sintáticas, as explicações elencadas acima se aplicam ao caso da alternância causativo-incoativa (em alguns casos, à alternância com verbos de modo de movimento, como mostramos). As noções utilizadas para explicar essa alternância (causa externa, agentividade, mudança de estado, ser paciente, natureza adjetival das raízes, inacusatividade etc.) não estão presentes em outros tipos semânticos da alternância transitivo-intransitiva. Retomando os exemplos do início deste capítulo, alternâncias com os verbos *acelerar*, *alugar*, *afundar* e *começar* não podem ser explicadas por nenhuma das propostas elencadas nesta seção. A escolha do tema desta pesquisa se fundamentou justamente na observação empírica, durante a coleta de dados para a construção do Catálogo de Verbos do Português Brasileiro (CANÇADO *et al.*, 2013; CANÇADO *et al.*, em prep.), de que vários verbos do PB, como esses que citamos e outros, apresentavam formas transitivas e intransitivas, mas as formas intransitivas não possuíam as mesmas propriedades semânticas das formas incoativas dos verbos de mudança de estado. Percebemos que inúmeros verbos que não são de mudança de estado podiam alternar entre

¹⁷ Existem mais algumas restrições para o sentido das raízes dos verbos alternantes; ver Piñón (2001) para detalhes da proposta do autor.

formas transitiva e intransitiva e nos perguntamos o que motivaria tais alternâncias. Vários exemplos encontrados por nós não podem ser explicados trivialmente pelas propostas sobre a alternância causativo-incoativa encontradas na literatura. Justificamos, pois, com essa constatação, a realização desta pesquisa.

1.1.3 Metodologia

Na realização deste trabalho, seguimos uma metodologia de pesquisa composta basicamente de duas etapas: em um primeiro momento, fizemos a coleta de verbos e a formulação de sentenças gramaticais e agramaticais; posteriormente, analisamos os dados à luz do referencial teórico adotado.

A coleta de dados foi feita de maneira exaustiva através do Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil (BORBA, 1990) e do Catálogo de Verbos do Português Brasileiro (CANÇADO *et al.*, 2013; CANÇADO *et al.*, em prep.). Também utilizamos dados dos trabalhos de Corrêa (2005), de Godoy (2012) e de Bertucci (2011). Nosso objetivo nesta pesquisa, com relação à coleta de dados, foi reunir o maior número possível de verbos do PB que participam da alternância transitivo-intransitiva. Os dados coletados para a realização desta pesquisa são 183 verbos que possuem tal característica.

Do ponto de vista teórico, em nossa coleta de dados, procuramos encontrar evidências na língua que fossem representativas de uma série de possibilidades, e não elementos linguísticos únicos, concretos e singulares. Ou seja, procuramos *types*, e não *tokens* (JACKENDOFF, 1983; WETZEL, 2014). Com o objetivo de reunir o maior número possível de verbos e com base na distinção entre *types* e *tokens*, justificamos a busca de dados em dicionários e catálogos, em detrimento de uma busca em *corpora*.

Na coleta dos dados, também levamos em consideração a ocorrência de ambiguidade lexical. Como argumentam Cançado *et al.* (2013), verbos ambíguos apresentam diferentes propriedades sintáticas em cada sentido. Como exemplo, as autoras mostram o verbo *uniformizar*, que é polissêmico, podendo significar *tornar uniforme* ou *colocar uniforme*. Esse verbo apenas apresenta alternância transitivo-intransitiva no primeiro caso (exemplos de CANÇADO *et al.*, 2013, p. 28/29):

(57) a. O tingimento uniformizou a cor da camisa. (*tornar uniforme*)

b. A cor da camisa (se) uniformizou (com o tingimento).

- (58) a. O menino uniformizou os soldadinhos de brinquedo. (*colocar uniforme*)
 b. *Os soldadinhos de brinquedo (se) uniformizaram.

É bem aceito na literatura o fato de que em processos polissêmicos normalmente o sentido do verbo se torna mais abstrato (DAMASCENO, 2006), ou ocorre a perda de certos traços semânticos. Com essa abstração, os verbos podem ficar mais sujeitos a determinados tipos de alternâncias, já que podem perder propriedades que as restringem. Além de *uniformizar*, podemos citar também como exemplo o verbo polissêmico *colorir*, que apenas alterna com um sentido mais abstrato:

- (59) a. O aluno coloriu o desenho de azul.
 b. *O desenho (se) coloriu de azul.
 (60) a. A chegada da primavera coloriu a cidade.
 b. A cidade (se) coloriu com a chegada da primavera.

Nesta tese, tomamos os devidos cuidados na etapa de coleta de dados para que um verbo fosse considerado alternante e parte dos nossos dados somente quando as duas formas sintáticas, DP₁ V DP₂ e DP₂ V, apresentassem o mesmo sentido, no mesmo grau de abstração, sem ocorrência de ambiguidade lexical. Ou seja, não poderíamos considerar que um verbo participa da alternância transitivo-intransitiva se as diferentes estruturas sintáticas refletem sentidos distintos. Por exemplo, não podemos considerar que a sentença em (60b) é uma alternância da sentença em (59a).

Depois da coleta dos verbos, passamos para a construção das sentenças que nos serviram de dados para a análise. Criamos sentenças gramaticais e agramaticais a partir da nossa intuição de falantes do PB. Essas sentenças foram utilizadas como dados nesta pesquisa e partimos delas para a descrição e a análise do nosso objeto de estudo. Para validar nossos julgamentos de gramaticalidade, utilizamos também como ferramenta para atestação dos dados a busca de sentenças reais em textos escritos na internet através do site de pesquisa Google (LAPORTE, 2008). A atestação dos dados em sentenças reais se faz necessária para garantir que certas estruturas de fato ocorrem na língua. Essa ferramenta foi utilizada principalmente em casos que apresentam maior dificuldade no julgamento de gramaticalidade, o estudo de sentenças como *a casa já alugou* e *o imóvel já vendeu* e o estudo da alternância causativo-incoativa com verbos como *legalizar* (*a maconha (se) legalizou no Uruguai*). Verbos e sentenças utilizados como dados nesta pesquisa são apresentados no Apêndice (p.

153); no Anexo (p. 161), apresentamos as sentenças utilizadas para atestação de alguns tipos de dados construídos.

Depois da etapa de coleta e de construção dos dados, a partir dos verbos e das sentenças, partimos para a segunda etapa metodológica, a análise dos dados à luz do referencial teórico adotado. Foram realizadas análises semânticas e sintáticas e aplicados testes que explicitam o sentido de cada verbo. Por exemplo, utilizamos testes de aspecto lexical, de transitividade, de ambiguidade com *quase*, de diferentes tipos de modificação, entre outros. Também foram utilizadas sentenças agramaticais como testes que indicam certas propriedades sintáticas e semânticas dos verbos. Com base nas informações obtidas com esse procedimento, propusemos estruturas de evento e representações lexicais para as classes e para os verbos estudados nesta pesquisa, utilizando para tal a decomposição de predicados, a ser explicitada no capítulo 2. Todas essas análises culminam na formulação de restrições semânticas para a ocorrência da alternância transitivo-intransitiva, ou, de forma mais específica, culminam na delimitação dos fenômenos semânticos que geram tal alternância. Muitas análises apresentadas aqui já se encontram em trabalhos anteriores realizados pelo NUPES (Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical), núcleo de pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG coordenado pela Profa. Dra. Márcia Cançado, no qual se insere o presente trabalho.

2 A DECOMPOSIÇÃO DE PREDICADOS E AS CLASSES DE VERBOS NA SEMÂNTICA LEXICAL

Para a realização desta pesquisa, optamos por utilizar como referencial teórico a decomposição semântica em predicados primitivos (ou, simplesmente, decomposição de predicados) (DOWTY, 1979; PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; VAN VALIN, 2005; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; WUNDERLICH, 2012; CANÇADO *et al.* 2013). Para a representação do sentido lexical dos verbos, a decomposição de predicados é uma linguagem mais completa e menos problemática do que as listas de papéis temáticos, como apontam Levin e Rappaport Hovav (2005). Esse tipo de representação abarca generalizações semânticas mais finas, necessárias para a descrição de fenômenos como a alternância transitivo-intransitiva. Além disso, os papéis temáticos (“agente”, “causa”, “paciente” etc.) podem ser derivados de estruturas de decomposição de predicados, o que permite a utilização dessas noções em conjunto com as representações por predicados primitivos.

Retomando o exemplo utilizado no capítulo 1 com o verbo *assustar*, podemos motivar essa escolha teórica. Tradicionalmente, o argumento interno desse verbo é caracterizado como um experienciador. Porém, esse item participa da alternância causativo-incoativa, que, na literatura, é assumida como um fenômeno que ocorre com verbos de argumento interno paciente. Podemos dizer que os papéis temáticos restringem bastante, em um primeiro momento, os verbos que ocorrem na alternância, mas, ainda assim, não são suficientes para explicar todos os casos, como o do verbo *assustar*. Veremos que em uma abordagem por decomposição de predicados, como a de Cançado *et al.* (2013), a alternância será restrita pela propriedade de mudança de estado (representada por uma estrutura do tipo [BECOME [Y <STATE>]]). Essa propriedade semântica está presente tanto em argumentos pacientes como em certos tipos de experienciadores. Dessa forma, uma restrição em termos de decomposição de predicados explica de uma maneira mais ampla a ocorrência da alternância causativo-incoativa, ao contrário das restrições em termos de papéis temáticos. Exemplificamos, assim, a maior adequação da linguagem da decomposição de predicados em relação à linguagem dos papéis temáticos no estudo das alternâncias verbais. Nesta tese, estruturas semânticas de decomposição de predicados (juntamente com papéis temáticos derivados dessas estruturas) serão utilizadas para explicitar o sentido dos verbos alternantes e para delimitar componentes semânticos que restringem os diferentes fenômenos analisados. Passemos, então, à explicitação dessa abordagem teórica.

A decomposição de predicados é uma forma de representar o sentido por meio de uma estrutura de predicados e argumentos. Essa proposta de análise surgiu com a Semântica Gerativa na década de 60 (MCCAWLEY, 1968; MORGAN, 1969; LAKOFF, 1970; ROSS, 1972) e é utilizada atualmente para a representação do sentido lexical dos verbos (DOWTY, 1979; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992 e trabalhos subsequentes; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; WUNDERLICH, 1997, 2012; CANÇADO *et al.*, 2013; dentre outros) e também para a representação do sentido de sentenças (DOWTY, 1979; JACKENDOFF, 1990; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; STECHOW, 2001; dentre outros). Nesta pesquisa, assumimos as estruturas de decomposição de predicados como representação lexical, ou seja, as estruturas propostas com base em predicados primitivos e seus argumentos serão uma forma de representar as informações semânticas de verbos e de classes de verbos presentes no léxico.

Nessa perspectiva teórica, assume-se que o sentido dos verbos é composto por unidades menores de sentido. Morgan (1969) argumenta, por exemplo, que uma sentença como a apresentada abaixo é ambígua, justamente em decorrência da existência de diferentes elementos semânticos no sentido do verbo:

(61) Eu quase matei o John.¹⁸ (MORGAN, 1969, p. 62)

Essa sentença pode ter uma interpretação em que o participante denotado pelo sujeito não age com a intenção de matar John ou pode ter uma segunda interpretação em que esse participante age, tenta matar John, mas o resultado final não é obtido. O autor explicita essas diferentes leituras através das sentenças clivadas. Abaixo, a sentença em (62) explicita a primeira interpretação e a sentença em (63) explicita a segunda:

(62) O que eu quase fiz foi matar o John.

(63) O que eu fiz foi quase matar o John.¹⁹ (MORGAN, 1969, p. 63)

Com esses exemplos, Morgan (1969) conclui que existem partes do sentido do verbo *matar*, que ele chama de “predicados internos”, sobre os quais *quase* pode ter escopo. As diferentes possibilidades de escopo dessa palavra em relação ao sentido do verbo é que causam essa ambiguidade.

¹⁸ Do original: “I almost killed John” (tradução nossa).

¹⁹ Do original: “what I almost did was kill John /what I did was almost kill John” (tradução nossa).

O que Morgan (1969) chamou de “predicados internos” são partes do sentido de um verbo. Na decomposição de predicados, que é inspirada em trabalhos como o de Morgan (1969), essas partes são representadas por predicados primitivos e seus argumentos e modificadores. Os predicados primitivos são elementos semânticos recorrentes no sentido de vários verbos e pertencem a um grupo finito de itens (na notação, são sempre escritos em caixa alta).²⁰ Por exemplo, um predicado amplamente utilizado por vários pesquisadores é BECOME.²¹ Esse predicado indica mudança e é utilizado para representar esse componente de sentido em várias classes de verbos, como mudança de estado, mudança de lugar e mudança de posse (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; CANÇADO *et al.*, 2013; dentre outros).

Como itens predicadores, os predicados primitivos são insaturados e seus argumentos podem ser de três tipos: variáveis, raízes, ou estruturas com outros predicados já saturados. As variáveis (representadas por letras maiúsculas, como X, Y, Z etc.) representam os argumentos dos verbos. As raízes (notadas em caixa alta, itálico e entre colchetes angulados) representam informações semânticas que não são compartilhadas pelos verbos. Cada raiz pertence a uma categoria ontológica, como *state* ‘estado’, *event* ‘evento’, *thing* ‘coisa’ e *manner* ‘maneira’ (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005), e essas categorias são dadas em uma pequena lista, ou seja, existe um número limitado de categorias ontológicas. Além de argumentos, raízes também podem ser predicados e modificadores, dependendo de sua natureza semântica.

Para explicitar melhor como são construídas essas estruturas, apresentamos um exemplo da decomposição de predicados, baseado nas estruturas de Cançado *et al.* (2013) e de Cançado e Gonçalves (a sair):

(64) *abrir*: [BECOME [Y <ABERTO>]]

A semântica do verbo *abrir* pode ser decomposta em uma mudança e um estado de *aberto* (*algo se torna aberto*). O componente de mudança é representado pelo predicado BECOME, Y indica o argumento do verbo, e a raiz <ABERTO>, cuja categoria ontológica é *state*, representa o estado final da mudança (os colchetes representam a delimitação de uma

²⁰ Vale ressaltar que esses predicados podem ser parafraseados por itens da língua, mas não são correspondentes a eles (VAN VALIN, 2005).

²¹ As estruturas de decomposição de predicados são mantidas em inglês, como originalmente propostas, por convenção e para explicitar o seu caráter universal (por exemplo, é assumido que BECOME possui o mesmo sentido e a mesma função independentemente da língua analisada; PINKER, 1989).

estrutura saturada, ou seja, um predicado e seus argumentos, um constituinte semântico). Em Cançado *et al.* (2013), BECOME é analisado como um predicado de um lugar e a raiz <ABERTO> é insaturada, sendo também um predicado de um lugar. Dessa maneira, <ABERTO> toma Y como argumento e BECOME toma [Y <ABERTO>] como argumento. Uma estrutura como a em (64), sendo uma estrutura saturada, pode ser argumento de outro predicado, como CAUSE, que pode ser utilizado para representar o elemento semântico de causação presente em verbos de mudança de estado transitivos (como em *o Túlio abriu a janela*):

(65) *abrir*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <ABERTO>]]]

O predicado primitivo BECOME das estruturas acima pode ser associado às mudanças quantizadas na hierarquia de afetação de Beavers (2011), que apresentamos no capítulo 1. Todos os verbos que possuem em sua estrutura semântica esse predicado primitivo denotam uma transição do paciente y de um estado inicial em uma escala s a um estado final na mesma escala, em um evento e . O estado final é especificado pelo argumento de BECOME. Beavers (2011) aponta que, em uma mudança quantizada acarretada por um verbo ϕ , \mathbf{g}_ϕ é o estado final obtido para y em uma escala s , que possui como ponto inicial o estado “não \mathbf{g}_ϕ ” e como ponto final o estado “ \mathbf{g}_ϕ ”. Para Dowty (1979), essa é justamente a definição do predicado primitivo BECOME: “[BECOME ϕ] é verdade em I sse existe um intervalo J que contém o ponto inicial de I de forma que $\sim\phi$ é verdade em J e existe um intervalo K que contém o ponto final de I de forma que ϕ é verdade em K ” (DOWTY, 1979, p. 140).²²

Como já apontamos, as raízes podem também funcionar como modificadores. É o caso, por exemplo, das raízes de ontologia *manner*, quando ocorrem modificando ACT, que toma um argumento, a variável X (os modificadores são notados em subscripto). Essa estrutura foi proposta originalmente por Pinker (1989) e a seguir apresentamos um exemplo de representação desse tipo para um verbo do PB, *escrever* em sua forma intransitiva, como em *o poeta escreveu*:

(66) *escrever*_{intransitivo}: [X ACT <ESCREVER>] (AMARAL; CANÇADO, 2014, p. 70)

²² Do original: “[BECOME ϕ] is true at I iff there is an interval J containing the initial bound of I such that $\sim\phi$ is true at J and there is an interval K containing the final bound of I such that ϕ is true at K ” (tradução nossa).

Outro tipo de modificação nas estruturas de decomposição de predicados é VOLITION, proposto por Cançado *et al.* (2013) com base nas ideias iniciais de Jackendoff (1990). Esse modificador não é uma raiz, mas um item do sentido estrutural dos verbos e é fundamental para diferenciar agentes de causas na estrutura semântica. Verbos estritamente agentivos são representados com [X ACT_{VOLITION}] e verbos que aceitam causa, além de agente, na posição de sujeito são representados com [X ACT_(VOLITION)], em que parênteses indicam opcionalidade. A estrutura [X ACT] indica apenas a causa. Predicados primitivos como AFFECT (modificado por uma raiz de categoria *manner* ou *thing*) e DO sempre atribuem agentividade a X, não sendo necessário representá-los com VOLITION. Quando ACT é modificado por uma raiz de categoria *manner*, como no exemplo em (66), a agentividade também é atribuída a X.

Podemos também utilizar a decomposição de predicados para representar o sentido de classes de verbos. Nesse tipo de representação, a categoria ontológica da raiz (que é compartilhada por todos os verbos de uma classe) vem no lugar do nome da raiz:

(67) *verbos de mudança de estado*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

(68) *verbos de maneira*: [X ACT <MANNER>]

As estruturas de decomposição de predicados explicitam, assim, as propriedades semânticas que compõem o sentido de um verbo. Dentre essas propriedades, se evidenciam aquelas que dividem e agrupam os verbos em classes. Como mostramos, os predicados primitivos e a categoria ontológica das raízes são os elementos recorrentes em diferentes verbos e as raízes são o conteúdo semântico idiossincrático presente em cada item verbal.

Uma das maiores vantagens da decomposição de predicados é justamente a distinção entre esses dois tipos de informação semântica presentes no léxico: a informação estrutural (propriedades semânticas compartilhadas pelos verbos de uma mesma classe) e a informação idiossincrática (propriedades semânticas específicas de um verbo). Essa distinção, ausente em representações lexicais baseadas em papéis temáticos, permite que as generalizações sejam mais bem formuladas (como mostramos para o caso de *assustar*, por exemplo).

Tendo explicitado o funcionamento da decomposição de predicados como forma de representação lexical, apresentamos a seguir a proposta de Cançado e Gonçalves (a sair) para a definição de classes de verbos a partir das estruturas de decomposição de predicados.

Utilizaremos a proposta das autoras para a análise dos diferentes fenômenos semânticos que dão origem à alternância transitivo-intransitiva.

2.1 Classes de verbos e *grain-size*

De acordo com Cançado e Gonçalves (a sair), uma grande vantagem das representações por decomposição de predicados, em relação aos papéis temáticos, é que a partir delas é possível estabelecer análises em diferentes níveis. As autoras, seguindo Levin (2010), apontam que a estrutura de decomposição de predicados distingue três diferentes tipos de *grain-sizes* para a classificação dos verbos: um tipo de classificação *coarse-grained*, uma classificação do tipo *medium-grained* ou ainda a classificação do tipo *fine-grained*.

Antes de delimitarmos cada um dos tipos de classes, é importante definirmos o conceito de classe de verbos utilizado pelas autoras e que também assumiremos neste trabalho. Seguindo uma longa tradição de estudos em Semântica Lexical (FILLMORE, 2003 [1970]; LEVIN, 1993; PESETSKY, 1995; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; GRIMSHAW, 2005), as autoras afirmam que o sentido específico dos verbos não é suficiente para a delimitação de classes. Por exemplo, poderíamos agrupar em uma classe verbos que acarretam algum tipo de movimento, porém não conseguiríamos obter generalizações gramaticais a respeito desse agrupamento, como apontam Levin e Rappaport Hovav (1992). Mostramos alguns exemplos:

(69) O Paulo correu.

(70) O Juca levantou o carrinho.

(71) O Lucas jogou a bola no cesto.

Nos exemplos acima, todos os verbos acarretam movimento para um de seus argumentos. Porém, no exemplo em (69), temos um verbo intransitivo; no exemplo em (70), temos um verbo transitivo; e no exemplo em (71), temos um verbo bitransitivo. O grupo dos verbos de movimento não se caracteriza, portanto, como uma classe.

Diferentemente, subgrupos de verbos que denotam movimento, como os verbos de modo de movimento, por exemplo, possuem um comportamento gramatical bastante semelhante. Como já apontamos anteriormente, todos os verbos de modo de movimento podem ocorrer na alternância transitivo-intransitiva:

- (72) a. O bebê girou o pião.
 b. O pião girou.
- (73) a. A Ana sacudiu a rede.
 b. A rede sacudiu.
- (74) a. A ventania balançou as folhas.
 b. As folhas balançaram.

O grupo dos verbos de modo de movimento se caracteriza, assim, como uma classe. Classes de verbos são definidas, portanto, a partir de propriedades semânticas que tenham impacto na sintaxe. Ou seja, não basta que um grupo de verbos tenha um sentido semelhante para ser considerado uma classe, é preciso que a semelhança semântica seja relevante para a gramática e que esses verbos compartilhem também propriedades sintáticas.

Cançado e Gonçalves (a sair) assumem que o *grain-size*, um tipo de classificação em diferentes níveis de análise, deve ser levado em conta na definição das classes de verbos. Assim, as autoras propõem três níveis de classificação: *coarse-grained* (nível mais amplo, com menos especificidades semânticas), *medium-grained* (nível intermediário) e *fine-grained* (nível mais restrito, com mais especificidades semânticas). Cada tipo de classificação está associado a diferentes fenômenos linguísticos. Passamos agora a explicar e a exemplificar cada um desses tipos.

Uma classificação do tipo *coarse-grained* pode ser definida como aquela que resulta nas classes de verbos mais amplas. Segundo Cançado e Gonçalves (a sair), os verbos classificados dessa maneira se agrupam por propriedades semânticas que têm impacto na sintaxe, mas que são mais gerais e que podem ser derivadas a partir de diferentes estruturas de decomposição de predicados. Esses tipos de classes podem ser definidos a partir de categorias aspectuais (por exemplo, verbos de atividade, de estado, etc.), da quantidade de variáveis na estrutura (verbos monoargumentais, biargumentais, etc.), ou até mesmo a partir do papel temático dos argumentos. Como exemplo desse tipo de classificação, podemos citar a classe que comporta verbos como os exemplificados abaixo:

(75) *lavar*: [X AFFECT <LAVAR> Y] (MEIRELLES; CANÇADO, 2014b)

(76) *construir*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [<CONSTRUÇÃO> OF Y]] (AMARAL; CANÇADO, 2014, p. 66)

(77) *encerar*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [Y WITH <CERA>]]] (CANÇADO *et al.*, 2013)

Em (75), mostramos a estrutura de um verbo de modo de afetação (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1991; MEIRELLES; CANÇADO, 2014b). Esse verbo é decomposto em uma estrutura com o predicado AFFECT, que toma dois argumentos e, modificado por uma raiz de categoria ontológica *manner*, atribui agentividade a X. AFFECT é utilizado aqui para explicitar que Y é apenas afetado pela ação de X, mas não muda de estado. Retomando a hierarquia de afetação de Beavers (2011), apresentada no capítulo 1, podemos associar esse predicado à mudança potencial, ou seja, verbos que possuem AFFECT em sua estrutura semântica descrevem eventos que podem causar a mudança de *y*, mas não necessariamente a causam, além disso, há contato necessariamente entre X e Y.²³ Em (76), temos um verbo da classe dos verbos com nomes eventivos (AMARAL; CANÇADO, 2014; CANÇADO *et al.*, em prep.). Esses verbos são causativos e contêm em sua estrutura uma ação, representada por [X ACT_{VOLITION}], que causa um resultado final, representado por [<CONSTRUÇÃO> OF Y]. Como argumentam Amaral e Cançado (2014), esses verbos denotam a realização de um evento específico, representado na raiz, de categoria ontológica *event*. Um verbo como *construir* pode ser parafraseado por *fazer a construção de algo*. Na hierarquia de afetação, esses verbos são, na maioria dos casos, associados à mudança não especificada, ou seja, são verbos que não acarretam para *y* nenhum tipo de movimento em uma escala. Porém, Beavers (2011) aponta que *construir* descreve uma mudança quantizada. Devido à natureza eventiva das raízes desses verbos, eles podem ter variados graus de afetação (compare, por exemplo, a diferente afetação de *y* em sentenças com o verbo *escrever*: *o professor escreveu um livro/o professor escreveu o nome da aluna*). Por fim, o verbo *encerar*, que pertence à classe comumente nomeada na literatura de verbos de *locatum* (CLARK; CLARK, 1979; HALE; KEYSER, 2002), é decomposto também em uma estrutura causativa. Nesse caso, o resultado final da ação é representado por [BECOME [Y WITH <CERA>]]. O resultado final da ação em um verbo como *encerar* é Y passar a ter posse de determinado objeto ou substância, nesse caso, de cera. A raiz desses verbos é de categoria ontológica *thing*. Para Rappaport Hovav e Levin (1998), assim como para Cançado *et al.* (2013) em uma análise do PB, esses verbos denotam uma mudança de posse de Y em relação ao nome contido no verbo. Assim, *encerar* Y acarreta que Y passa a ter cera.²⁴ Dessa forma, a estrutura semântica desses verbos contém

²³ Podemos associar esse ponto da escala também ao predicado primitivo MOVE, a ser explicado no terceiro capítulo. A partir de AFFECT e de MOVE temos contato de X e Y necessariamente e esse contato pode resultar em uma mudança de estado ou de lugar em Y. Essas possíveis mudanças não estão especificadas no verbo.

²⁴ Clark e Clark (1979) propõem que uma paráfrase adequada para um verbo como esse seria *colocar cera em Y*. Rappaport Hovav e Levin (1998), Hale e Keyser (2002) e Cançado *et al.* (2013) discordam dessa análise e

uma causação representada por CAUSE e os argumentos desse predicado são o subevento de ação, representado por [X ACT_{VOLITION}], e o subevento de resultado (que denota uma mudança de posse de Y), representado por [BECOME [Y WITH <THING>]]. A raiz é de categoria ontológica *thing*, já que existe um nome, que denota uma entidade, contido no sentido desses verbos. Como já apontamos, podemos associar BECOME à mudança quantizada na hierarquia de afetação de Beavers (2011). Verbos desse tipo, portanto, descrevem eventos em que necessariamente *y* passa por toda a escala, chegando ao ponto final. No caso de *encerar*, o ponto final da escala especificado pelo verbo é *estar com cera*.

Se o predicado AFFECT (modificado por uma raiz) e a estrutura ACT_{VOLITION} atribuem a X agentividade e se as estruturas acima comportam duas variáveis, que indicam que os verbos possuem dois argumentos, podemos dizer que *lavar*, *construir* e *encerar* têm em comum as propriedades semânticas de serem agentivos e biargumentais. Mesmo sendo verbos que apresentam estruturas diferentes, esses itens têm em comum uma propriedade sintática, o que os torna uma classe. Nesse caso, podemos citar como propriedade sintática da classe acima a possibilidade de passivização. Todos os verbos com essas propriedades poderão formar sentenças passivas:

- (78) A roupa foi lavada pela faxineira.
 (79) A casa foi construída pelo pedreiro.
 (80) O chão foi encerado pela faxineira.

A passivização é um exemplo de propriedade sintática que motiva uma classificação verbal em um nível *coarse-grained*. Podemos utilizar a decomposição de predicados para descrever as propriedades semânticas dessa classe, dizendo que ela comporta verbos cujas representações semânticas contêm duas variáveis, X e Y, e estruturas que atribuem agentividade a X, como AFFECT_{<MANNER>} e ACT_{VOLITION}.²⁵ Entretanto, como essa classificação é mais abrangente, podemos utilizar os papéis temáticos para fazer sua caracterização. Para uma descrição mais simples dessa classe *coarse-grained*, podemos dizer que se trata da classe dos verbos agentivos biargumentais. É importante ressaltar, entretanto, que nem todas as propriedades semânticas relevantes para classificações do tipo *coarse-*

propõem que a paráfrase adequada é *prover Y com cera*. Evidências sintáticas e semânticas para essa análise são encontradas nos textos citados.

²⁵ Sobre a derivação dos papéis temáticos a partir de estruturas de decomposição de predicados, ver Jackendoff (1990), para o inglês, e Cançado *et al.* (2013), para o português.

grained são de natureza temática e, nesses casos, poderá ser necessário recorrer às estruturas de decomposição de predicados.

A classificação do tipo *medium-grained* resulta em classes menos amplas que a classe dos verbos agentivos biargumentais e que podem ser definidas como grupos de verbos que compartilham elementos de sua estrutura de decomposição de predicados, com exceção do conteúdo das raízes. A classe de verbos de mudança de estado, que já mencionamos, é um exemplo desse tipo de classe. Vejamos a estrutura geral da classe e as estruturas semânticas de alguns desses verbos:

(81) *v*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

(82) *abrir*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <ABERTO>]]]

(83) *quebrar*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <QUEBRADO>]]]

(84) *curar*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <CURADO>]]]

Retomando a estrutura de decomposição de predicados desses verbos, temos uma relação de causação entre uma ação ou eventualidade, representada por [X ACT_(VOLITION)], e uma mudança de estado, representada por [BECOME [Y <STATE>]]. Como podemos observar nessas representações, os verbos *abrir*, *quebrar* e *curar* têm como resultado final a mudança para um estado específico, apresentado nas raízes desses verbos que, como mostra a estrutura em (81), são de categoria ontológica *state*.

Esses verbos possuem uma série de propriedades sintáticas em comum, porém a sua propriedade mais característica é a alternância causativo-incoativa. Essa alternância seleciona especificamente verbos com a estrutura [BECOME [Y <STATE>]], como apontam Cançado *et al.* (2013). Esse fenômeno pode ser analisado, então, como uma propriedade sintática relevante para uma classificação em um nível *medium-grained*. As classes desse nível de classificação são as mais comumente analisadas na literatura e podem ser caracterizadas como as classes mais “canônicas”. É importante notarmos também que, no caso das classes *medium-grained*, não é possível obtermos uma caracterização em termos de papéis temáticos. Verbos de mudança de estado como *quebrar* e *assustar*, que apresentam as mesmas propriedades sintáticas e semânticas, seriam classificados diferentemente em abordagens de papéis temáticos, já que o primeiro verbo possui argumento interno paciente, enquanto o segundo possui argumento interno experienciador.

Por fim, a classificação do tipo *fine-grained* é considerada a mais específica e as classes de verbos resultantes dessa classificação são definidas por propriedades semânticas

que têm impacto na sintaxe, mas que não são representadas explicitamente nas estruturas de decomposição de predicados. Cançado e Gonçalves (a sair) apresentam como exemplo de classe desse nível o subgrupo dos verbos de mudança de estado que denotam uma mudança de estado psicológico. Esses verbos psicológicos, como já mencionamos, não apresentam nenhuma diferença na estrutura de decomposição de predicados, em relação a outros verbos de mudança de estado, e se comportam como eles em relação à alternância causativo-incoativa e a outras propriedades. Exemplificamos essa classe novamente com o verbo *assustar*:

(85) *assustar*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <ASSUSTADO>]]]

O grupo dos verbos psicológicos pode ser considerado uma classe porque a propriedade semântica de denotar uma mudança de estado psicológico é relevante para algumas propriedades gramaticais. Diferentemente de outros verbos de mudança de estado, os verbos psicológicos aceitam um sujeito sentencial:

(86) Sair à noite assusta as crianças.

(87) *Girar a maçaneta abre a porta.

(88) ?Gritar alto quebra a taça de cristal.

(89) *Trabalhar duro cura o paciente.

A ocorrência de sujeito sentencial pode ser considerada uma propriedade sintática que motiva uma classificação em um nível *fine-grained*. Para representar o sentido idiossincrático contido nas raízes dos verbos, podemos adaptar a estrutura de decomposição de predicados, seguindo a proposta de Parsons (1990) para a representação formal dos papéis temáticos e a proposta de Beavers (2014) para a representação das raízes:

(90) *v psicológico*: [[X ACT] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]], onde:

[[<STATE>]] = λyλe [estado.psicológico (e) & experienciador (y)]

Na estrutura que propomos, explicitamos o sentido específico das raízes dos verbos para obter a propriedade semântica relevante para uma classificação do tipo *fine-grained*. Através de uma representação verifuncional simplificada da parte relevante do conteúdo das raízes, é possível mostrar na estrutura de decomposição de predicados quais são

as propriedades semânticas que agrupam os verbos psicológicos e outros verbos em um nível *fine-grained*. Em (90), a forma lógica que representa o sentido específico das raízes dos verbos psicológicos pode ser lida como: a raiz <STATE> denota uma eventualidade de estar em determinado estado psicológico e Y é o experienciador dessa eventualidade. Novamente aqui podemos fazer uso dos papéis temáticos para caracterizar uma classe, já que a propriedade semântica relevante nesse caso é de natureza temática. Podemos dizer, por exemplo, que os verbos psicológicos são aqueles que possuem um argumento experienciador. Porém, no caso do nível de classificação *fine-grained*, é importante utilizar a estrutura de decomposição de predicados, pois a informação de que a propriedade semântica que agrupa os verbos está na raiz é relevante. Além disso, como na classificação *coarse-grained*, pode ser que a propriedade semântica relevante não seja de natureza temática (por exemplo, poderia ser de natureza aspectual) e, nesses casos, somente uma representação como a em (90) poderá caracterizar a classe (veremos alguns casos desse tipo no capítulo 3).

A partir dos diferentes níveis de classes de verbos propostos por Cançado e Gonçalves (a sair), pretendemos mostrar que a alternância transitivo-intransitiva não é um fenômeno linguístico único, mas é um fenômeno sintático, reflexo de uma série de fenômenos semânticos que percorrem os diferentes níveis de análise. Tentaremos mostrar com dados do PB que o fenômeno amplo que chamamos de alternância transitivo-intransitiva tem escopo sobre classes decorrentes de classificações em níveis *coarse-grained*, *medium-grained* e *fine-grained*. Os fenômenos semânticos mais específicos, porém, que dão origem à alternância transitivo-intransitiva na sintaxe, são mais restritivos. A alternância causativo-incoativa se dá apenas em uma classe de nível *medium-grained*. Outros fenômenos semânticos que mostraremos elegem níveis de classificação *coarse-grained* e outros, ainda, ocorrem em classes mais específicas, em uma classificação do tipo *fine-grained*.

3 OS DIFERENTES TIPOS DE FENÔMENOS SEMÂNTICOS QUE DÃO ORIGEM À ALTERNÂNCIA TRANSITIVO-INTRANSITIVA

Neste capítulo, faremos uma análise dos diferentes tipos de fenômenos semânticos que dão origem, em PB, à ocorrência das estruturas sintáticas $DP_1 V DP_2$ e $DP_2 V$ com o mesmo verbo. Organizamos a apresentação desses fenômenos da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresentamos a alternância causativo-incoativa, que será base para comparação com os outros tipos de fenômenos; em seguida, apresentamos o que chamamos de construção de resultado, a alternância decorrente de metonímia e a alternância parte-todo, a formação de sentenças médias e, por último, a alternância com verbos aspectuais. É importante observar que nomes dados aos fenômenos e a classes de verbos são apenas descritivos.

Para cada um dos fenômenos estudados, propomos que existem diferentes tipos de escopo. A alternância causativo-incoativa, como já apontamos, tem escopo sobre uma classe de nível de classificação *medium-grained*, ou seja, uma classe que compartilha toda a estrutura de decomposição de predicados, com exceção do conteúdo das raízes. A formação da construção de resultado tem escopo sobre uma classe de nível *coarse-grained*, ou seja, uma classe mais ampla, que pode ser definida por propriedades semânticas mais gerais, além de sofrer restrições de ordem pragmática. Por fim, a alternância decorrente da metonímia e a alternância parte-todo têm escopo sobre classes de nível de classificação *fine-grained*, que comportam verbos que compartilham traços do conteúdo semântico de suas raízes. A formação de sentenças médias nos parece ser o único fenômeno que “enxerga” dois níveis de análise. Para esse tipo de alternância transitivo-intransitiva, como veremos, existem restrições mais amplas, da parte estrutural das representações e até mesmo em um nível sentencial, e também restrições específicas do sentido das raízes. Por fim, para a alternância com verbos aspectuais, não delimitamos um nível de análise, já que esse fenômeno semântico depende completamente dos argumentos dos verbos e de propriedades estritamente sintáticas. Além disso, os verbos aspectuais serão tratados como operadores e, assim, itens não decomponíveis semanticamente. Todos esses fenômenos semânticos se projetam na sintaxe na alternância transitivo-intransitiva, o que reflete a organização do mapeamento Semântica-Sintaxe como muitos-para-um. Estruturas de decomposição de predicados são utilizadas neste capítulo para dar o sentido dos verbos e das classes de verbos que participam da alternância, ou seja, elas explicitam as restrições semântico-lexicais dos verbos alternantes.

3.1 A alternância causativo-incoativa

A alternância causativo-incoativa tem sido estudada em diferentes línguas pelo menos desde a década de 60 (FILLMORE, 2003 [1970]; LAKOFF, 1970; JACKENDOFF, 1975; WASON, 1977), sendo caracterizada por Horvath e Siloni (2011a) como um fenômeno linguístico universal. Inúmeros trabalhos já foram publicados sobre ela, sob as mais diferentes perspectivas teóricas. Estudos clássicos sobre a alternância causativo-incoativa, por vezes caracterizada através de outra nomenclatura, incluem Fillmore (2003 [1970]), Lakoff (1970), Levin e Rappaport Hovav (1995) e Hale e Keyser (2002). Os principais resultados dessas pesquisas foram explicitados no capítulo 1. Vários outros trabalhos foram desenvolvidos para o inglês (ver referências em LEVIN, 1993 e em LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005) e para outras línguas. Não tentamos aqui fazer uma descrição completa da extensa bibliografia sobre o assunto, mas como exemplos, podemos citar Eliseu (1984) e Duarte (2006) para o português europeu, Brousseau e Ritter (1991) e Labelle (1992) para o francês, Cuervo (2008) para o espanhol, Chen-Yu Hsieh e Hsieh (2011) para o chinês, Richa (2008) para o hindí, Yeon (2001) para o coreano, Oyharçabal (2003) para o basco, Yamaguchi (1998) e Horvath e Siloni (2011a) para o japonês, Beavers e Zubair (2013) para o sinhala, Alexiadou e Anagnostopoulou (2004) para o grego, Frense e Bennett (1996) para o alemão, Horvath e Siloni (2011a) e Rákosi (2012) para o húngaro e Haspelmath (1987, 1993) para um estudo tipológico. Para o PB, podemos citar vários trabalhos, como os de Whitaker-Franchi (1989), Souza (1999), Negrão e Viotti (2008), Ciríaco e Caçado (2009), Caçado e Amaral (2010), Ribeiro (2010), Caçado *et al.* (2013), Carvalho e Costa (2014), dentre outros. Outras referências podem ser encontradas em Caçado *et al.* (2013). Nos trabalhos citados, à exceção de Ciríaco e Caçado (2009), Caçado e Amaral (2010) e Caçado *et al.* (2013), nem sempre a alternância causativo-incoativa é tratada da mesma forma como o fazemos neste trabalho.

Nesta pesquisa, não propomos uma nova análise para a alternância. Assumimos a análise de Caçado *et al.* (2013), com uma pequena modificação, e frisamos que a alternância causativo-incoativa é um tipo de alternância lexical, assumida como tal desde Jackendoff (1975) e Wason (1977), específica dos verbos de mudança de estado, e que não pode ser confundida com outros tipos semânticos de alternância (como os que mostraremos nas seções seguintes), mesmo que na sintaxe, superficialmente, se pareçam com a alternância causativo-incoativa. A proposta de Caçado *et al.* (2013) tem vários pontos originalmente desenvolvidos pelas autoras, porém se baseia em grande parte em propostas importantes da literatura, como os trabalhos de Fillmore (2003 [1970]), Lakoff (1970), Parsons (1990), Levin

e Rappaport Hovav (1995) e Hale e Keyser (2002). Passemos agora à explicitação dessa proposta.

A alternância causativo-incoativa, como formulada na literatura, pode ser caracterizada pela dupla estruturação sintático-semântica de um verbo, em uma forma transitiva/causativa ou em uma forma intransitiva/incoativa:

- (91) a. A soprano quebrou a taça de cristal.
b. A taça de cristal (se) quebrou.

Em PB, a forma intransitiva dessa alternância pode ser marcada com o clítico *se* (ou outros correspondentes às outras pessoas do discurso), que, nesses casos, não possui valor argumental (CAMACHO, 2003). Como mostramos no capítulo 1, não se trata de uma reflexivização; a sentença em (b) acima não pode ser parafraseada por *a taça de cristal quebrou a si mesma/ela mesma*, o que mostra que o *se* não representa um argumento do verbo, não podendo ser substituído pelo pronome anafórico tônico.

Seguindo autores como Lakoff (1970) e Parsons (1990), Cançado *et al.* (2013) propõem que enquanto a sentença transitiva em (a) apresenta uma causação e uma mudança de estado, a sentença intransitiva em (b) apresenta apenas a mudança de estado. Essa afirmação pode ser corroborada a partir das paráfrases abaixo, propostas no trabalho de Lakoff (1970):

- (92) A soprano quebrou a taça de cristal. ⇨ A soprano fez a taça de cristal tornar-se quebrada.
(93) A taça de cristal (se) quebrou. ⇨ A taça de cristal tornou-se quebrada.

Como argumentam Haspelmath (1993), Schepper (2010), Rappaport Hovav e Levin (2012), Rákosi (2012), Horvath e Siloni (2011a, 2011b, 2013) e Cançado *et al.* (2013), as sentenças intransitivas com verbos como *quebrar* denotam eventualidades espontâneas e não é possível retomar a presença de um agente nessas sentenças. Dessa forma, como já mostramos, essas sentenças, diferentemente das passivas, em que existe o agente semanticamente, não aceitam orações subordinadas de finalidade. Por exemplo:

- (94) A soprano quebrou a taça de cristal para irritar o vizinho.
(95) A taça de cristal foi quebrada para irritar o vizinho.

(96) Quebrou-se a taça de cristal para irritar o vizinho.

(97) *A taça de cristal (se) quebrou para irritar o vizinho.

Ainda, essas sentenças não acarretam que houve uma causa da mudança de estado, como argumentam Rappaport Hovav e Levin (2012), Rákosi (2012) e Horvath e Siloni (2011a, 2011b, 2013), sendo compatíveis com modificadores que denotam a espontaneidade, como *do nada/sem ninguém fazer nada*:

(98) A taça de cristal (se) quebrou do nada.

(99) A taça de cristal (se) quebrou sem ninguém fazer nada.

Rákosi (2012) argumenta que esse tipo de modificação (em sua argumentação, o autor utiliza expressões como *sozinho/por si só*) é usado para negar a existência de uma causa do evento, se esta tiver sido afirmada no discurso. Segundo o autor, a possibilidade de ocorrência dessas expressões em incoativas evidencia a ausência total da causa do evento nessas sentenças.²⁶

Assim, assumindo que esse tipo de alternância possui uma relação semântica com causação e com mudança de estado, Cançado *et al.* (2013) propõem que a nomenclatura mais adequada para o fenômeno seja mesmo “alternância causativo-incoativa”. A forma transitiva contém as propriedades semânticas de causação e de incoação e a forma intransitiva contém apenas a propriedade semântica de incoação (relacionada à paráfrase *tornar-se estado*; LAKOFF, 1970). De fato, muitos autores afirmam que para participar da alternância causativo-incoativa um verbo deve denotar uma mudança de estado (FILLMORE, 2003 [1970]; LAKOFF, 1970; LEVIN, 1993; HASPELMATH, 1993, dentre outros).

Com base nas argumentações de Parsons (1990), Cançado *et al.* (2013) propõem que a lexicalização de mudança de estado pode ser diferenciada de afetações mais amplas pelo acarretamento de *tornar-se estado*, em que o estado é morfologicamente relacionado ao verbo. Acrescentamos à argumentação das autoras que verbos de mudança de estado devem estar associados ao maior nível da escala de afetação, ou seja, mudança quantizada (relembrando, o verbo deve especificar o ponto final da escala na qual o argumento afetado se move). Assumiremos que a escala nos verbos de mudança de estado pode ser de três tipos:

²⁶ Com isso, não estamos afirmando que não há uma causa ou motivação do evento no mundo, mas que não há o componente semântico de causa na sentença incoativa; nessa forma sintática, o evento é conceptualizado e caracterizado linguisticamente como espontâneo, mesmo que não seja de fato espontâneo no mundo.

afetação física (como no caso de *quebrar*, *abrir*, etc.), afetação psicológica (como no caso de *assustar* e outros verbos psicológicos) e um tipo de afetação institucional, que veremos mais à frente (como no caso de verbos do tipo de *nacionalizar*). Ainda, o acarretamento de *tornar-se estado* deve refletir uma lexicalização desse sentido no verbo, ou seja, deve ser um tipo de acarretamento lexical, do próprio item, no sentido de Dowty (1991).

Para chegar a uma representação semântica mais formalizada e específica da mudança de estado, Cançado *et al.* (2013) propõem um tipo de representação semântica em termos de decomposição de predicados. Baseadas em trabalhos anteriores, como o de Levin e Rappaport Hovav (2005), as autoras propõem que para que um verbo participe da alternância causativo-incoativa sua representação semântica deve possuir a seguinte estrutura de decomposição de predicados:

(100) *v*: [BECOME [Y <STATE>]]

Como já mencionamos, nessa estrutura, BECOME denota mudança e é monoargumental, tomando [Y <STATE>] como argumento; Y representa o argumento do verbo e <STATE> é um predicado de um lugar que toma Y como argumento, além de ser o estado final idiossincrático de cada verbo. Cançado *et al.* (2013) mostram que os 682 verbos de mudança de estado do PB catalogados por elas participam da alternância causativo-incoativa. Para todos esses verbos, a única restrição para a alternância é a estrutura semântica em (100). Dessa forma, é possível argumentar que a alternância é lexical, pois a única restrição para sua ocorrência é o sentido lexical do verbo. Na determinação dessa alternância, não entram em jogo quaisquer outras propriedades semânticas, sintáticas, pragmáticas ou morfológicas, além do sentido lexical específico do verbo. De acordo com Wason (1977, p. 330), “regras lexicais não devem poder se referir a aspectos dos ambientes em que um item lexical ocorre, além daqueles aspectos que devem, por razões independentes, estar incluídos em entradas lexicais de qualquer modo”.²⁷

Antes de seguirmos com a análise, retomamos alguns exemplos de verbos de mudança de estado, com suas estruturas semânticas:

²⁷ Do original: “lexical rules ought not to be able to refer to aspects of the environments in which the lexical items appear, other than those aspects that must for independent reasons be included in the lexical entries anyway” (tradução nossa).

(101) *abrir*: [BECOME [Y <ABERTO>]]

- a. O mordomo abriu a porta.
- b. A porta (se) abriu.

(102) *assustar*: [BECOME [Y <ASSUSTADO>]]

- a. A bruxa assustou as crianças.
- b. As crianças (se) assustaram.

Vimos que, além da mudança de estado, as formas transitivas apresentam o elemento semântico da causação, que na literatura (DOWTY, 1979; PINKER, 1989; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005) é representado pelo predicado primitivo CAUSE, que toma dois subeventos como argumentos, o subevento causador e o subevento resultante. Assim, a semântica lexical dos verbos que participam da alternância causativo-incoativa pode ser representada por dois tipos de estruturas semântico-lexicais, uma para cada contraparte sintática do verbo:

(103) v: [BECOME [Y <STATE>]] / [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

Na estrutura causativa, [X ACT_(VOLITION)] é o primeiro argumento de CAUSE e representa o agente ou a causa responsável pela mudança de estado.

De uma forma geral, a alternância causativo-incoativa pode ser representada pela dupla estrutura em (103) e para que um verbo ocorra na alternância basta que ele seja um verbo de mudança de estado. Entretanto, os verbos dessa classe do PB, segundo Cançado *et al.* (2013), apresentam algumas especificidades em relação ao primeiro subevento da forma causativa. Verbos como *nacionalizar* somente aceitam agentes nessa posição, verbos como *quebrar* aceitam tanto agentes quanto causas e verbos como *preocupar* e *amadurecer* aceitam apenas causas. Essa diferenciação não é relevante para a alternância causativo-incoativa, porém determina outros fenômenos importantes, como a passivização e a ocorrência do *se* nas formas incoativas. Como essa discussão não tem relevância para a alternância, como já apontamos, não entraremos em detalhes sobre essas especificidades, porém faremos algumas ressalvas em relação aos verbos que apenas aceitam agentes na proposta de Cançado *et al.* (2013), já que tem sido proposto na literatura que verbos estritamente agentivos não participam da alternância (WHITAKER-FRANCHI, 1989; HASPELMATH, 1993; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995; REINHART, 2002; dentre outros autores).

Na proposta de Cançado *et al.* (2013), verbos de mudança de estado que somente aceitam sujeitos agentes são chamados de “estritamente volitivos”. Esse nome tem relação com o modificador VOLITION, que, na estrutura semântica desses verbos, deve estar sempre presente, indicando agentividade obrigatória. Alguns exemplos desses verbos são *nacionalizar*, *estatizar*, *legalizar* e *desqualificar*:

(104) a. O presidente nacionalizou a produção de gás natural.

b. A produção de gás natural (se) nacionalizou.

(105) a. O governador estatizou o hospital.

b. O hospital (se) estatizou.

(106) a. O presidente legalizou o divórcio no Brasil.

b. O divórcio (se) legalizou no Brasil.

(107) a. A CBF desqualificou o time perdedor.

b. O time perdedor (se) desqualificou.²⁸

As autoras afirmam que esses verbos descrevem eventos normalmente institucionais e, em decorrência desse fato, somente aceitam agentes na forma transitiva. Entretanto, apesar disso, em uma análise mais cuidadosa desses dados, percebemos que sujeitos com papel temático de causa podem ocorrer nessas sentenças:

(108) O novo acordo entre os estados nacionalizou a produção de gás natural.

(109) A aprovação da lei estatizou o hospital.

(110) A decisão do Conselho Nacional de Justiça legalizou o divórcio no Brasil.

(111) A décima derrota desqualificou o time.²⁹

Propomos, então, uma pequena alteração na proposta de Cançado *et al.* (2013): os verbos caracterizados pelas autoras como estritamente volitivos (que somente aceitam sujeitos agentes na forma transitiva) são na verdade opcionalmente volitivos e se encaixam no grupo de verbos de mudança de estado que aceitam tanto agentes como causas na posição de sujeito, como *quebrar*.

²⁸ Exemplos atestados de sentenças incoativas com esses verbos encontram-se no Anexo desta tese (p. 161). Ressaltamos que o *se* pode ser omitido em nosso dialeto (mineiro), mas nos dados reais apresentamos apenas sentenças com o clítico.

²⁹ Exemplos atestados de sentenças com sujeito causa com esses verbos encontram-se no Anexo desta tese (p. 161).

Com essa pequena modificação na proposta de Cançado *et al.* (2013), estamos aptos a considerar a questão da agentividade como uma restrição para a alternância causativo-incoativa. Várias propostas na literatura, como Whitaker-Franchi (1989), Haspelmath (1993), Levin e Rappaport Hovav (1995) e Reinhart (2002), assumem que para que um verbo participe da alternância causativo-incoativa este não pode ser estritamente agentivo, ou seja, deve aceitar um argumento com papel temático de causa na posição de sujeito. Na proposta de Cançado *et al.* (2013), os verbos estritamente volitivos são cruciais para a contra-argumentação dessa restrição e evidenciam que apenas a lexicalização do sentido de mudança de estado é suficiente para que um verbo alterne. Porém, como propomos que esses verbos são na verdade opcionalmente volitivos, a questão da agentividade volta à tona como uma possível restrição à alternância. Percebemos, assim como Cançado *et al.* (2013), que não é necessário fazer menção a essa restrição, pois um verbo ser de mudança de estado já é uma condição necessária e suficiente para a ocorrência da alternância. Em uma análise empírica dos verbos de mudança de estado do PB (elencados em CANÇADO *et al.*, 2013 e no Apêndice deste trabalho) atestamos que todos os verbos desse tipo aceitam uma causa na posição de sujeito.

Concluímos, portanto, que a agentividade não é um fator a ser considerado como restrição para a alternância causativo-incoativa, mas que dentre os verbos de mudança de estado não existem verbos estritamente agentivos, por isso, há uma forte tendência de que verbos alternantes aceitem agentes e causas na posição de sujeito.

Por fim, ressaltamos também que a alternância causativo-incoativa no PB pode ter duas diferentes direções: incoativização ou causativização. Cançado *et al.* (2013) propõem que os verbos que aceitam o clítico *se* na forma incoativa são basicamente causativos, no sentido de que possuem CAUSE em sua estrutura semântica, e a alternância causativo-incoativa é, nesses casos, uma incoativização, ou seja, uma supressão da causação na sintaxe, deixando na sentença intransitiva apenas o sentido de mudança de estado. As autoras se baseiam na proposta de Haspelmath (1987), que assume que a marca morfossintática indica a estrutura sintática derivada.

Diferentemente, alguns verbos de mudança de estado não admitem a inserção do *se* na forma incoativa. Assim, como as formas derivadas tendem a ser marcadas, como propõe Haspelmath (1987), Cançado e Amaral (2010) e Cançado *et al.* (2013) propõem que esses verbos sejam basicamente incoativos e que o processo sofrido por eles na alternância causativo-incoativa é uma causativização, ou seja, ocorre a inserção de uma causação no

verbo incoativo. Assim, a estrutura básica desses verbos é somente a estrutura que representa a incoação. Alguns exemplos são *murchar*, *adoecer*, *apodrecer* e *amadurecer*:

- (112) a. A rosa murchou.
 b. *A rosa se murchou.
- (113) a. O bebê adoeceu.
 b. *O bebê se adoeceu.
- (114) a. A fruta apodreceu.
 b. *A fruta se apodreceu.
- (115) a. A fruta amadureceu.
 b. *A fruta se amadureceu.

Podemos dizer também que esses verbos são basicamente incoativos por denotarem justamente eventos espontâneos. Como argumentamos, as sentenças incoativas denotam apenas uma mudança de estado, que é conceptualizada como espontânea. No caso desses verbos, os eventos descritos são espontâneos por natureza (*murchar*, *adoecer*, *apodrecer* e *amadurecer* são processos que ocorrem naturalmente no mundo sem ninguém fazer nada), sendo, portanto, a forma básica desses verbos aquela que descreve apenas a mudança de estado, sem mencionar uma causa.

Quando causativizados, esses verbos aceitam somente a inserção de CAUSE com um argumento do tipo [X ACT], que representa um evento. Segundo Levin (2009), com base nas propostas de Wright (2001, 2002) e em dados do inglês apresentados por McKoon e Macfarland (2000), a forma transitiva de verbos incoativos (chamados pela autora de verbos de mudança de estado internamente causada), são bastante limitadas, apresentando na posição de sujeito apenas forças naturais e fenômenos relacionados à natureza. Segundo Levin (2009, p. 5), esses verbos “descrevem mudanças em entidades biológicas que são inerentes a seu curso natural de desenvolvimento [...]; porém essas mudanças podem ser externamente desencadeadas, facilitadas ou reguladas por forças naturais ou outros fenômenos ambientais.”³⁰ A autora conclui que esses verbos são basicamente incoativos e que podem passar por um processo de causativização.

³⁰ Do original: “[...] describe changes in biological entities that are inherent to their natural course of development [...]; however, they may be externally triggered, facilitated, or regulated by certain natural forces or other environmental phenomena” (tradução nossa).

As observações feitas por Levin (2009) para o inglês podem ser aplicadas aos dados do PB. Os verbos *murchar*, *adoecer*, *apodrecer* e *amadurecer* se encaixam na descrição da autora, que citamos. Com as argumentações de Levin (2009) e a ausência do *se* nas formas incoativas desses verbos, podemos afirmar que também em PB ocorre com os incoativos um processo de causativização.

Em resumo, Caçado *et al.* (2013) propõem que os verbos de mudança de estado, que possuem em sua representação semântico-lexical a estrutura [BECOME [Y <STATE>]], podem ocorrer na alternância causativo-incoativa. O sentido lexical dos verbos, representado por essa estrutura, é a única restrição para a alternância. Além disso, pode ocorrer incoativização, e nesse caso as incoativas podem ser marcadas com o *se*, ou, causativização, caso em que a marcação com *se* nas incoativas não é licenciada. É importante ressaltar também que as autoras assumem que as incoativas descrevem eventos espontâneos.

Como já apontamos, a proposta das autoras é mais refinada que as propostas que utilizam papéis temáticos, pois consegue capturar de maneira mais precisa a propriedade semântica de mudança de estado, conseguindo explicar, por exemplo, a alternância com verbos que possuem argumento interno experienciador, como *assustar*. Novamente, ressaltamos que a alternância é lexical e é restrita unicamente pela estrutura [BECOME [Y <STATE>]]. Autores como Jackendoff (1975), Wason (1977), Levin e Rappaport Hovav (1995), Piñón (2001) e Hale e Keyser (2002) também afirmam que o processo é lexical no inglês; Reinhart e Siloni (2005) e Horvath e Siloni (2011a) fazem a mesma afirmação, assumindo um caráter universal. No PB, Caçado e Amaral (2010) e Ciriaco (2011) também assumem essa perspectiva. Podemos reiterar essa afirmação constatando que a única restrição para a ocorrência desse fenômeno é a presença da lexicalização do sentido de mudança de estado no verbo em questão. Não são necessárias quaisquer outras condições, de caráter sintático, semântico, pragmático ou morfológico.

Para finalizar esta seção, notamos que a alternância causativo-incoativa é um fenômeno semântico que tem escopo sobre um agrupamento de verbos decorrente de uma classificação do tipo *medium-grained*, ou seja, os verbos que participam da alternância causativo-incoativa compartilham toda a estrutura [BECOME [Y <STATE>]] em suas representações semânticas (as especificidades dos subeventos causadores não são relevantes). Se a alternância causativo-incoativa permite que um verbo descreva um evento pelo ponto de vista da mudança de estado, simplesmente com o argumento afetado, ou pelo ponto de vista da causa dessa mudança de estado, então essa alternância semântico-lexical dará origem, na sintaxe, à alternância transitivo-intransitiva.

3.2 Construções de resultado

Negrão e Viotti (2008) e Carvalho e Costa (2014) argumentam que a alternância causativo-incoativa no PB está se expandindo para outras classes de verbos, para além dos verbos de mudança de estado. Apresentamos alguns exemplos das autoras:

(116) Esse tipo de material vai copiar bem rápido. (NEGRÃO; VIOTTI, 2008, p. 190)

(117) A roupa já lavou. (CARVALHO; COSTA, 2014, p. 146)

Verbos como *copiar* e *lavar* não são de mudança de estado, pois não acarretam *tornar-se estado*:

(118) O Fred copiou o material. ~⊢ O material tornou-se copiado.

(119) A faxineira lavou a roupa. ~⊢ A roupa tornou-se lavada.

Para sentenças com esses verbos, não podemos afirmar que um resultado final do tipo *tornar-se estado* foi obtido, como mostramos acima. Ainda, o sentido dos adjetivos *copiado* e *lavado* não parece estar contido no sentido dos verbos *copiar* e *lavar*. *Lavado*, por exemplo, quer dizer *todo lavado* ou *bem lavado*, tendo um sentido mais específico que o do verbo. Compare as sentenças acima com um exemplo de verbo de mudança de estado, em que o resultado final *tornar-se estado* não pode ser negado:

(120) O menino quebrou a vidraça. ⊢ A vidraça tornou-se quebrada.

No caso de *lavar* e de *copiar* podemos ter a negação de tal resultado: *a faxineira lavou a roupa, mas a roupa não ficou lavada; tive que lavar tudo de novo/ o menino copiou o material, mas o material não ficou copiado; a impressora estava sem tinta*.

Retomando as argumentações de Dowty (1979), de Fillmore (2003 [1970]) e de Parsons (1990), nas quais Cançado *et al.* (2013) se baseiam, um verbo de mudança de estado deve lexicalizar uma mudança do tipo *tornar-se estado*, em que o estado é morfologicamente relacionado ao verbo. De acordo com Fillmore (2003 [1970]), verbos como *lavar* e *copiar* não acarretam que houve uma mudança essencial nas propriedades dos participantes denotados pelos objetos diretos. Há um tipo de afetação mais ampla, mas não uma mudança de estado.

Os argumentos internos desses verbos possuem outras caracterizações semânticas e, por isso, esses verbos não são representados por uma estrutura que contém [BECOME [Y <STATE>]].

Também com a hierarquia de afetação de Beavers (2011) e através de representações semânticas por decomposição de predicados é possível explicitar melhor que características semânticas *copiar* e *lavar* possuem, para não serem considerados verbos de mudança de estado. Para *copiar*, não existe uma “escala de cópia” em que *y* se move a partir de um ponto “não copiado” até um ponto final “copiado”. Podemos analisar esse verbo da mesma forma como analisamos *alugar* no primeiro capítulo: trata-se do menor grau de afetação, a mudança não especificada. O verbo não acarreta nenhum tipo de mudança para seu argumento interno, nem de estado e nem de lugar, e também não há contato necessário entre os participantes do evento. Podemos imaginar uma situação em que alguém copia um texto que está afixado em uma parede; nesse caso, a afetação causada pelo evento nesse objeto é realmente mínima. Para esse verbo, Amaral e Cançado (2014) propõem uma estrutura semântica como a seguinte:

(121) *copiar*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [<CÓPIA> OF Y]]

Segundo as autoras, esses verbos lexicalizam a realização de um evento por parte do agente X, e existe outro participante Y que participa desse evento. Uma paráfrase plausível para *o Fred copiou o material* é *o Fred fez a cópia do material*. Essa paráfrase é proposta na literatura por Piñón (2010) e por Godoy (2012) e é paralela à estrutura semântica desse verbo proposta pelas autoras. A raiz <CÓPIA> denota um evento, sendo ontologicamente classificada como *event*. Na estrutura, CAUSE é o predicado primitivo que estabelece uma relação causal entre dois subeventos, [X ACT_{VOLITION}] e [<CÓPIA> OF Y]. O segundo subevento é formado pela raiz, pela variável Y e por um predicado primitivo que os relaciona, OF.³¹ Na literatura, preposições são geralmente assumidas como predicadores diádicos (HALE; KEYSER, 2002; NEGRÃO *et al.*, 2008), portanto, o predicado OF é biargumental, tomando <CÓPIA> e Y como argumentos e relacionando a raiz a Y. Apesar de não ser um

³¹ Um problema da estrutura proposta pelas autoras é a caracterização do sentido de OF, como apontou a Profa. Dra. Luisa Godoy durante a defesa da qualificação. Seguindo a proposta de Cançado (2009), sobre preposições atribuidoras e não atribuidoras de papel temático, podemos aqui argumentar, pelo menos, que existe um sentido específico dessa preposição e que ela atribui papel temático, o que motiva sua existência como um predicado primitivo. Para observar tal atribuição, podemos comparar sintagmas como *a cópia do quadro* e *a cópia no quadro*. Em ambos os casos há atribuição de papel temático pela preposição; é possível perceber que *de* no primeiro sintagma atribui papel temático de afetado a *o quadro*, enquanto *em*, no segundo sintagma, atribui a *o quadro* o papel de locativo.

verbo de mudança de estado, esse verbo descreve um resultado final do evento, que é a cópia de algo.

Para o verbo *lavar*, podemos dizer que há uma escala de limpeza em que possivelmente *y* se move, ou seja, quando lavamos algo, possivelmente causamos uma mudança de estado nesse objeto, mas não necessariamente. Esse verbo pode ser caracterizado, portanto, a partir de um grau de afetação menor que o dos verbos de mudança de estado; na hierarquia, ele faz parte das mudanças potenciais. Além disso, esses verbos também acarretam contato entre agente (ou instrumento utilizado pelo agente) e entidade afetada, o que é também característica dos casos de mudança potencial. Na proposta de Meirelles e Cançado (2014b), *lavar* é representado semanticamente pela seguinte estrutura:

(122) *lavar*: [X AFFECT <LAVAR> Y]

Levin e Rappaport Hovav (1991) propõem que verbos como *lavar* não são causativos, denotando uma maneira de agir de X. Em um refinamento das ideias das autoras, Meirelles e Cançado (2014b) propõem que esses verbos lexicalizam uma maneira de X afetar Y. Portanto, na estrutura, AFFECT é um predicado primitivo biargumental, que toma X e Y como argumentos. Ainda, esse predicado pode ser modificado por uma raiz de categoria ontológica *manner*. Uma diferença importante entre verbos como *lavar* e verbos que possuem CAUSE em sua estrutura semântica é a ausência de um resultado final na semântica desses verbos. *Lavar* especifica apenas uma maneira de X afetar Y e não especifica nenhum tipo de resultado final do evento. Cançado *et al.* (em prep.) propõem que esses verbos podem ser associados a uma paráfrase do tipo *a faxineira lavou a roupa/a faxineira afetou a roupa, lavando-a*.

Além dos verbos *copiar* e *lavar*, outros, que também não lexicalizam mudança de estado de acordo com Cançado *et al.* (2013) e Cançado *et al.* (em prep.), podem também apresentar uma forma intransitiva como propõem Negrão e Viotti (2008, 2011) e Carvalho e Costa (2014). Apresentamos alguns exemplos em que não há o acarretamento de mudança de estado (nas sentenças em (a)), mas, mesmo assim, ocorre a forma intransitiva (apresentadas em (b)):³²

(123) a. Alguém carregou o caminhão. ~┐O caminhão se tornou carregado.

b. O caminhão carregou muito rápido.

³² Devido à maior dificuldade no julgamento de sentenças intransitivas desse tipo, utilizamos nesta parte da análise apenas dados atestados (apresentados no Anexo, p. 161).

- (124) a. Alguém cozinhou o frango. ~┐ O frango se tornou cozido.
 b. O frango cozinhou.
- (125) a. O corretor alugou o apartamento. ~┐ ?O apartamento se tornou alugado.³³
 b. O apartamento já alugou.
- (126) a. Alguém centrifugou a roupa. ~┐ ?A roupa se tornou centrifugada.
 b. A roupa centrifugou direitinho.

Ao contrário de Negrão e Viotti (2008) e de Carvalho e Costa (2014), Ciríaco e Cançado (2009) propõem que essa forma intransitiva não resulta de um processo lexical de alternância causativo-incoativa. Para as autoras, não se trata de uma expansão da alternância causativo-incoativa para outras classes de verbos, mas de um fenômeno semântico distinto, que elas chamam de “ergativas periféricas”. Dados desse tipo também são apresentados em Negrão e Viotti (2011) como resultado de um tipo de fenômeno distinto da alternância causativo-incoativa. As autoras nomeiam tais sentenças de “absolutas” (fazendo uma analogia a línguas com sistema de caso ergativo-absolutivo, em que o sujeito de uma sentença intransitiva recebe a mesma marca de caso absolutivo que o objeto direto de uma sentença transitiva, em oposição ao sujeito de sentenças transitivas, marcado com o caso ergativo). Por razões que serão apresentadas mais à frente, propomos chamar as sentenças intransitivas exemplificadas em (116), (117), (123b), (124b), (125b) e (126b) de “construções de resultado”. A seguir, apresentamos uma comparação entre essas construções e as sentenças incoativas.

A partir dos exemplos apresentados, podemos elencar uma série de diferenças entre as construções de resultado e as incoativas. Primeiramente, as sentenças incoativas apresentam total supressão do argumento agente/causa do verbo, caracterizando-se como eventos espontâneos (HASPELMATH, 1993; SCHEPPER, 2010; HORVATH; SILONI, 2011a, 2011b; RÁKOSI, 2012; dentre outros autores). Assim, é possível acrescentar modificadores que explicitem tal espontaneidade a essas sentenças, como já mostramos na seção anterior. Retomamos alguns exemplos:

- (127) O copo quebrou do nada/sem ninguém fazer nada.
 (128) A menina se assustou do nada/ sem ninguém fazer nada.

³³ Argumentos que evidenciam que esse verbo não denota mudança de estado são apresentados no capítulo 1.

Entretanto, as construções de resultado não aceitam o tipo de modificação exemplificado acima, o que mostra que, ao contrário das incoativas, elas não descrevem eventos espontâneos:

- (129) *A roupa lavou do nada/ sem ninguém fazer nada.
- (130) *O material copiou do nada/sem ninguém fazer nada.
- (131) *O caminhão carregou do nada/ sem ninguém fazer nada.
- (132) *O frango cozinhou do nada/ sem ninguém fazer nada.
- (133) *O apartamento alugou do nada/ sem ninguém fazer nada.
- (134) *A roupa centrifugou do nada/ sem ninguém fazer nada.

Ainda, sentenças incoativas são acarretamentos de sentenças causativas (PARSONS, 1990), ou seja, se alguém quebrou o copo, necessariamente o copo quebrou, se alguém assustou a menina, necessariamente a menina se assustou e assim por diante. Já o inverso não ocorre: se o copo quebrou, não necessariamente algo/alguém quebrou o copo e se a menina se assustou, não necessariamente algo/alguém assustou a menina. Haspelmath (1993), e também Horvath e Siloni (2011a), argumentam que as incoativas se distinguem das passivas justamente por apresentarem uma total ausência da causa da mudança de estado. Nas passivas, há o acarretamento da transitiva: se o copo foi quebrado, necessariamente alguém quebrou o copo; se a menina foi assustada, necessariamente alguém assustou a menina.

Nas construções de resultado, semelhantemente às passivas e diferentemente das incoativas, há um acarretamento no sentido inverso, é a intransitiva que acarreta a transitiva. Ou seja, se o material já copiou, necessariamente alguém copiou o material, se a roupa já lavou, necessariamente alguém lavou a roupa, se o caminhão já carregou, necessariamente alguém carregou o caminhão, se o apartamento já alugou, necessariamente alguém alugou o apartamento e assim por diante.

Além disso, o clítico *se* ocorre nas incoativas com verbos de mudança de estado que aceitam um argumento agente na forma transitiva (CANÇADO *et al.*, 2013); porém, a inserção do clítico não é licenciada nas construções de resultado, mesmo sendo os verbos participantes dessa construção todos agentivos:

- (135) *O material se copiou.
- (136) *A roupa se lavou.
- (137) *O caminhão se carregou.

(138) *O frango se cozinhou.

(139) *O apartamento se alugou.

(140) *A roupa se centrifugou.

Por fim, indicamos como diferença entre as construções de resultado e as incoativas o fato de que as primeiras apenas se tornam gramaticais em contextos sentenciais específicos, de preferência com o uso de modificadores ou em perguntas. As incoativas, por sua vez, não precisam de qualquer contexto sentencial específico para ocorrer com os verbos de mudança de estado. Vejamos alguns exemplos de incoativas ((141)-(144)) em contraposição a construções de resultado ((145)-(150)):

(141) A rosa murchou.

(142) O menino se assustou.

(143) A janela quebrou.

(144) O curso se desqualificou.

(145) ?A roupa lavou.

(146) ?O livro copiou.

(147) ?O caminhão carregou.

(148) ?O frango cozinhou.

(149) ?O apartamento alugou.

(150) ?A roupa centrifugou.

A introdução de outros elementos na sentença faz com que as construções fiquem perfeitamente gramaticais:

(151) Veja no xerox se nosso livro já copiou.

(152) Mãe, minha meia de jogar bola lavou?

(153) O caminhão de bananas já carregou.

(154) O frango cozinhou rapidinho.

(155) O apartamento que você queria já alugou.

(156) A roupa centrifugou normalmente?

A necessidade de um contexto sentencial específico para que as construções de resultado sejam licenciadas sugere que esse fenômeno não é lexical como a alternância

causativo-incoativa. Existem para a formação das construções de resultado mais restrições que o simples sentido lexical dos verbos. De acordo com Rappaport Hovav (2014), na alternância causativo-incoativa, qualquer situação que puder ser descrita pela forma causativa de um verbo alternante pode também ser descrita pela forma incoativa do mesmo verbo. Isso não ocorre no caso das construções de resultado, já que nesses casos é necessário um tipo de contexto específico para que as sentenças sejam licenciadas. Ainda, a alternância causativo-incoativa ocorre sistematicamente com os 682 verbos de mudança de estado descritos em Cançado *et al.* (2013). Diferentemente, construções de resultado ocorrem em 36 dos verbos utilizados como dados para esta pesquisa e não há regularidade nesses verbos, ou seja, a construção de resultado ocorre com verbos de diferentes tipos semânticos.³⁴

Em resumo, as construções de resultado são diferentes das incoativas por suas propriedades semânticas, por dependerem de um contexto sentencial apropriado para serem licenciadas e, ainda, por ocorrerem com um grupo de verbos heterogêneo. Apenas a forma sintática dessas construções é semelhante à forma incoativa. Concluimos, assim, discordando de Negrão e Viotti (2008) e de Carvalho e Costa (2014) e concordando com Ciriaco e Cançado (2009), que as formas intransitivas de verbos como *copiar* e *lavar* não são sentenças incoativas e não resultam de um processo de alternância causativo-incoativa. Mostramos, a seguir, alguns verbos que aceitam esse tipo de sentença e quais são as restrições para a ocorrência desse fenômeno.³⁵

A partir da coleta de dados, verificamos que verbos de quatro diferentes classes em um nível *medium-grained*, já descritas em trabalhos para o PB, podem formar construções de resultado: a classe dos verbos com nomes eventivos (AMARAL; CANÇADO, 2014), à qual pertencem os verbos *copiar* e *alugar*, a classe de verbos de modo de afetação (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1991; MEIRELLES; CANÇADO, 2014b), à qual pertencem os verbos *lavar* e *cozinhar*, a classe de verbos de mudança de posse (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; CANÇADO *et al.*, 2013), à qual pertence o verbo *carregar*, e a classe de

³⁴ Ressaltamos que utilizamos como dados para esta análise somente exemplos atestados, por isso limitamos a nossa exemplificação a esses 36 verbos. Porém, existe um número bem maior de verbos que, conforme nossa intuição de falantes nativos do PB, aceitam a construção de resultado. Tais dados serão publicados em breve em Cançado *et al.* (em prep.).

³⁵ Carvalho e Costa (2014) propõem uma explicação em termos sintáticos para a alternância transitivo-intransitiva com esses verbos. Nossa proposta diverge da das autoras em dois pontos: primeiro, acreditamos que as explicações para esse fenômeno se baseiam na semântica e na pragmática e, segundo, assumimos que essa alternância é diferente da causativo-incoativa. Para Carvalho e Costa (2014), verbos como *lavar* participam da alternância causativo-incoativa e alternam porque o clítico *se* está sendo cada vez menos usado em PB, assim, há menos restrições morfológicas para a alternância, o que faz com que ela seja compatível com um número maior de verbos. Para nós, as construções de resultado não são uma “expansão” da alternância causativo-incoativa devida à decadência do *se*, mas outro fenômeno linguístico, que apenas sintaticamente se manifesta semelhantemente à alternância causativo-incoativa.

verbos instrumentais (MEIRELLES; CANÇADO, 2014b), à qual pertence o verbo *centrifugar*.³⁶ Apresentamos a seguir as estruturas de decomposição de predicados para essas classes:

(157) *verbos com nomes eventivos*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

Exemplos: *alugar, copiar*

(158) *verbos de modo de afetação*: [X AFFECT_{<MANNER>} Y]

Exemplos: *cozinhar, lavar*

(159) *verbos instrumentais*: [X AFFECT_{<THING>} Y]

Exemplo: *centrifugar*

(160) *verbos de mudança de posse*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [Y WITH <THING>]]]

Exemplo: *carregar*

Como já mencionamos, *copiar*, assim como os outros verbos com nomes eventivos, lexicalizam a realização de um evento por parte do agente X em um participante Y. Assim, na estrutura, CAUSE é o predicado primitivo que estabelece uma relação causal entre dois subeventos, [X ACT_{VOLITION}], que representa a ação, e [<EVENT> OF Y], que representa o tipo de resultado lexicalizado pelo verbo (no caso de *copiar*, a cópia de algo e no caso de *alugar*, o aluguel de algo). O segundo subevento é formado pela raiz, pela variável Y e por um predicado primitivo que os relaciona, OF.

Verbos de modo de afetação, como *lavar*, e os instrumentais, como *centrifugar*, não possuem CAUSE em sua estrutura semântica e lexicalizam uma afetação de X sobre Y. A diferença entre esses verbos é que no caso do modo de afetação, a raiz que modifica AFFECT é de categoria ontológica *manner*, enquanto que no caso dos instrumentais a raiz que modifica o mesmo predicado é de categoria *thing*. Segundo Meirelles e Cançado (2014b), essa distinção é relevante, pois verbos de modo de afetação aceitam qualquer tipo de adjunto instrumento, enquanto verbos instrumentais, por especificarem o instrumento em sua estrutura semântica, apenas aceitam adjuntos instrumentais cognatos (ou hiponímicos e hiperonímicos). Mostramos alguns exemplos:

³⁶ Em nossos dados, há alguns verbos ainda não descritos em PB, para os quais não foi possível estabelecer uma classe de nível *medium-grained*.

- (161) A dona Marta lavou a roupa com água/ com sabão em pó/ com uma máquina/ com detergente/ com uma bucha/ com uma escova.
- (162) O químico centrifugou a solução com uma centrífuga moderna/*com uma colher/*com uma tesoura.

A quarta classe que possui verbos que formam construções de resultado é a dos verbos de mudança de posse, conhecidos também como *locatum* (CLARK; CLARK, 1979; HALE; KEYSER, 2002). Retomando o exposto no capítulo 2, para Rappaport Hovav e Levin (1998), assim como para Cançado *et al.* (2013) em uma análise do PB, esses verbos denotam uma mudança de posse de Y em relação ao nome contido no verbo. Assim, *carregar Y* acarreta que Y passa a ter carga. Dessa forma, a estrutura semântica desses verbos contém uma causação representada por CAUSE e os argumentos desse predicado são o subevento de ação, representado por [X ACT_{VOLITION}], e o subevento de resultado (que denota uma mudança de posse de Y), representado por [BECOME [Y WITH <THING>]]. A raiz é de categoria ontológica *thing*, já que existe um nome, que denota uma entidade, contido no sentido desses verbos.

Os verbos das classes descritas apresentam duas propriedades semânticas em comum: são agentivos e biargumentais. Com base na classificação do tipo *coarse-grained*, proposta por Cançado e Gonçalves (a sair), que apresentamos no capítulo 2, esse agrupamento de verbos pode ser visto como uma classe de verbos mais ampla. Em uma classificação desse tipo, verbos que possuem propriedades semânticas em comum, que podem ser derivadas de diferentes representações semânticas, podem ser agrupados em classes mais gerais, se as propriedades semânticas compartilhadas forem relevantes para alguma propriedade gramatical.

Dessa forma, considerando que verbos dessas quatro classes em nível *medium-grained* podem ocorrer em construções de resultado, podemos agrupá-los em uma classe de verbos mais ampla, em um nível *coarse-grained*. Essa classe ampla pode ser caracterizada como contendo verbos que compartilham as propriedades semânticas de serem agentivos e biargumentais. Como apontamos no capítulo 2, essa classe reúne verbos que podem ser passivizados. Podemos, assim, representá-los da mesma forma como o fizemos no capítulo 2, através de uma estrutura temática. Poderíamos também utilizar a decomposição de predicados para descrever essas propriedades semânticas. Verbos biargumentais possuem representações semânticas que contêm duas variáveis, X e Y, e a agentividade pode ser derivada de estruturas que atribuem tal papel temático a X, como AFFECT_{<MANNER/THING>} e ACT_{VOLITION}.

Como já mostramos, essa classe tem como propriedades sintáticas a possibilidade de formação de sentenças passivas e a possibilidade de formação de construções de resultado. Entretanto, diferentemente do caso da passiva, que pode ocorrer com qualquer verbo agentivo biargumental, as construções de resultado não são licenciadas com todos os membros dessa classe:

(163) *A carta já escreveu. (verbos com nomes eventivos)

(164) *O prego já martelou. (verbos instrumentais)

(165) *A árvore de natal já ornamentou. (verbos de mudança de posse)

(166) *A roupa já esfregou. (verbos de modo de afetação)

Além disso, os verbos que apresentamos como exemplos de verbos que formam construções de resultado não alternam com qualquer tipo de argumentos, à exceção dos verbos *cozinhar* e *centrifugar*:

(167) *A sacola da senhora já carregou.

(168) A batata já cozinhou.

(169) *A calçada já lavou.

(170) *O terno do noivo já alugou.

(171) A sua calça verde já centrifugou.

Por esses motivos, propomos que há ainda, além da restrição lexical e do contexto sentencial, uma restrição pragmática sobre a formação desse tipo de sentenças intransitivas. Observamos nos dados que as construções de resultado apresentam algumas características semânticas peculiares. Parece-nos que há uma implicatura a partir dessas sentenças de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante. Esse agente/instrumento se empenha em realizar essa ação por um determinado tempo, não podendo ser esta uma ação que não tenha uma determinada duração. O falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado. Apresentamos a seguir alguns exemplos contextualizados, que explicitam essas implicaturas:

(172) Tônico é motorista de caminhão e dirige os caminhões que Gervázio carrega (mas não sabe que Gervázio é o carregador de seus caminhões). Quando ele chega na empresa de manhã, logo pergunta:

- Meu caminhão já carregou?

(173) A faxineira colocou todos os pratos, talheres, copos e panelas sujos do almoço na lava-louças. Ela se sentou e esperou a lavagem se completar. Quando ouviu o sinal sonoro indicando que o processo havia terminado, ela disse:

-Finalmente, a louça já lavou.

Agora mostramos as mesmas sentenças de resultado acima, porém em contextos em que as implicaturas especificadas não ocorrem:

(174) Gervázio é carregador de caminhões. Hoje de manhã ele carregou uma carreta. Quando terminou, disse:

- ???A carreta já carregou.

(175) A faxineira lavou manualmente, com bucha e detergente, todos os pratos, talheres, copos e panelas sujos do almoço. No final de sua tarefa, ela disse:

-???Finalmente, a louça já lavou.

Como em (174)-(175) não é possível se obter a implicatura de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e que o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado, as construções de resultado *a carreta já carregou* e *a louça já lavou* não são adequadas. Para reafirmar a diferença entre essas sentenças intransitivas e as sentenças do tipo incoativas, notamos que essa diferenciação contextual não ocorre nesse último caso. Compare os exemplos em (174)-(175) acima com o exemplo abaixo:

(176) Eu joguei o copo no chão com o objetivo de quebrá-lo. Ao final, exclamei: -o copo quebrou!

Para que a sentença incoativa em (176) seja adequada não é necessário que estejam presentes as implicaturas explicitadas acima.

Um tipo de restrição pragmática para alternâncias verbais, semelhante à que estamos propondo, é encontrado no trabalho de McCawley (1978). Segundo o autor, se um

mesmo verbo possui uma dupla configuração sintática, em que a transitiva explicita o agente e a intransitiva o omite, a intransitiva apenas pode ser usada se o falante não tiver testemunhado a ação do agente.³⁷ Podemos associar a restrição de McCawley (1978) à exigência de que o falante não presencie a ação. Como afirmamos, as construções de resultado geram uma implicatura nesse sentido. Como mostra o exemplo em (175), uma sentença como *a louça já lavou* não é adequada se dita pelo próprio agente que lavou a louça, tendo este testemunhado a ação. Concordamos com o autor e assumimos aqui que este é o caso das construções de resultado do PB.

Retomando os exemplos em (168) e (171) (*a batata já cozinhou* e *a sua calça verde já centrifugou*), podemos agora explicar a ocorrência de *cozinhar* e *centrifugar* na construção de resultado, que se dá aparentemente sem restrições com relação ao elemento em posição de objeto direto da forma transitiva/ sujeito nas formas intransitivas. Acreditamos que esses verbos não apresentem tais restrições porque todos os eventos descritos por eles ocorrem com a mediação clara de um instrumento (panelas e fogão para *cozinhar* e uma centrífuga para *centrifugar*). Esses instrumentos têm ainda uma característica bem peculiar, eles agem sozinhos enquanto o agente não está envolvido na ação. Assim, em todas as ocorrências, os verbos citados satisfazem a restrição pragmática para a alternância.

A existência de restrições pragmáticas para fenômenos de alternância verbal não é incomum em PB. Uma restrição similar é proposta, por exemplo, para a alternância agente-beneficiário, descrita em Cançado e Negrão (2010). Nesse caso, há uma alternância entre a forma canônica da sentença com o agente em posição de sujeito e uma forma em que o agente da ação fica em posição de complemento da preposição *com*, enquanto a posição de sujeito é ocupada por um beneficiário, como em *o João cortou o cabelo com o cabeleireiro*, *a Maria acarpetou o sobrado com um bom profissional*, *o prefeito urbanizou a cidade com um excelente arquiteto*, dentre outros exemplos. Para que essa alternância seja possível, o verbo, além de ser agentivo e biargumental, deve denotar uma ação em que é possível que um agente indireto licencie outro agente a agir em seu lugar. Segundo Cançado *et al.* (2013, p. 72), “a alternância só é permitida se pudermos inferir do sintagma verbal um tipo de ação que alguém usualmente solicita a outra pessoa, provavelmente um profissional da área, a fazer por ele”. Não é possível se ter a alternância, por exemplo, com verbos como *agasalhar* (**a mulher agasalhou o menino com a babá*) e *aquecer* (**aqueci a sala com um bom instalador de*

³⁷ É importante notar que essa restrição não se aplica da mesma forma a sentenças incoativas, como o próprio autor mostra com o verbo *open* ‘abrir’: *I pushed and pushed on the door, and finally it opened* ‘eu empurrei e empurrei a porta e, finalmente, ela abriu’ (MCCAWLEY, 1978, p. 247).

aquecedores), a menos que se encontre algum contexto em que as restrições pragmáticas mencionadas sejam observadas.

Além das implicaturas mostradas em relação ao agente, outra característica semântica das construções de resultado é o foco no resultado final da ação. Essas sentenças são similares às passivas, já que acarretam a forma transitiva, como mostramos. A princípio, essas sentenças intransitivas poderiam ser caracterizadas como tendo o mesmo sentido das passivas:

- (177) a. A blusa que você queria já lavou.
 b. A blusa que você queria já foi lavada.

Entretanto, apenas nas passivas pode-se recuperar a volição, a intencionalidade do agente, através de uma oração subordinada de finalidade:

- (178) a. A blusa foi lavada para ser doada ao brechó.
 b. *A blusa já lavou para ser doada ao brechó.

Nesse ponto, esse tipo de sentença intransitiva se assemelha às incoativas, ou seja, elas realçam o resultado, descrevem o evento pela perspectiva do ponto final, sem explicitar o agente. Como nas incoativas, os verbos que possuem o predicado CAUSE em sua estrutura semântica, verbos com nomes eventivos e verbos de mudança de posse, quando ocorrem na construção de resultado, focalizam o segundo subevento, que é o resultado presente na estrutura semântica. Nas estruturas de decomposição de predicados, podemos destacar os resultados finais lexicalizados por esses verbos:

- (179) *verbos com nomes eventivos*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

Exemplos: *alugar, copiar*

- (180) *verbos de mudança de posse*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [IBECOME [Y WITH <THING>]]]

Exemplo: *carregar*

O resultado final lexicalizado por verbos com nomes eventivos é a ocorrência de um evento de Y e o resultado final lexicalizado por verbos de mudança de posse é a mudança de posse de Y. Assim, podemos mostrar que o resultado está presente tanto em sentenças

transitivas como nas intransitivas, já que ambas são contraditórias a sentenças que negam o resultado final:

(181) \models O secretário copiou o documento, mas a cópia do documento não ocorreu.

(182) \models O documento já copiou, mas a cópia do documento não ocorreu.

(183) \models O Gervázio carregou o caminhão, mas o caminhão não ficou com carga.³⁸

(184) \models O caminhão já carregou, mas não ficou com carga.

Diferentemente dos casos apresentados acima, os verbos de modo de afetação e instrumentais não lexicalizam nenhum tipo de resultado. Veja as estruturas dessas classes, em que não é possível destacar resultados finais obtidos através das ações denotadas pelos verbos:

(185) *verbos de modo de afetação*: [X AFFECT_{<MANNER>} Y]

Exemplos: *cozinhar, lavar*

(186) *verbos instrumentais*: [X AFFECT_{<THING>} Y]

Exemplo: *centrifugar*

Isso se evidencia nas sentenças transitivas, que não são contraditórias em relação a sentenças que negam um resultado final decorrente das ações descritas pelos verbos:

(187) O chef cozinhou o frango, mas o frango não ficou cozido.

(188) A faxineira lavou a roupa, mas a roupa não ficou (bem) lavada.

(189) O químico centrifugou a solução, mas a solução não ficou (bem) centrifugada.

Entretanto, quando usados na forma intransitiva, verbos de modo de afetação e instrumentais acarretam um resultado final. Assim, as sentenças que negam esse resultado contradizem as sentenças intransitivas:

(190) \models O frango cozinhou, mas não ficou cozido.

(191) \models A roupa lavou, mas não ficou (bem) lavada.

³⁸ As mesmas propriedades do verbo *carregar* nesse sentido também se aplicam ao verbo *carregar* em sentenças como *a Carla carregou o celular/o celular carregou*. Porém, nesse último caso, o verbo não apresenta restrições em relação ao sujeito nas formas intransitivas, como *cozinhar* e *centrifugar*, porque todos os eventos de *carregar um celular/uma bateria/ etc.* ocorrem com a mediação clara de um instrumento (o carregador, a energia). Assim, em todas as ocorrências de VPs dessa natureza, a restrição pragmática para a alternância será satisfeita.

(192) \neq A solução centrifugou, mas não ficou (bem) centrifugada.

Ainda podemos evidenciar que o resultado está presente nas formas intransitivas desses verbos através dos seguintes exemplos:

(193) O chef cozinhou o frango, mas o frango não cozinhou.

(194) A faxineira lavou a roupa, mas a roupa não lavou.

(195) O químico centrifugou a solução, mas a solução não centrifugou.

Veja que, nesses casos, a negação das sentenças intransitivas incide apenas sobre o resultado, e não sobre a ação denotada pelo verbo. A negação não anula as implicaturas geradas pela construção de resultado. A ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante, esse agente/instrumento se empenha em realizar essa ação por um determinado tempo e o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado. No caso de sentenças negativas, a constatação sobre o resultado é que este não foi obtido de maneira satisfatória, apesar de a ação ter sido realizada.

Com esses exemplos, propomos que, no caso dos verbos de modo de afetação e instrumentais, a intransitiva “acrescenta” o resultado ao sentido do verbo. Vimos que esses verbos possuem a estrutura [X AFFECT_{<MANNER/THING>} Y], que descreve apenas uma ação de X sobre Y, sem acarretar um resultado. Assim, podemos propor que esse tipo de sentença intransitiva é uma construção, no sentido de Goldberg (1995). Ou seja, essas sentenças não resultam de uma alternância verbal de estrutura argumental, mas de uma construção do PB, com características semânticas e sintáticas específicas, daí propomos chamar essas intransitivas de “construções de resultado”. Podem entrar nessa construção os verbos que satisfizerem as restrições lexicais e pragmáticas que propomos.

A principal justificativa para propormos que essas sentenças são construções é justamente o “acrécimo” de sentido. Segundo Goldberg (1995), as construções são estruturas sintáticas com sentido próprio e, nos casos que analisamos, podemos observar que há mais propriedades semânticas na forma intransitiva do que aquelas presentes no sentido do verbo. Assim, propomos, na perspectiva de Goldberg (1995), que essas informações adicionais provêm da estrutura sintática e podemos considerar, portanto, que se a estrutura sintática possui propriedades semânticas, trata-se de uma construção.

Concluindo, para as construções de resultado, propomos que há três tipos de restrição, que o fenômeno é uma construção, no sentido de Goldberg (1995), e tem escopo sobre um agrupamento de verbos decorrente de uma classificação do tipo *coarse-grained*. A primeira restrição é lexical e para satisfazê-la os verbos devem ser agentivos e biargumentais. A segunda restrição é o contexto sentencial, que deve incluir elementos como modificadores ou uma prosódia de pergunta. A terceira restrição é pragmática e, para satisfazê-la, os verbos devem ser capazes de, no contexto apropriado, gerar as implicaturas de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante e que se empenha em realizar essa ação por um determinado tempo e de que o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado. Concluimos, assim, que um verbo pode ocorrer na construção de resultado se for agentivo e biargumental, se estiver inserido no contexto sentencial apropriado e se as restrições pragmáticas forem satisfeitas.

Concluimos também que essa construção, que focaliza o resultado, se reflete na sintaxe na alternância transitivo-intransitiva. Ao permitir a omissão do agente e focalizar o resultado da ação, a formação de construções de resultado gera uma dupla configuração para os verbos, que podem ocorrer, assim, em sentenças transitivas do tipo DP_1 V DP_2 e intransitivas do tipo DP_2 V, como mostramos em nossos exemplos ao longo desta seção. Exemplos adicionais e atestação dos mesmos são apresentados no Apêndice (p. 153) e no Anexo (p. 161) desta tese.

Para finalizar esta seção, gostaríamos de retomar o nosso ponto de partida, a constatação de alguns autores de que as construções de resultado decorrem de uma expansão da alternância causativo-incoativa. Com a conclusão da análise desses tipos de sentenças, mostramos que esse não parece ser o caso e acreditamos que podemos agora tecer algumas breves considerações sobre tendências gramaticais do PB.

Como apontam Negrão e Viotti (2011), diante de dados como os apresentados nesta seção (*a roupa já lavou* etc.), poderíamos nos perguntar por que o falante não usa a passiva ao invés de uma sentença intransitiva? Se existe uma ferramenta da língua para a focalização do resultado final, por que não usá-la? Acreditamos que existem dois motivos, que são relacionados. Primeiramente, como mostramos, a construção de resultado gera uma inferência de resultado obtido ausente nas passivas, o que motiva sua utilização. Em segundo lugar, segundo Negrão e Viotti (2011, p. 54/55), “parece que o que está em jogo não é propriamente um recurso para alterar o padrão canônico de proeminência focal aos participantes do evento, mas, sim, uma alteração do próprio modelo de conceitualização.” As

autoras propõem que o PB está passando por um processo de “ergativização”, que altera o modo como os falantes conceptualizam os eventos. As construções de resultado seriam um reflexo de uma conceptualização do evento a partir do participante afetado.

É interessante notar, inclusive, que enquanto as sentenças do tipo incoativo dos verbos de mudança de estado são atestadas e muito comuns em português europeu, assim como em PB (ELISEU, 1984; DUARTE, 2006; CANÇADO; GONÇALVES, a sair), construções de resultado não são. Conforme nos apontou a Profa. Dra. Anabela Gonçalves (comunicação pessoal em 17/01/2015), em português europeu ocorrem construções de resultado (*a roupa já enxugou/ a carne cozeu totalmente*), mas tais exemplos são muito restritos. Sentenças perfeitamente gramaticais para falantes de PB são agramaticais em português europeu (por exemplo, **esta casa já alugou e *o frango já cozinhou*). Essa diferenciação entre as línguas afirma ainda mais uma tendência do PB à “ergativização”.³⁹

Juntamente com esse fenômeno, destacamos que as construções de resultado atribuem proeminência sintática a um elemento pragmaticamente relevante no discurso. O que se quer informar com o uso de tais estruturas é o resultado final de determinada ação em um objeto, e não o agente dessa ação. Acreditamos que esse fato corrobora a proposta de Negrão (1999) de que o PB seria uma língua orientada para o discurso, ou seja, uma língua em que as sentenças privilegiam (ou atribuem mais proeminência sintática a) a marcação da função informacional dos constituintes.

Concluimos, portanto, que a existência de construções de resultado no PB não reflete uma expansão da alternância causativo-incoativa, o que seria incomum em comparação com outras línguas, mas corrobora a ideia de autores como Negrão (1999) e Negrão e Viotti (2011) de que o PB sofre um processo de mudança, que tem consequências importantes para os tipos de sentenças licenciadas nessa língua. As construções de resultado refletem uma tendência do PB, talvez recente em sua história, de “olhar para” os eventos do ponto de vista de seu resultado, ou, nas palavras de Negrão e Viotti (2011), por uma perspectiva “ergativa”. Acreditamos que um estudo dessas construções em *corpora* de fala seria interessante para trazer à tona novas evidências para as hipóteses levantadas neste trabalho e em Negrão e Viotti (2011).

³⁹ É interessante notar aqui que apenas a construção de resultado parece ser específica do PB, ou mais produtiva em PB que em português europeu. Os demais fenômenos apresentados nesta tese são atestados em português europeu, em inglês e em outras línguas.

3.3 Metonímia e a alternância parte-todo

Um terceiro tipo de alternância transitivo-intransitiva pode ser exemplificado pelos seguintes pares de sentenças:

- (196) a. O motorista acelerou o carro.
b. O carro acelerou.
- (197) a. O manobrista estacionou o Ford Fiesta na vaga coberta.
b. O Ford Fiesta estacionou na vaga coberta.
- (198) a. O piloto capotou o carro.
b. O carro capotou.

Primeiramente, argumentamos que esse fenômeno também não é a alternância causativo-incoativa. Como evidências, podemos citar para os exemplos em (196) e em (197) a ocorrência da oração subordinada de finalidade, que mostra a presença de um agente na forma intransitiva:

- (199) O carro acelerou para passar no sinal amarelo.
- (200) O Ford Fiesta estacionou na porta do prédio para deixar o passageiro descer.

Também, para o exemplo em (198), podemos citar a ausência do clítico *se* e a ausência do acarretamento *tornar-se estado*:

- (201) a. *O carro se capotou.
b. *O carro tornou-se capotado.

Os verbos exemplificados acima são representados por diferentes estruturas de decomposição de predicados (que mostraremos adiante). Entretanto, estão no mesmo campo semântico, o que é determinado pelo conteúdo das raízes dos verbos. Todos os verbos analisados que sofrem essa alternância têm um sentido específico relacionado a veículos e à presença de um condutor desse veículo.

Uma primeira análise dessa alternância nos levou a separar dois tipos de casos: o que ocorre com verbos como os exemplificados em (196) e em (197) e o que ocorre com verbos como o exemplificado em (198). Iniciaremos a análise com o primeiro caso.

Verbos como *acelerar* e *estacionar* alternam para uma forma intransitiva em que o sujeito, objeto direto na forma transitiva, possui características agentivas. Mostramos dois testes que evidenciam essas características. Primeiramente, as sentenças intransitivas com esses verbos, diferentemente de todas as outras formas intransitivas mostradas até agora, aceitam uma oração subordinada de finalidade, como já mostramos em (199) e (200).

Além disso, os DPs *o carro*, *o Ford Fiesta* e outros que nomeiam veículos podem ser referidos pelo pronome *quem*, o que indica que eles possuem característica de animados:

(202) a. Quem acelerou na curva fechada foi o carro vermelho.

b. *O que acelerou na curva fechada foi o carro vermelho.

(203) a. Quem estacionou na vaga coberta foi o Ford Fiesta.

b. *O que estacionou na vaga coberta foi o Ford Fiesta.

A partir desses testes, levantamos a hipótese de que, nesses casos, há a ocorrência de um processo metonímico que permite que nomes de veículos sejam utilizados para designar os condutores desses veículos, os verdadeiros agentes das sentenças em (196b) e (197b). De acordo com Ferrari (2011, p. 102), a metonímia “é tradicionalmente definida como deslocamento de significado, no qual uma palavra normalmente utilizada para designar determinada entidade passa a designar uma entidade contígua”. Ao contrário da metáfora, a metonímia ocorre dentro de um mesmo campo semântico e é considerada como tendo função referencial, relacionando uma palavra que denota uma determinada entidade a outra entidade, contígua à primeira, no mundo. Na Linguística Cognitiva, esse processo também é descrito em termos de acessibilidade mental de um referente. Para Kövecses (2010), uma palavra que designa um elemento contíguo à determinada entidade permite acesso mental a essa entidade, quando a palavra utilizada e uma palavra que designa a entidade referida pertencem ao mesmo campo semântico.

Ainda de acordo com Ferrari (2011), a metonímia não ocorre livremente envolvendo a substituição de uma palavra por outra relacionada a ela, mas essa substituição tem que levar em conta as restrições seletivas do predicador envolvido. Por exemplo, se tomarmos o adjetivo *brilhante* no sentido de *inteligente*, podemos atribuí-lo à palavra *pessoa*, da seguinte forma:

(204) Pessoas brilhantes

Metonimicamente, a palavra *pessoa* pode ser substituída por palavras que nomeiam entidades contíguas, como *mente* e *cara*. Poderíamos ter, por exemplo, *há muitas mentes capazes na universidade e estou vendo muitas caras novas aqui hoje* (FERRARI, 2011, p. 103), em que as palavras *mentes* e *caras* são metonimicamente utilizadas para se referir a pessoas. Porém, na predicação do adjetivo *brilhante* (no sentido de *inteligente*), apenas a palavra *mentes* pode ser usada:

- (205) a. Mentas brilhantes.
b. *Caras brilhantes.

Isso ocorre porque apenas a palavra *mentes* satisfaz as restrições seletivas do adjetivo *brilhantes*.

A hipótese de que há também um caso de metonímia nas sentenças analisadas com verbos como *acelerar* e *estacionar* se confirma, já que é possível observarmos nesses casos as características da metonímia citadas acima. Os testes que mostram as características agentivas do argumento que denota um veículo mostram também que a palavra que designa um veículo é utilizada para designar uma entidade contígua, o condutor. Retomamos os exemplos com o pronome *quem*, que explicita a animacidade do referente:

- (206) Quem acelerou foi o carro azul.
(207) Quem estacionou na garagem foi o Ford Fiesta.

Além disso, ressaltamos que as palavras que denotam veículos, as entidades contíguas que podem receber as propriedades de agente, podem substituir as palavras que denotam o condutor. Porém, devido às restrições seletivas do verbo, palavras que denotam outros tipos de entidades contíguas, que não podem receber as propriedades de agente, não podem ser utilizadas para substituir as palavras que denotam o condutor. Observe os exemplos:

- (208) a. Entidades contíguas ao condutor: carro, capacete...
b. O carro acelerou.
c. *O capacete acelerou.

Para corroborar nossa análise, além das evidências elencadas, podemos citar propostas semelhantes, já encontradas na literatura. Manzanares (2009), por exemplo, analisa a sentença *os ônibus estão em greve*⁴⁰ (MANZANARES, 2009, p. 14) como um caso de metonímia, em que *os ônibus* é utilizado para se referir aos motoristas dos ônibus. Também Croft e Cruse (2009) argumentam que em sentenças como *o carro parou em frente à padaria*⁴¹ (CROFT; CRUSE, 2009, p. 219) ocorre um processo metonímico, substituindo a palavra que designa o agente por *o carro*. Segundo os autores, essa sentença pode ter uma leitura totalmente não agentiva, em que o carro, por exemplo, desceu a rua acidentalmente, sem um condutor, e foi parar em frente à padaria. Porém, para eles, a interpretação mais comum é a de que o carro estava sendo dirigido por um condutor, que parou o veículo deliberadamente em frente à padaria. Nesse caso, a sentença exemplifica a metonímia, pois *o carro* é usado para fazer referência ao motorista do carro. Kövecses (2010) também apresenta como um caso típico de metonímia a substituição de termos que designam um controlador por termos que designam uma entidade controlada (ou vice-versa). O exemplo apresentado pelo autor também é semelhante aos que mostramos ao longo de nossa análise: *a Mercedes chegou* (KÖVECSES, 2010, p. 183).⁴²

Tendo concluído que existe um processo metonímico envolvido nos casos de alternância com verbos como *acelerar* e *estacionar*, tentaremos a seguir explicar por que tal processo resulta em uma alteração do número de argumentos dos verbos, ou seja, se reflete na sintaxe como a alternância transitivo-intransitiva.

Primeiramente, argumentamos que a restrição para a ocorrência dessa alternância está no conteúdo das raízes desses verbos. Apresentamos a seguir as estruturas de decomposição de predicados de alguns dos verbos analisados:

(209) *acelerar*: [X AFFECT<ACELERAR> Y]

(210) *estacionar*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [[Y <ESTACIONADO>] IN Z]]]

(211) *aterrissar*: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [<ATERRISSAGEM> OF Y]]

(212) *frear*: [X AFFECT<FREIO> Y]

A primeira observação a ser feita é que o fenômeno ocorre em diferentes classes de verbos em uma classificação do tipo *medium-grained*. O segundo ponto a ser notado é que

⁴⁰ Do original: “Los autobuses están en huelga (The buses are on strike)” (tradução nossa).

⁴¹ Do original: “The car stopped in front of the bakery” (tradução nossa).

⁴² Do original: “The Mercedes has arrived” (tradução nossa).

verbos cujas raízes possuem um sentido específico relacionado a um veículo e seu condutor parecem aceitar a alternância, possibilitando que o processo metonímico que descrevemos possa ocorrer. Veja, ainda, que vários verbos que pertencem às mesmas classes dos verbos apresentadas acima, mas que não possuem o sentido específico veículo/condutor, não apresentam a alternância. Por exemplo:

- (213) a. A cozinheira limpou a frigideira. (verbos de modo de afetação, como *acelerar*)
 b. *A frigideira limpou para fazer outro bife.
- (214) a. A menina guardou a boneca. (verbos de mudança de estado locativo, como *estacionar*)
 b. *A boneca guardou para não sujar.
- (215) a. O bandido atropelou o policial. (verbos de nomes eventivos, como *aterrissar*)
 b. *O policial atropelou para conseguir o dinheiro do seguro.
- (216) a. O vilão chicoteou os animais. (verbos instrumentais, como *frear*)
 b. *Os animais chicotearam para se purificar.

Assim, concluímos que o processo não é restrito por propriedades semânticas recorrentes nas estruturas de decomposição de predicados dos verbos, nem por fatores pragmáticos, já que as sentenças intransitivas com verbos como *acelerar* não necessitam de nenhum tipo de contexto específico para serem aceitas. Assim, consideramos que o escopo desse fenômeno semântico é um grupo de verbos resultante de uma classificação do tipo *fine-grained*. A propriedade semântica que permite o desencadeamento da metonímia está presente nas raízes dos verbos. É a informação da raiz que determina os campos semânticos dos verbos e, nesse fenômeno específico, o campo semântico tem uma grande importância. Para explicitar a propriedade semântica relevante, propomos a seguinte representação para essa classe, baseados em Beavers (2014):

(217) *verbos que permitem a metonímia condutor/veículo:*

[X ... <ROOT>... Y ...], onde:

[[<ROOT>]] = $\lambda x \lambda y \lambda e$ [conduzir (e) & condutor (x) & veículo (y)]

A representação em (217) mostra que verbos que alternam em consequência da metonímia condutor/veículo devem ser pelo menos biargumentais e devem especificar no

sentido de suas raízes uma relação condutor/veículo entre os argumentos X e Y.⁴³ A representação das raízes desses verbos pode ser lida como: para um evento de conduzir, X é o condutor e Y é o veículo conduzido.

Nas sentenças intransitivas com verbos como *acelerar*, apesar de haver apenas um argumento explícito sintaticamente, é possível retomar os dois participantes do evento em uma oração coordenada:

(218) O carro número 2 acelerou antes da hora e o juiz desclassificou o piloto.

(219) O Ford Fiesta estacionou na garagem do prédio e o síndico veio falar com o motorista.

As sentenças em (218) e em (219) mostram que, mesmo nas sentenças intransitivas *o carro acelerou* e *o Ford Fiesta estacionou na garagem do prédio*, existem dois participantes presentes: o veículo e o seu condutor.⁴⁴ Croft e Cruse (2009) afirmam que, de fato, nesses casos de metonímia condutor/veículo ocorre um tipo de fusão de participantes: um único elemento linguístico representa duas entidades, o veículo e seu condutor.⁴⁵

Com base nesse fato, propomos que o processo metonímico que ocorre com os DPs argumentos de verbos como *acelerar* e *estacionar* faz com que a informação sobre os dois participantes do evento esteja presente em apenas um DP, o que permite a alternância transitivo-intransitiva. Apresentamos mais alguns exemplos desse tipo de alternância, ressaltando que em todas as sentenças intransitivas abaixo é possível retomar dois participantes do evento, mesmo havendo apenas um DP:

(220) a. O piloto aterrissou o avião.

b. O avião aterrissou.

(221) a. O motorista virou o carro para a esquerda.

b. O carro virou para a esquerda.

⁴³ O verbo *dirigir* parece ter essas propriedades, porém não aceita a metonímia e a alternância (*o João dirigiu o carro*/**o carro dirigiu*). Ainda não podemos apresentar uma explicação satisfatória para esse caso. Uma análise desse verbo está sendo desenvolvida por Meirelles (em prep.).

⁴⁴ Conforme apontou o Prof. Dr. Sérgio Menuzzi durante a defesa desta tese, restrições na formação de sentenças com orações subordinadas de finalidade também corroboram essa ideia. Repare que apesar das sentenças intransitivas com esses verbos aceitarem esse tipo de subordinação, **o Ford Fiesta parou na porta do prédio para conversar com o porteiro* não é gramatical, o que indica que *o Ford Fiesta* não denota apenas o condutor, mas o condutor e o veículo.

⁴⁵ Croft e Cruse (2009) argumentam que esse fato poderia motivar uma análise desses casos como metáfora, e não como metonímia, já que ocorre uma humanização de um ser inanimado. Porém, os autores descartam essa análise e afirmam que nem sempre a distinção entre processos metafóricos e metonímicos é clara.

- (222) a. O motorista freou a moto.
b. A moto freou.

Além de ocorrerem na alternância transitivo-intransitiva, esses verbos também formam sentenças intransitivas do tipo *o motorista acelerou* (DP₁ V), em que o único argumento é o agente. Como se trata de uma sentença intransitiva em que o sujeito da transitiva é o argumento que se mantém, o tema não será abordado neste trabalho. Deixaremos a análise desse fenômeno para um trabalho futuro.

Antes de encerrarmos a discussão sobre o fenômeno metonímico, levantamos uma questão importante sobre esse processo que não foi resolvida nesta pesquisa. Se esse processo pode ocorrer em diferentes domínios, além do domínio condutor/veículo, uma questão interessante é se, em outros casos, ele também pode resultar em alternâncias verbais. Outro tipo de processo metonímico que interfere na estrutura argumental é a substituição da palavra que denota um agente por uma palavra que denota um instrumento (BRUNSON, 1993). Nesse caso, não ocorre a alternância transitivo-intransitiva, mas uma sentença com três participantes (agente, paciente e instrumento) pode ser construída com apenas dois DPs, como no exemplo *a chave mestra abriu a porta*, em que é acarretada a participação de um agente. Acreditamos que esses processos metonímicos podem ter consequências importantes para a realização argumental e que esse assunto é um importante objeto de estudo para a Linguística que deve ser considerado em estudos futuros.

Voltamo-nos agora para a análise do segundo caso de alternância apresentado nesta seção. Esse segundo caso, como já mostramos, é o que ocorre com verbos como *capotar*:

- (223) a. O motorista capotou o carro.
b. O carro capotou.
(224) a. O corredor bateu o carro.
b. O carro bateu.

Os exemplos mostrados acima diferem semanticamente dos exemplos com os verbos *acelerar* e *estacionar*, apesar de serem superficialmente muito semelhantes. Uma primeira diferença é que os argumentos sujeitos nas formas intransitivas não possuem necessariamente propriedades de agentes. Os sintagmas que denotam veículos podem ser referidos pelo pronome *que* (o que indica que não possuem característica de animados), ao

contrário dos sintagmas que ocupam a posição de sujeito em sentenças intransitivas com *acelerar* e *estacionar*:

- (225) *Quem capotou foi o carro de corrida.
- (226) O que capotou foi o carro de corrida.
- (227) *Quem bateu foi o carro vermelho.
- (228) O que bateu foi o carro vermelho.
- (229) Quem acelerou primeiro foi o carro vermelho.
- (230) Quem estacionou na vaga coberta foi o Ford Fiesta.

Além disso, essas sentenças intransitivas aceitam expressões modificadoras como *do nada/sem ninguém fazer nada*, ao contrário daquelas com verbos como *acelerar* e *estacionar*. Como já apontamos, tais modificadores expressam a ausência de agentividade, ou a espontaneidade do evento, como nas incoativas:

- (231) O carro capotou do nada/sem ninguém fazer nada.
- (232) O carro bateu do nada/sem ninguém fazer nada.
- (233) *O carro acelerou do nada/sem ninguém fazer nada.
- (234) *O carro estacionou na garagem do nada/sem ninguém fazer nada.

Concluimos, assim, que ao contrário do primeiro caso de alternância, nos casos dos verbos *capotar* e *bater*, quando o DP que denota o veículo está na posição de sujeito, este não tem necessariamente propriedades agentivas, não sendo a alternância resultado de um processo metonímico.⁴⁶ Em busca de outra explicação para esse fenômeno, comparamos as sentenças em (223) e em (224) com sentenças de alternância parte-todo (CANÇADO, 2010). Nessa alternância, o argumento afetado (ou paciente) de um verbo intransitivo, que denota a parte de um todo, pode ser desmembrado. O todo passa a ocupar a posição de sujeito e a parte passa a ocupar uma posição à direita do verbo, em uma sentença transitiva. Na literatura em Sintaxe, esse fenômeno é caracterizado como alçamento do possuidor (*possessor raising*). Vejamos alguns exemplos:

⁴⁶ Entretanto, esses verbos podem também participar da alternância motivada pelo processo metonímico, uma vez que estão no campo semântico condutor/veículo.

- (235) a. A perna do menino quebrou.
 b. O menino quebrou a perna.
- (236) a. A tampa do pote de açúcar rachou.
 b. O pote de açúcar rachou a tampa.

Segundo Cançado e Gonçalves (a sair), essa alternância, no PB, pode se expandir metaforicamente. Nesse caso, podem participar da alternância não somente verbos com argumentos que denotam a parte de um todo, mas verbos com argumentos que denotam dois participantes em uma relação semelhante à relação parte-todo. Um exemplo é a relação entre uma pessoa e uma peça de roupa que ela está vestindo:

- (237) a. A meia da menina desfiou.
 b. A menina desfiou a meia.
- (238) a. O casaco do professor rasgou.
 b. O professor rasgou o casaco.

É importante observar que para que as sentenças em (b) acima sejam consideradas alternâncias das sentenças em (a), os sintagmas *a meia da menina* e *o casaco do professor* devem ser interpretados como *a meia que a menina estava calçando* e *o casaco que o professor estava vestindo*, respectivamente. Caso contrário, só existe uma interpretação agentiva.

A partir dessas propriedades, propomos analisar também os casos de verbos como *capotar* e *bater* como extensões da alternância parte-todo, assim como ocorre nos exemplos em (237)-(238). Nesses casos, a relação relevante entre os participantes é de condutor e veículo. Propomos, então, que verbos intransitivos que possuem um argumento que denota um veículo e seu condutor podem participar da alternância parte-todo. Ocorrendo o desmembramento do único argumento desses verbos, o argumento que denota o condutor fica na posição de sujeito e o que denota o veículo vai para a posição à direita do verbo.

- (239) a. O carro (que o motorista dirigia) capotou.
 b. O motorista capotou o carro.
- (240) a. O carro (que o corredor dirigia) bateu.
 b. O corredor bateu o carro.

Sentenças transitivas com esses verbos em que não há essa relação entre sujeito e objeto não são gramaticais: **os passageiros capotaram o ônibus/*a Maria bateu o táxi que ela pegou para ir para casa*. Para que essas sentenças transitivas sejam gramaticais é necessário que exista um tipo de relação anafórica entre sujeito e objeto direto. Essa relação anafórica indica que ambos os DPs remetem a um mesmo referente no mundo. Por isso, mesmo na sentença transitiva, há um só argumento do verbo. Esse tipo de argumentação é feito também por Brunson (1993). Segundo a autora, é possível que um único papel temático, que corresponde a um único argumento, seja dividido para dois constituintes sintáticos.

Como a forma transitiva desses verbos resulta, então, do desmembramento de um único argumento (LEVIN, 1993; BRUNSON, 1993; CANÇADO, 2010), propomos que sentenças como *o carro capotou* e *o carro bateu* são exemplos das formas básicas desses verbos, que são intransitivos. As sentenças transitivas resultam da alternância parte-todo, licenciada quando o argumento do verbo denota dois participantes em uma relação condutor/veículo. Outra classe de verbos intransitivos que participa da alternância parte-todo é a dos verbos de mudança de estado basicamente incoativos, que mostramos na seção 3.1. Um exemplo é o verbo *apodrecer* (*a casca da fruta apodreceu/ a fruta apodreceu a casca*). Propomos que esses verbos são basicamente intransitivos com base na proposta de Haspelmath (1987). Como são os únicos verbos de mudança de estado que ocorrem sem a marca do clítico *se* na forma intransitiva, concluímos que essa é a forma básica desses verbos. Podemos estender essa argumentação aos verbos *capotar* e *bater*. Suas formas intransitivas não apresentam nenhuma marcação em relação às transitivas. Podemos argumentar, também, que a necessidade de uma relação anafórica entre sujeito e objeto direto na forma transitiva a torna mais marcada em relação à intransitiva.

Assim como a alternância que resulta da metonímia, a alternância parte-todo também tem escopo sobre um grupo de verbos que resulta de uma classificação do tipo *fine-grained*. Segundo Cançado (2010), somente podem participar da alternância verbos que acarretam afetação à parte de um todo (ou outras relações similares, como vimos). A alternância não ocorre, por exemplo, com todos os verbos de mudança de estado, mas apenas com aqueles que trazem idiossincriticamente a informação semântica relevante para a alternância. Ainda não nos foi possível estabelecer a estrutura de decomposição de predicados dos verbos *capotar* e *bater*.⁴⁷ Porém, para que um verbo ocorra na alternância parte-todo, essa relação parte/todo deve ser interpretada de uma maneira ampla, como propõem Cançado e

⁴⁷ Os verbos não agentivos, processuais, serão estudados por nós futuramente para o desenvolvimento do terceiro volume do Catálogo de Verbos do Português Brasileiro.

Gonçalves (a sair), e pode ser apresentada em uma representação verifuncional do sentido das raízes dos verbos, com base em Beavers (2014):

(241) *verbos que participam da alternância parte-todo:*

[Y... <ROOT>], onde:

[[<ROOT>]] = λyλe [afetação (e) & paciente (y) & y < y']⁴⁸

A estrutura em (241) nos mostra que o verbo que participa da alternância parte-todo deve ter apenas um argumento (podendo ser também a contraparte incoativa dos verbos de mudança de estado) e deve trazer em sua raiz a informação semântica da possibilidade de afetação para a parte de um todo. Verbos psicológicos (*preocupar*, *aborrecer*), por exemplo, não poderão participar da alternância, pois não é possível ocorrer a afetação psicológica de uma parte de um ser animado; é impossível preocupar ou aborrecer parte de alguém. Seguimos a representação proposta por Beavers (2011) e utilizamos o símbolo < para indicar que y é uma parte de um todo, que representamos com y', estendendo essa noção de parte/todo às relações semelhantes que mencionamos, inclusive à relação condutor/veículo.

Existem ainda outras sentenças intransitivas possíveis com esses verbos, em que o único argumento é aquele que expressa o condutor, por exemplo, *o motorista capotou* e *o motorista bateu*. Não analisaremos esses casos em detalhes, mas notamos que na literatura existe a proposta de que em casos desse tipo ocorre metonímia no sentido inverso ao que propusemos para os casos de *acelerar* e *estacionar*, ou seja, ocorre a substituição do nome do veículo pelo nome do condutor. De acordo com as análises de Borba (1990), de Jackendoff (1992) e de Pinker (2008), *o motorista* nas sentenças *o motorista capotou* e *o motorista bateu* denota o veículo que o motorista dirige. Jackendoff (1992) apresenta o seguinte exemplo, analisado como um caso de metonímia:

(242) Enquanto estava dirigindo para o estúdio, um caminhão atingiu Ringo no lado esquerdo do para-choque dianteiro.⁴⁹ (JACKENDOFF, 1992, p. 2)

Na sentença em (242), o nome do condutor, *Ringo*, é utilizado para fazer referência ao veículo que ele estava dirigindo no momento. Jackendoff (1992) também afirma

⁴⁸ Tomamos aqui o termo afetação em uma acepção bem ampla, como o papel temático de paciente, e não como o predicado primitivo AFFECT.

⁴⁹ Do original: "While he was driving to the studio, a truck hit Ringo in the left front fender" (tradução nossa).

que a metonímia apenas é licenciada na relação condutor/veículo, e não em uma relação de posse. Segundo ele, *Ringo* não pode se referir ao carro de Ringo, se ele não estiver sendo conduzido por ele. Essa afirmação é feita também por Pinker (2008) e por Borba (1990); nesse último caso, para dados do PB. Segundo o autor, *Emerson em Emerson nunca derrapa na pista* (BORBA, 1990, p. 394) denota o carro que Emerson dirige e *o ciclista em o ciclista derrapou na calçada* (BORBA, 1990, p. 394) denota a bicicleta que o ciclista estava dirigindo.

Assim como nos casos de metonímia com verbos como *acelerar* e *estacionar*, nesses casos, o processo também não é uma simples substituição de um termo por outro, mas é uma fusão de duas informações em um único DP (CROFT; CRUSE, 2009). Na denotação desse DP, existem dois participantes no evento, um veículo e o condutor.

Antes de concluirmos esta seção, reafirmamos que a alternância parte-todo é também um fenômeno semântico que se reflete na sintaxe como a alternância transitivo-intransitiva. As formas alternadas, nesses casos, são as transitivas e, apesar de essa transitivização decorrer de um desmembramento de um único argumento semântico do verbo, na sintaxe, trata-se de uma forma verdadeiramente transitiva. Podemos evidenciar essa característica através de um teste sintático: a concordância do verbo, que explicita a ocorrência do sujeito e do objeto.

(243) O motorista capotou os dois carros.

(244) Os motoristas capotaram o carro.

A concordância no singular da sentença em (243) e a concordância no plural na sentença em (244) mostram que *o motorista* e *os motoristas* são sujeitos e, conseqüentemente, a sentença é transitiva.

Concluimos esta seção retomando os dois fenômenos semânticos analisados. Primeiramente, mostramos que alternâncias como *o motorista acelerou o carro/o carro acelerou* decorrem de um processo metonímico que permite que o condutor seja referido pela palavra que denota o veículo. Esse processo faz com que a informação sobre os dois participantes do evento esteja presente em apenas um DP. Assim, o verbo pode aparecer em uma forma sintática intransitiva, mas ainda sendo possível retomar dois participantes. Esse processo semântico origina na sintaxe a alternância transitivo-intransitiva, já que os verbos passam, por meio dele, a ocorrer em sentenças dos tipos DP₁ V DP₂ e DP₂ V. Em seguida, mostramos que alternâncias do tipo *o carro do motorista capotou/o motorista capotou o carro*

são na verdade casos da alternância parte-todo. Esses verbos são intransitivos e aceitam que o participante que denota o todo da relação parte-todo ocorra em posição de sujeito, enquanto a parte passa para a posição de objeto. Esse fenômeno dá origem também na sintaxe à alternância transitivo-intransitiva. Os dois fenômenos semânticos que mostramos nesta seção têm escopo sobre classes de verbos em um nível *fine-grained*, já que as propriedades semânticas relevantes são encontradas nas raízes dos verbos.

3.4 A formação de sentenças médias

O fenômeno que apresentamos nesta seção é a formação de sentenças médias, analisadas por Godoy (2012) como um tipo de reflexiva. A reflexivização se caracteriza como um fenômeno linguístico amplo, em que um DP argumento de um verbo e um pronome anafórico reflexivo possuem a mesma denotação.⁵⁰ Para os propósitos deste trabalho, falaremos apenas sobre o tipo de reflexivização que permite que um verbo transitivo direto tenha seu segundo argumento substituído pelo clítico *se* (GODOY, 2012). Apresentamos alguns exemplos de reflexivas com verbos das classes de mudança de estado, de mudança de posse e com nomes eventivos, respectivamente:

- (245) a. A irmã sujou o menino.
 b. O menino se sujou.⁵¹
- (246) a. O papa coroou a rainha.
 b. A rainha se coroou.
- (247) a. A professora desenhou a menina.
 b. A menina se desenhou.

Apesar de as reflexivas serem semelhantes a uma forma incoativa, elas são, na verdade, sentenças transitivas (CAMACHO, 2003; DORON; RAPPAORT HOVAV, 2009; SCHEPPER, 2010; GODOY, 2012). De acordo com Reinhart e Reuland (1993), a reflexivização ocorre quando o segundo argumento de um verbo transitivo é um pronome

⁵⁰ Godoy (2012) propõe que, em uma sentença reflexiva, o argumento DP e o argumento denotado pelo pronome anafórico reflexivo não possuem a mesma referência no mundo. Podemos usar a reflexiva, por exemplo, para descrever um evento em que alguém faz algo com uma estátua de si mesmo (*o João se admirou*). Por isso, a autora define a reflexividade como a possibilidade de os argumentos do verbo possuírem o mesmo valor denotativo, uma noção mais ampla que a de referência e que abarca exemplos como o que apresentamos.

⁵¹ As sentenças desse tipo com verbos de mudança de estado apresentam ambiguidade entre uma interpretação incoativa e uma interpretação reflexiva. O sentido de reflexividade fica claro na paráfrase *o menino sujou ele mesmo*. A ambiguidade se deve ao sincretismo do *se*, que marca incoativização e é o clítico reflexivo.

clítico anafórico. As sentenças reflexivas podem ser parafraseadas por sentenças que ocorrem com *a si mesmo(a)/ele(a) mesmo(a)*, o que mostra a presença dos dois argumentos do verbo:

(248) O menino se sujou. ⇨ O menino sujou a si mesmo/ele mesmo.

(249) A rainha se coroou. ⇨ A rainha coroou a si mesma/ela mesma.

(250) A menina se desenhou. ⇨ A menina desenhou a si mesma/ela mesma.

Podemos também mostrar que essas sentenças são transitivas através do teste da ambiguidade com *de novo*. Segundo Morgan (1969), a palavra *again* ‘de novo’ em inglês gera uma ambiguidade de escopo na sentença similar àquela apresentada para *almost* ‘quase’, que mostramos no capítulo 2. Em um estudo para o PB, Meirelles e Cançado (2014a), refinando a proposta de Morgan (1969), apontam que sentenças transitivas com *de novo* são ambíguas entre uma interpretação em que o mesmo agente desencadeia a ação duas vezes e outra em que a mesma ação é desencadeada duas vezes por agentes diferentes. Sentenças intransitivas não apresentam tal ambiguidade. Vejamos alguns exemplos:

(251) O mordomo abriu a porta de novo.

(252) O mordomo correu de novo.

Comparando as sentenças acima, observamos que apenas a sentença em (251) é ambígua: o mordomo pode ter aberto a porta duas vezes ou ele pode ter aberto a porta apenas uma vez e a porta já tinha sido aberta por outra pessoa. Diferentemente, a sentença em (252) não é ambígua, há apenas a interpretação de que o mordomo realizou a ação de correr duas vezes. Meirelles e Cançado (2014a) argumentam que a ambiguidade reflete a presença de dois argumentos, e não uma estrutura de eventos complexa (com dois subeventos), como propõe Dowty (1979), já que verbos de *achievement* monoeventivos e biargumentais também apresentam a ambiguidade (*o caçador capturou a onça de novo*).

Se as sentenças reflexivas são transitivas, o esperado é que elas se comportem como a sentença em (251), quando *de novo* for inserido, ou seja, se elas são transitivas, são ambíguas com *de novo*. De fato, nos parece que esse é o caso. Mostramos alguns exemplos:

(253) A menina se desenhou de novo.

(254) A rainha se coroou de novo.

(255) O menino se sujou de novo.

Na sentença em (253), por exemplo, podemos ter duas interpretações: em um primeiro momento, alguém desenhou a menina e depois a menina desenhou ela mesma, ou a menina se desenhou duas vezes. O mesmo ocorre para as sentenças em (254)-(255): no primeiro caso, ou a rainha coroou a si mesma duas vezes ou alguém a coroou e, depois, ela coroou a si mesma; no segundo caso, o menino pode ter sujado a si mesmo duas vezes ou, ainda, pode ter sido sujado por algo/alguém e, depois, ter sujado a si mesmo.

Portanto, com base na literatura (REINHART; REULAND, 1993; CAMACHO, 2003; DORON; RAPPAPORT HOVAV, 2009; GODOY, 2012) e no teste apresentado, como já apontamos no primeiro capítulo, assumimos que a reflexiva não é uma alternância do tipo transitivo-intransitiva. Não será, pois, objeto de estudo deste trabalho.

Além das reflexivas mostradas acima, Godoy (2012) argumenta que existe outro tipo de reflexiva no PB, as sentenças chamadas de “médias” na literatura (CÂMARA JR., 1959; KLAIMAN, 1991; KEMMER, 1993; CAMACHO, 2003; DORON; RAPPAPORT HOVAV, 2009). A definição do que seria uma sentença média é confusa e, apesar de essa caracterização estar relacionada à chamada voz média do grego, em PB ela é muito mais restrita do que o fenômeno em grego que leva o mesmo nome (CAMARGO, s/d). A média é muitas vezes caracterizada semanticamente como uma sentença em que o sujeito é afetado ou uma sentença em que o sujeito é interno, participa da ação e a sofre, ou ainda a um tipo de evento reflexivo por natureza, que alguém sempre faz em si mesmo (KEMMER, 1993; CAMACHO, 2003; DORON; RAPPAPORT HOVAV, 2009). Com base no trabalho de Godoy (2012), tentaremos delimitar aqui, com mais precisão, que tipos de sentenças chamaremos de médias.

Como ponto de partida, assumimos, com Camacho (2003) e Godoy (2012), que as médias se caracterizam, assim como as reflexivas, por conterem uma ideia de reflexividade e por aceitarem o clítico *se* na construção da sentença. Porém, elas se diferem das reflexivas por não poderem ser parafraçadas por sentenças contendo *a si mesmo(a)/ele(a) mesmo(a)*. Apresentamos alguns exemplos:

(256) a. O pai sentou o menino na cadeira.

b. O menino se sentou na cadeira. ~+ O menino sentou a si mesmo/ele mesmo na cadeira.

(257) a. A Nilce escondeu o homem no armário.

b. O homem se escondeu no armário. ~-H- O homem escondeu a si mesmo/ele mesmo no armário.

(258) a. A professora juntou as meninas.

b. As meninas se juntaram. ~-H- As meninas juntaram a si mesmas/elas mesmas.

Além disso, o *se* pode ser mais facilmente apagado nas médias, mantendo o mesmo sentido das sentenças, do que nas reflexivas. Isso afirma o caráter argumental do clítico nas reflexivas e o caráter não argumental do mesmo nas médias (CAMACHO, 2003). Segundo Camacho (2003, p. 99), o *se* médio “já não representa nenhum participante no esquema valencial”.⁵² Mostramos alguns exemplos:

(259) *O menino sujou.

(260) *A rainha corooou.

(261) *A menina desenhou.

(262) O menino sentou na cadeira.

(263) O homem escondeu no armário.

(264) As meninas juntaram (para trocar bijuterias).⁵³

Por fim, para diferenciar as médias das reflexivas, mostramos o comportamento distinto das médias no teste apresentado para confirmar a transitividade das reflexivas, o teste com *de novo*. Esse teste mostra que sentenças ambíguas com *de novo* são transitivas. Vejamos o comportamento das sentenças em (256b), (257b) e (258b) com esse modificador:

(265) O menino se sentou de novo.

(266) O homem se escondeu de novo.

(267) As meninas se juntaram de novo.

⁵² É importante notar que Camacho (2003), através dessa definição, acaba por caracterizar como médias diferentes tipos de sentenças em que o *se* não é argumental. Para o autor, incoativas, verbos pronominais e outros tipos de construções com *se* não argumental são também médias. É preciso cautela nesse tipo de definição, já que o *se* possui várias funções, como apontam Souza (1999), Zenóbio (2006) e Vitral (2006) para o PB e Kemmer (1993) e Maldonado (1999) para outras línguas românicas. Neste trabalho, assumimos uma visão mais restrita da média, porém concordamos com Camacho (2003) que sentenças médias do tipo *João se levantou* são intransitivas, ou seja, o *se* não é um argumento.

⁵³ A ausência do *se* em sentenças como as apresentadas em (262-264) parece variar em diferentes regiões do Brasil. Em nosso dialeto (mineiro), essas sentenças são perfeitamente gramaticais.

Nas sentenças acima, há apenas uma interpretação, a de que o mesmo agente realizou a ação duas vezes. Em (265), por exemplo, não podemos ter uma interpretação de que o pai sentou o menino uma vez e depois o menino se sentou. O mesmo ocorre com as sentenças em (266) e em (267): no primeiro caso, temos somente a leitura de que o próprio homem se escondeu duas vezes e, por fim, em (267) há apenas a leitura de que as próprias meninas se juntaram duas vezes. A afirmação de que médias são intransitivas pode ser relacionada à ideia de Câmara Jr. (1959), de que as ações descritas em sentenças médias estão no domínio do próprio agente, que fica encerrado em si próprio, sem contato com outros participantes possíveis do evento.

Reforçando essa ideia, notamos uma diferença interessante entre sentenças reflexivas e médias, que diz respeito à referência dos DPs em posição de sujeito em cada caso. Para sentenças médias, a denotação do DP que aparece na posição de sujeito é sempre o indivíduo como um todo. Por exemplo, para uma sentença como *o homem se escondeu*, necessariamente o homem escondeu todo o seu corpo. Para gerar a interpretação de que ele escondeu parte de seu corpo, essa parte deve estar explícita na sintaxe, em uma forma como *o homem escondeu o rosto*. Diferentemente, nas reflexivas, podemos ter a interpretação de que o paciente da ação é apenas uma parte do corpo da entidade denotada pelo DP em posição de sujeito, mesmo sem a especificação dessa parte. Por exemplo, uma sentença como *o menino se sujou* pode significar que o menino sujou todo o seu corpo ou apenas o próprio rosto. Na média, o valor denotativo coincide com o valor referencial, o que indica a presença de um único participante. Diferentemente, nas reflexivas, a referência do *se* pode não ser exatamente a mesma do DP em posição de sujeito, o que mostra que existem dois participantes no evento.

A partir dessas constatações, assumimos que as médias são de fato sentenças intransitivas.⁵⁴ Podemos argumentar, assim, que elas apresentam, na sintaxe, a alternância transitivo-intransitiva, sendo, portanto, parte do objeto de estudo deste trabalho. No restante desta seção, apresentamos nossa análise para esse fenômeno. Nosso ponto de partida foi o amplo trabalho sobre reflexivas do PB realizado por Godoy (2012).

Uma das principais restrições para a formação de reflexivas é a possibilidade de o verbo apresentar uma entidade com o traço [+animado] (ou, mais especificamente, [+humano]) como segundo argumento, que entra na posição de objeto direto (FALTZ, 1977; KEMMER, 1993; GODOY, 2012). Dessa forma, verbos como *quebrar*, *encerar* e *escrever*,

⁵⁴ Esse fato pode ser relacionado à proposta cognitiva de Kemmer (1993), para quem nas médias há “menor distinguibilidade” entre dois participantes envolvidos que na reflexiva, em que há “maior distinguibilidade”.

que possuem as mesmas estruturas semânticas dos verbos apresentados em (245)-(247), que retomamos nos exemplos em (b) abaixo, não formam reflexivas:

(268) a. *O Flávio se quebrou.

b. O menino se sujou.

(269) a. *A faxineira se encerrou.

b. A rainha se coroou.

(270) a. *O poeta se escreveu.

b. A menina se desenhou.

Essa restrição também se aplica às médias, segundo Godoy (2012). Na formação das sentenças médias, apenas o argumento interno da forma transitiva que possui o traço [+animado] passa para a posição de sujeito da intransitiva. Portanto, podemos utilizar esse traço de animacidade, atrelado à agentividade desses verbos, para mostrar que as médias se distinguem das sentenças incoativas. Nesse último caso, os sujeitos das sentenças intransitivas não precisam ter o traço [+animado] e não têm propriedades agentivas. Podemos retomar o teste da oração subordinada de finalidade, que utilizamos nos capítulos anteriores para mostrar a diferença entre passiva e incoativa. A passiva aceita esse tipo de oração, pois preserva o agente, já a incoativa não aceita, pois descreve um evento espontâneo. Como as passivas, as médias apresentadas aceitam a subordinada de finalidade:

(271) O menino se sentou para ver o jogo.

(272) O homem se escondeu para fugir da polícia.

(273) As meninas se juntaram para trocar bijuterias.

Entretanto, existem alguns casos em que a distinção entre incoativas e médias se torna mais difícil. Verbos como *enrolar*, *enroscar* e *afundar* formam sentenças intransitivas com argumentos inanimados na posição de sujeito (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1994). A princípio, esses casos não poderiam ser considerados como casos de médias, pois violam a restrição de animacidade do argumento. Porém, não podem também ser considerados casos de incoativa, já que apresentam propriedades diferentes dessas formas.

(274) a. O menino enrolou a pipa no fio.

b. A pipa se enrolou no fio.

(275) a. A artesã enroscou a lã na patinha do gato.

b. A lã se enroscou na patinha do gato.

(276) a. Os piratas afundaram o barco.

b. O barco se afundou.

De acordo com Levin (1993) e com Cançado *et al.* (2013), os verbos em (274)-(276) denotam um tipo de mudança de estado, porém são diferentes dos verbos de mudança de estado como *quebrar*. No caso de *enrolar* e *enroscar*, a mudança de estado é em relação a um lugar. Cançado *et al.* (2013) propõem que, para esses verbos, o acarretamento de mudança de estado seria *ficar estado em algum lugar*, e não somente *tornar-se estado*, como no caso dos verbos como *quebrar* (*tornar-se quebrado*):

(277) O menino enrolou a pipa no fio. † A pipa ficou enrolada no fio.

(278) A artesã enroscou a lã na patinha do gato. † A lã ficou enroscada na patinha do gato.

As autoras também argumentam que é possível mostrar que esses verbos possuem três argumentos, diferentemente dos verbos de mudança de estado, que só possuem dois, através de um teste proposto por Mioto *et al.* (2007). Sentenças com um PP locativo encaixadas a uma oração principal com o verbo *dizer* geram ambiguidade se o verbo da sentença encaixada não pedir o locativo como argumento, possibilitando sua adjunção a qualquer um dos verbos da sentença complexa:

(279) A faxineira disse que o mordomo quebrou o copo na sala.

A sentença em (279) é ambígua: podemos ter a interpretação de que a faxineira disse na sala que o mordomo quebrou o copo ou podemos ainda entender que o mordomo quebrou o copo na sala.

Diferentemente, quando o verbo possui três argumentos, somente é possível a interpretação de que o locativo pertence ao verbo encaixado. Por exemplo:

(280) A faxineira disse que o mordomo colocou o copo na sala.

Em (280), a única interpretação possível é a de que o copo foi colocado na sala. Assim como *colocar*, *enrolar* e *enroscar* não apresentam ambiguidade em sentenças com o verbo *dizer*:

(281) A babá disse que o menino enrolou a coberta na cama.

(282) A Bernadete disse que o Mateus enroscou a manta no sofá.

As duas sentenças acima apenas apresentam uma interpretação: *na cama* e *no sofá* são os locativos de *enrolar* e *enroscar*, respectivamente. Assim, Caçado *et al.* (2013) argumentam que esses verbos (chamados pelas autoras de “verbos de mudança de estado locativo”) possuem três argumentos e propõem para eles a seguinte estrutura de decomposição de predicados:

(283) v: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [[Y <STATE>] IN Z]]]

O verbo *afundar* também não denota uma mudança de estado, no sentido estrito de [BECOME [Y <STATE>]]. Primeiramente, retomando a argumentação do capítulo 1, esse verbo não denota uma mudança quantizada na hierarquia de afetação de Beavers (2011), aquela que especifica um ponto final da escala, como os verbos de mudança de estado. Na verdade, trata-se de uma mudança não quantizada, ou seja, *afundar* especifica que seu argumento interno se move ao longo de uma escala, porém, não especifica até que ponto ele deve se mover, ou o ponto final da escala. Além disso, uma sentença como *os piratas afundaram o barco* parece trazer um locativo implícito, como *no rio* ou *no mar*. Se alterarmos o argumento do verbo para um objeto qualquer, como *a bola*, uma sentença como *o Paulo afundou a bola* passa a requerer um locativo. Podemos, dessa forma, fazer o teste proposto por Mito *et al.* (2007) também para o verbo *afundar*:

(284) A professora disse que o Paulo afundou a bola na piscina.

A sentença acima não é ambígua. A única interpretação possível para o locativo *na piscina* é ser o lugar onde a bola é afundada. Dessa forma, concluímos que também o verbo *afundar* não é um verbo de mudança de estado. Caçado *et al.* (2013) não apresentam uma estrutura de decomposição de predicados para esse verbo. Deixaremos essa investigação para uma pesquisa futura.

Novamente temos, portanto, casos de verbos que não denotam mudança de estado e que ocorrem em sentenças semelhantes à incoativa. Porém, as sentenças intransitivas com os verbos *enrolar*, *enroscar* e *afundar*, apesar de ocorrerem com sujeitos inanimados e com o

clítico *se*, apresentam algumas diferenças em relação às incoativas. Primeiramente, essas sentenças se distinguem das incoativas em relação às restrições dos argumentos. A alternância causativo-incoativa ocorre indistintamente com qualquer tipo de argumento interno, já que, como mostramos, por seu caráter lexical, ela depende exclusivamente do sentido do verbo e, por isso, pode ocorrer independentemente dos tipos de DPs na sentença:

(285) O prato/ a mesa/ a luz/ a asa do passarinho/ o barco/ a pipa se quebrou.

Diferentemente, verbos como *enrolar*, *enroscar* e *afundar* não formam sentenças intransitivas com o clítico *se* e com qualquer tipo de argumento:

(286) a. O menino enrolou o durex no lápis.

b. *O durex se enrolou no lápis.

(287) a. O técnico enroscou a porca no parafuso.

b. *A porca se enroscou no parafuso.

(288) a. O menino afundou a cadeira/o livro na piscina.

b. *A cadeira/ o livro se afundou na piscina.

Essa restrição, que depende da denotação dos DPs na sentença, nos mostra que a formação dessas intransitivas é um processo que não depende exclusivamente do léxico e não pode ser igualado, portanto, à alternância causativo-incoativa. Comparando sentenças intransitivas gramaticais e agramaticais com esses verbos, percebemos que, apesar da ocorrência deles com sujeitos inanimados, esses inanimados devem ter uma característica típica de agentes (DOWTY, 1991): movimento próprio. Retomamos alguns exemplos já apresentados:

(289) a. A pipa se enrolou no fio.

b. *O durex se enrolou no lápis.

(290) a. A lâ se enroscou na patinha do gato.

b. *A porca se enroscou no parafuso.

(291) a. O barco se afundou.

b. *A cadeira/ o livro se afundou na piscina.

É interessante notar que a diferença entre as sentenças gramaticais e agramaticais está no fato de que, nas gramaticais, os argumentos dos verbos denotam entidades no mundo que se movem mais ou menos espontaneamente, ou como resultado de fenômenos naturais, como o vento ou a gravidade, e, nas agramaticais, os argumentos dos verbos denotam entidades no mundo que não possuem essa capacidade, dependendo da força de um agente externo para entrarem em movimento.

Considerando que esse fenômeno não é a alternância causativo-incoativa, devemos propor uma análise capaz de explicar sua ocorrência em dados do PB. Voltemos às sentenças médias já exemplificadas nesta seção:

(292) O menino se sentou.

(293) O homem se escondeu.

(294) As meninas se juntaram.

Interessantemente, para a formação dessas sentenças existe uma restrição semelhante à que levantamos para as formas intransitivas de *enrolar*, *enroscar* e *afundar*. A princípio, os sujeitos desses verbos denotam agentes que se movem necessariamente para se sentar, se esconder ou se juntar (segundo GODOY, 2012, possuem um “motor interno”). É possível corroborar essa ideia a partir de uma análise dos vários verbos de mudança de estado locativo. Existem alguns verbos desse tipo que aceitam reflexivização e outros que formam médias. A média apenas pode ser formada quando há deslocamento sofrido pelo participante denotado pelo argumento interno, ou seja, na intransitiva deve haver um agente que se desloca. Quando não há deslocamento, há a formação da reflexiva com esses verbos. Compare as sentenças em (295) e (296) com as sentenças em (297) e (298), a seguir:

(295) O menino se amarrou na árvore. -|- O menino amarrou a si mesmo/ele mesmo na árvore.

(296) O menino se enterrou na areia. -|- O menino enterrou a si mesmo/ele mesmo na areia.

(297) O menino se escondeu no armário. ~-|- O menino escondeu a si mesmo/ele mesmo no armário.

(298) O menino se dependurou na árvore. ~-|- O menino dependurou a si mesmo/ele mesmo na árvore.

Os verbos *amarrar* e *enterrar* não acarretam um movimento para seus argumentos internos. Algo pode ser amarrado ou enterrado sem que saia do lugar. Por exemplo, podemos imaginar que na situação descrita por (295), o menino já estava ao lado da árvore e não se deslocou para se amarrar a ela. Da mesma forma, para a situação descrita em (296), podemos imaginar que o menino se enterra apenas jogando areia sobre si mesmo, sem se deslocar. Diferentemente, os verbos *esconder* e *dependurar* acarretam movimento para o seu argumento interno. Se alguém esconde algo no armário, necessariamente, esse objeto muda de lugar e passa a estar no armário; se alguém dependura algo na árvore, necessariamente, esse objeto sofre um deslocamento até um local no alto da árvore. Em uma análise dos 69 verbos de mudança de estado locativo apresentados em Cançado *et al.* (2013), constatamos que se o segundo argumento sofrer deslocamento, há formação de média. Se essa propriedade semântica não for acarretada para um determinado verbo, a formação da média não é permitida, ocorrendo apenas a forma reflexiva transitiva.

Além da classe de verbos de mudança de estado locativo, observamos a ocorrência da média apenas com verbos que acarretam movimento ao argumento interno na classe de verbos de mudança de estado. Mostramos alguns exemplos:

(299) *v*: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

(300) A mulher se envenenou. –|– A mulher envenenou a si mesma/ela mesma.

(301) As meninas se juntaram. ~–|– As meninas juntaram a si mesmas/elas mesmas.

Os exemplos acima mostram que a média ocorre com verbos de mudança de estado apenas se o verbo acarretar para o argumento interno um movimento, como já aponta Godoy (2012).

Com essas constatações, propomos uma análise única para as formas intransitivas com sujeitos animados e agentivos (*sentar*, *esconder* e *juntar*) e para as formas intransitivas com sujeitos inanimados (*enrolar*, *enroscar* e *afundar*). Assumiremos que esse fenômeno é a formação das sentenças chamadas de médias na literatura. O que motiva essa unificação é a ocorrência da mesma restrição semântica nos dois casos. Além disso, é possível ter interpretações de sentenças médias com sujeitos animados sem a agentividade, mas apenas com o movimento próprio:

(302) A menina se enrolou nos cobertores enquanto dormia.

(necessariamente deve estar em movimento, mas não necessariamente a ação de *enrolar* é volitiva)

A capacidade de movimento próprio por parte de uma entidade animada gera uma implicatura de agentividade, já que se espera que uma entidade animada que se move o faça volitivamente (argumentação semelhante é feita em POTASHNIK, 2012). Dessa forma, casos de média com animados terão preferencialmente a leitura agentiva. Porém, a possibilidade dessa implicatura não descarta uma leitura não agentiva, como a que mostramos em (302).

Portanto, a restrição para a formação de médias é o acarretamento de movimento para o argumento interno de um verbo transitivo. Esse argumento não precisa ter os traços [+animado] ou [+humano], mas precisa denotar uma entidade no mundo que é capaz de ter um movimento próprio. Como essa restrição diz respeito à natureza semântica do DP que entra na sentença, consideramos que a formação de médias não é estritamente lexical, mas depende de elementos sentenciais.

Ainda, a formação de médias ocorre com verbos que possuem diferentes estruturas de decomposição de predicados. Em nossos exemplos, são verbos de mudança de estado locativo ([[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [[Y <STATE>] IN Z]]) e verbos de mudança de estado ([[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]). Também, não são todos os verbos desses tipos que apresentam a formação de média. Assim, assumimos que esse fenômeno semântico ocorre, em princípio, com um agrupamento de verbos resultante de uma classificação semântica do tipo *fine-grained*, pois o acarretamento de movimento depende de propriedades da raiz dos verbos (como mostramos, verbos com diferentes estruturas semânticas possuem comportamento diferente em relação à média). Mostramos a seguir a representação semântica da classe de verbos mais específica, que forma sentenças médias, usando a representação verifuncional do sentido das raízes, com base em Beavers (2014):

(303) *verbos que formam médias*: [X ... <ROOT> ... Y], onde:

$$\llbracket \langle \text{ROOT} \rangle \rrbracket = \lambda x \lambda y \lambda e [\text{mover}(e)(x)(y)]$$

Na estrutura em (303), mostramos que, para que um verbo forme uma sentença média, ele deve apresentar dois argumentos, X e Y, e em sua raiz deve estar especificada a informação de que X move Y. A representação verifuncional da raiz pode ser lida como: em um evento, descrito pelo verbo, Y é movido por X.

Além dos verbos de mudança de estado e de mudança de estado locativo, a formação de médias também ocorre com verbos de trajetória (GODOY, 2012), que também acarretam movimento para o argumento interno. Por exemplo:

(304) *v*: [[X ACT_{<MANNER>}] CAUSE [Y MOVE [PATH Z]]] (GODOY, 2012, p. 155)

(305) a. O menino jogou a menina no lago.

b. A menina se jogou no lago. ~-I- A menina jogou a si mesma/ela mesma no lago.

Nesses casos, a propriedade de movimento não provém da raiz, mas da própria estrutura de decomposição de predicados do verbo, por meio do predicado MOVE (JACKENDOFF, 1990). Assim, esses verbos se diferenciam dos verbos de mudança de estado e de mudança de estado locativo e a formação de médias será uma propriedade de todos os verbos de trajetória, já que a propriedade relevante para esse fenômeno está presente em uma classificação semântica do tipo *medium-grained*. A formação de médias é, portanto, o único fenômeno semântico analisado neste trabalho que “enxerga” diferentes níveis de análise, *fine-grained* para alguns verbos e *medium-grained* para outros, além de ainda ter uma restrição sobre a denotação dos DPs nas sentenças. É importante notar que verbos como *jogar* parecem não permitir a queda do *se*, apesar de não aceitarem a paráfrase com *si mesmo(a)/ele(a) mesmo(a)*. Tais verbos estão sendo analisados no trabalho de Meirelles (em prep.).

Segundo Godoy (2012), o acarretamento de movimento do verbo faz com que os dois subeventos relacionados por CAUSE na estrutura semântica passem a ser concomitantes. Na literatura (DOWTY, 1979; PINKER, 1989), a causação, representada por CAUSE, é relacionada a uma sequência temporal, em que o primeiro subevento ocorre antes que o segundo em uma linha do tempo. Godoy (2012) formula a diferença básica entre reflexivas e médias a partir desse ponto: reflexivas mantêm a relação de causação entre os subeventos do verbo e, conseqüentemente, a relação de sequência no tempo, e médias “suprimem” essa relação, gerando uma interpretação de que os dois subeventos são concomitantes.

Além dos casos de verbos que acarretam um movimento, Godoy (2012) ainda apresenta como casos de médias as reflexivas que ocorrem com verbos de modo de afetação, como *lavar*, que não possuem CAUSE em sua estrutura semântica. Segundo a autora, como esses verbos já não lexicalizam a causação, a reflexivização que ocorre neles é naturalmente um caso de média, ou nos termos da autora, uma reflexiva não causativa. Porém, para nós, uma sentença como *o Paulo se lavou* em PB pode ser parafraseada por *o Paulo lavou a si*

mesmo/ele mesmo (como também aponta CAMACHO, 2003) e não pode haver queda do *se*, caracterizando-se, assim, como um caso de reflexiva, e não de média. Na literatura, verbos chamados de “verbos de cuidados corporais” (KEMMER, 1993) são normalmente associados à média, e não à reflexiva. Acreditamos que essa associação se dê por causa de línguas em que esses verbos não são marcados com morfologia reflexiva. Um exemplo é o inglês que, para uma sentença reflexiva com o verbo *wash* ‘lavar’, utiliza simplesmente a forma intransitiva, como em *Carl washed* (que inclusive possui o sentido polissêmico de *tomar banho*). Entretanto, acreditamos que o português tem um comportamento distinto do inglês e de outras línguas em relação à reflexivização dos verbos de cuidados corporais. Não encontramos motivos para não tratar uma sentença como *o Paulo se lavou* como reflexiva. Segundo Kemmer (1993) e Schepper (2010), tipos de verbos que formam médias e reflexivas variam entre línguas. Portanto, a análise feita para tais verbos no inglês não se aplica ao PB necessariamente.

Além de *lavar*, outros verbos de cuidados corporais, como *maquiar* e *barbear* em PB, são também analisados por Godoy (2012) como formadores de médias por causa da possibilidade de queda do *se* em sentenças como *a noiva maquiou* e *o noivo barbeou*. Propomos, entretanto, que nessas sentenças, e em outras similares, não há os acarretamentos de que a noiva maquiou a si mesma e de que o noivo barbeou a si mesmo. Em uma pesquisa para atestação desses dados no Google não encontramos essas formas. Sentenças desse tipo não aparecem sem o *se* e, para nós, as paráfrases *a noiva maquiou a si mesma/ela mesma* e *o noivo barbeou a si mesmo/ele mesmo* são possíveis. Dessa forma, podemos analisar essas sentenças como casos de construção de resultado: *a noiva já maquiou?* e *o noivo já barbeou?* (sem acarretamento de uma interpretação reflexiva).

Portanto, discordamos de Godoy (2012) em relação à determinação da formação de reflexivas ou médias a partir da presença ou ausência de CAUSE na estrutura semântica do verbo. Argumentamos que a média não é apenas uma reflexiva não causativa, mas difere da reflexiva em dois pontos muito importantes: na reflexiva, os dois argumentos do verbo se mantêm, sendo a sentença reflexiva uma sentença transitiva, enquanto a média é intransitiva; e as restrições semânticas para uma e outra são distintas. A impossibilidade de apagamento do clítico *se* nas reflexivas e a possibilidade desse apagamento nas médias corroboram a nossa proposta. Como já afirmamos, como o *se* não é argumental nesses casos, a média é uma sentença intransitiva e a sua ocorrência com verbos que possuem formas sintáticas transitivas dá origem na sintaxe à alternância transitivo-intransitiva.

Uma última questão sobre a formação de sentenças médias pode ainda ser levantada: esse fenômeno é um tipo de reflexivização, como propõe Godoy (2012), ou é um fenômeno distinto e independente? Com base na possibilidade de ocorrência de ambos com um mesmo verbo, argumentamos que sentenças reflexivas e médias resultam de dois diferentes fenômenos semânticos. Godoy (2012) aponta que a forma intransitiva com *se* de um verbo como *jogar*, por exemplo, é ambígua entre uma interpretação reflexiva e uma interpretação média:

(306) João se jogou na piscina. (GODOY, 2012, p. 77)

Como argumenta a autora, podemos imaginar, primeiramente, que a sentença acima descreve um evento em que João simplesmente pula na piscina. Nesse caso, não poderíamos ter a paráfrase *João jogou a si mesmo/ele mesmo na piscina*. Porém, em uma situação em que o João utiliza um instrumento, como uma catapulta, por exemplo, para jogar a si mesmo na piscina, a paráfrase com *a si mesmo/ele mesmo* é possível.

Dessa forma, os dois fenômenos não são complementares. Isso nos leva a supor que média e reflexiva são fenômenos independentes, ou seja, um verbo não precisa “escolher” uma das opções. Se um verbo, como *sentar*, por exemplo, atender às restrições para os dois fenômenos, ele poderá ocorrer nos dois tipos de sentenças. Apesar do estranhamento inicial de uma reflexiva com o verbo *sentar*, qualquer tipo de verbo pode ser reflexivizado se pensarmos em uma situação de viagem no tempo em que alguém encontra o seu próprio “eu” do passado e realiza diferentes tipos de ação com ele, como aponta Morgan (1969). Nessa situação, imaginando que alguém, digamos Lucas, volta no tempo e encontra consigo mesmo quando ainda era um bebê, a sentença *o Lucas se sentou na cadeirinha de bebê* pode ser parafraseada por *o Lucas sentou a si mesmo/ele mesmo na cadeirinha de bebê*.

Para concluir esta seção, afirmamos que as sentenças médias são de fato distintas de sentenças reflexivas e são distintas também das sentenças incoativas. Verbos que acarretem um movimento para seu argumento interno podem formar médias, desde que esse argumento denote uma entidade com movimento próprio. Como a propriedade de acarretar um movimento a Y pode derivar do sentido idiossincrático ou da estrutura semântica dos verbos, esse fenômeno pode ter escopo sobre grupos de verbos resultantes de classificações do tipo *fine-grained* ou do tipo *medium-grained*. Por fim, mostramos que sentenças médias são formas intransitivas do tipo DP₂ V, diferentemente das reflexivas. Portanto, esse fenômeno semântico dá origem na sintaxe à alternância transitivo-intransitiva.

3.4.1 A alternância com verbos de modo de movimento

Os verbos conhecidos na literatura como “verbos de modo de movimento” (JACKENDOFF, 1990; LEVIN, 1993) também apresentam uma alternância do tipo transitivo-intransitiva:

- (307) a. O vento sacudiu as folhas do limoeiro.
 b. As folhas do limoeiro sacudiram.

Alguns autores, como Levin e Rappaport Hovav (1992), Levin (1993) e Haspelmath (1993), assumem que essa alternância verbal é a causativo-incoativa, que descrevemos na primeira seção deste capítulo. Entretanto, Levin e Rappaport Hovav (1994) apontam que existem diferenças significativas entre esses verbos e os verbos de mudança de estado que motivam a análise dessa alternância como outro tipo de fenômeno. Amaral (2012), em um estudo para o PB, propõe que os verbos de modo de movimento não possuem a característica semântica de incoação, ou seja, não denotam mudança de estado do tipo *tornar-se estado* (LAKOFF, 1970) e, por isso, o tipo semântico da alternância verbal da qual esses verbos participam é distinto do tipo semântico da alternância causativo-incoativa. Antes de iniciarmos nossa análise para esses verbos, apresentamos outros exemplos:

- (308) a. O vento balançou a rede.
 b. A rede balançou.
 (309) a. O menino rodou a roleta.
 b. A roleta rodou.

Primeiramente, argumentamos contra uma análise dessas sentenças em termos da alternância causativo-incoativa. Um primeiro ponto diz respeito à natureza semântica desses verbos, que não denotam mudança de estado, como aponta Pinker (1989). Como mostramos na primeira seção deste capítulo, os verbos de mudança de estado são caracterizados pelo acarretamento de *tornar-se estado* e por se encaixarem no maior nível na hierarquia de afetação, a mudança quantizada. No caso dos verbos de modo de movimento, não há esse acarretamento e, inclusive, não existe a possibilidade de formação de passivas adjetivais desse tipo:

(310) *As folhas tornaram-se sacudidas.

(311) *A rede tornou-se balançada.

(312) *A roleta tornou-se rodada.

Em relação à hierarquia de afetação, esses verbos não estão no maior grau, a mudança quantizada, como os verbos de mudança de estado, mas podem ser caracterizados como mudanças potenciais. Segundo Beavers (2011), as mudanças podem ser de estado e de lugar e, no caso dos verbos de modo de movimento, não há um acarretamento de mudança de lugar, mas há essa possibilidade e há contato entre os participantes do evento.

Além disso, como mostramos, os verbos de mudança de estado apresentam apenas uma restrição de caráter estritamente lexical para ocorrerem na alternância causativo-incoativa, por isso, não há restrição dos tipos de argumentos do verbo que podem ocorrer em uma sentença intransitiva. Entretanto, os verbos de modo de movimento não parecem formar sentenças intransitivas perfeitamente gramaticais com qualquer tipo de argumento na posição de sujeito:

(313) a. A Joice sacudiu o telefone.

b. ?O telefone sacudiu.

(314) a. O menino balançou a mesa.

b. ?A mesa balançou.

(315) a. O menino rodou a lapiseira.

b. ?A lapiseira rodou.

Pelos motivos apontados, seguindo a argumentação de Amaral (2012), propomos que a alternância que ocorre com verbos de modo de movimento não pode ser a causativo-incoativa, pois, além de esses verbos não possuírem a propriedade semântica de incoação, a alternância que ocorre com eles parece ser restrita por propriedades que vão além do sentido lexical do verbo (mais à frente, retornaremos a essa argumentação).

Seguindo as propostas de Jackendoff (1990) e de Levin e Rappaport Hovav (1992), Amaral (2012) propõe que as formas intransitivas dos verbos de modo de movimento podem ser representadas pela seguinte estrutura de decomposição de predicados (proposta semelhante encontra-se em MENUZZI; RIBEIRO, 2011):

(316) v: [Y MOVE <MANNER>]

A propriedade semântica comum desses verbos seria, então, denotar um movimento que se desenrola de uma maneira específica. A estrutura de cada verbo em particular traz na raiz a informação da maneira específica do movimento.

Entretanto, se assumirmos essa estrutura para a forma intransitiva dos verbos, a forma transitiva comporta um segundo subevento, que, na proposta de Amaral (2012), seria o primeiro argumento de um predicado primitivo CAUSE (também de maneira semelhante à proposta de MENUZZI; RIBEIRO, 2011):

(317) v: [[X ACT] CAUSE [Y MOVE <MANNER>]]

Na literatura (DOWTY, 1979; PINKER, 1989; CANÇADO *et al.*, 2013), a presença de CAUSE reflete uma estrutura de subeventos, corroborada pela ambiguidade de escopo de *quase* (MORGAN, 1969). Verbos que geram sentenças ambíguas com *quase* denotam um evento complexo, que possui dois subeventos relacionados por CAUSE (*a Maria quase quebrou o vaso*: ela tentou, mas não conseguiu ou ela nem começou a agir); verbos que geram sentenças não ambíguas com *quase* denotam um evento simples, não divisível em subeventos (*a Maria quase correu hoje*: apenas a interpretação de que ela nem começou a agir). A ambiguidade de *quase* também é associada à telicidade dos verbos que denotam um evento complexo. Apresentamos exemplos de sentenças com *quase* e verbos de modo de movimento:

(318) O menino quase balançou a rede.

(319) O menino quase rodou o copo.

(320) A empregada quase sacudiu o tapete.

Todas essas sentenças apresentam apenas uma interpretação: o agente nem começou a agir. Portanto, com base nas argumentações de Morgan (1969), de Dowty (1979), de Pinker (1989), de Cançado *et al.* (2013) e de vários outros autores, não podemos assumir para a forma transitiva desses verbos uma estrutura com o predicado primitivo CAUSE, já que o teste do *quase* indica que os eventos denotados por eles são simples. Além disso, os verbos de modo de movimento denotam eventualidades atélicas, atividades, e, na literatura, o predicado primitivo CAUSE é associado a verbos télicos de *accomplishment* (DOWTY,

1979). Nossa proposta, então, é reformular o predicado primitivo MOVE, de forma que ele possa ser utilizado para representar a forma transitiva desses verbos sem a presença de CAUSE. Como originalmente proposto em Jackendoff (1990), esse predicado primitivo é monoargumental. Porém, propomos que, como o próprio verbo *mover* da língua, no qual se espelha o predicado primitivo, MOVE toma dois argumentos. A estrutura que propomos para esses verbos é:

(321) v: [X MOVE _{<MANNER>} Y]

Com essa reformulação do predicado MOVE, propomos também uma adaptação da estrutura dos verbos de trajetória proposta por Godoy (2012), que assume MOVE como monoargumental. Repetimos a estrutura abaixo:

(322) v: [[X ACT_{<MANNER>}] CAUSE [Y MOVE [PATH Z]]] (GODOY, 2012, p. 155)

Para os propósitos deste trabalho, sem entrarmos em muitos detalhes, podemos assumir simplesmente que os verbos de trajetória não são causativos e que sua estrutura se assemelha à dos verbos de modo de movimento, com a adição do argumento que indica a trajetória do movimento, como propõe Meirelles (em prep.):

(323) v: [X MOVE _{<MANNER>} Y [PATH Z]]

Interessantemente, assim como os verbos de modo de movimento, os verbos de trajetória também não formam sentenças ambíguas com *quase*, o que corrobora essa análise. *O menino quase jogou a bola e a menina quase lançou o disco* apenas têm uma interpretação de que a ação não foi iniciada.⁵⁵ Uma análise mais cuidadosa de tais dados está sendo realizada por Meirelles (em prep.).

Voltando-nos agora para as formas intransitivas desses verbos, uma primeira observação que podemos fazer é que parece existir para a formação de tais sentenças uma

⁵⁵ Observando essas sentenças com os argumentos locativos dos verbos, notamos que há uma ambiguidade de escopo de *quase*. *O menino quase jogou a bola no cesto* pode ser interpretada como o menino nem jogou a bola, ou como o menino jogou a bola, mas não no cesto. O mesmo tipo de ambiguidade ocorre em uma sentença como *a menina quase lançou o disco para o cão*. Nesses casos, as diferentes possibilidades de escopo de *quase* se dão externamente ao verbo, ou seja, cada possibilidade de escopo incide sobre um diferente sintagma (o verbo ou o argumento locativo), e não sobre diferentes partes de um único item. Por isso, tal ambiguidade não evidencia a presença de CAUSE na semântica desses verbos.

restrição em relação à denotação do DP que ocupa a posição de sujeito. Essa restrição é similar à que ocorre na formação de sentenças médias. Observamos que, para que um verbo de modo de movimento ocorra na forma intransitiva, é preciso que o DP na posição de sujeito denote uma entidade com capacidade de ter movimento próprio (ou pelo menos se mover de uma maneira espontânea, por meio de eventos naturais). Essa restrição pode ser evidenciada com a comparação das sentenças em (a) e em (b), nos exemplos abaixo. A inserção de sintagmas como *ao vento/com o vento*, que explicitam o movimento da entidade denotada pelo sujeito, contribui ainda mais para a gramaticalidade dessas sentenças:

- (324) a. O galho da árvore/ a cortina/ a rede sacudiu (ao vento/com o vento).
 b. ?O telefone/o computador/a cadeira/o guarda-roupa sacudiu.
- (325) a. O balanço/ a roupa no varal/ o galho da árvore balançou (ao vento/ com o vento).
 b. ?A mesa/o telefone/a caneta/ a árvore/ a garrafa balançou.
- (326) a. O cata-vento/o pião rodou (incessantemente).
 b. ?A lapiseira/o chinelo rodou.⁵⁶

Além disso, quando um argumento com o traço [+animado] ocorre na posição de sujeito dessas formas intransitivas, obtemos uma leitura agentiva, como mostram as sentenças abaixo com orações subordinadas de finalidade:

- (327) O cachorro (se) sacudiu para tirar a água do pelo.⁵⁷
 (328) O menino balançou (na cadeira de balanço) para se divertir.
 (329) A menina rodou para ficar tonta.

Assim como no caso das médias, propomos que a restrição do movimento próprio atrelada à animacidade gera uma forte implicatura de agentividade. Um ser animado que tem movimento próprio, muito provavelmente é um agente. Porém, existem casos em que podemos ter uma interpretação não agentiva do ser animado que se move nessas sentenças:

⁵⁶ Acreditamos que as sentenças em (b) acima são possíveis, porém, dependem de um contexto que atribua movimento espontâneo aos argumentos em posição de sujeito para se tornarem completamente gramaticais. Observe o contraste entre *?o chinelo rodou* e *o impacto da batida foi tão forte que o chinelo da vítima rodou no meio do asfalto*.

⁵⁷ Dentre os verbos de modo de movimento analisados, alguns, como *sacudir*, aceitam o clítico *se* na forma intransitiva, mas não é o caso de todos (**o menino se rodou* – apenas gramatical em uma leitura reflexiva). Mesmo para aqueles que aceitam, o clítico parece ter uma preferência por sujeitos animados: *o menino se sacudiu*/**as folhas se sacudiram*. Deixaremos a explicação desse fato para uma pesquisa futura.

(330) O menino balançava ao vento, pendurado pelo pé no último galho de uma árvore alta.

Por todas essas similaridades em relação à formação de sentenças médias, propomos que as sentenças intransitivas com os verbos de modo de movimento são resultado desse fenômeno semântico. A única distinção que apontamos é a ausência da marcação com o clítico *se*, no caso da maioria dos verbos de modo de movimento. Por analogia à alternância causativo-incoativa, que permite o *se* em alguns casos e o proíbe em outros, propomos que essa característica morfossintática dos verbos de modo de movimento não motiva a análise de sua alternância como um fenômeno distinto da formação de médias.

Assim como no caso dos verbos de trajetória, tipo *jogar*, os verbos de modo de movimento apresentam o predicado primitivo MOVE em sua estrutura semântica. Por isso, todos esses verbos atendem à primeira restrição que delimitamos para a formação de médias, o verbo acarretar movimento para o argumento interno. Assim, esses verbos se assemelham aos verbos de trajetória, já que a formação de médias será uma propriedade de toda a classe e a propriedade relevante para esse fenômeno está presente em uma classificação do tipo *medium-grained*. Voltamos a afirmar com isso que a formação de médias é o único fenômeno semântico analisado neste trabalho que “enxerga” diferentes níveis de análise, *fine-grained* para verbos de mudança de estado e de mudança de estado locativo, sem MOVE na estrutura semântica, e *medium-grained* para verbos de trajetória e de modo de movimento, com MOVE na estrutura semântica. Além disso, a média tem uma restrição sobre a denotação dos DPs nas sentenças.

Como última observação, apontamos que todos esses verbos podem formar reflexivas, se certas restrições pragmáticas forem satisfeitas. A princípio, uma sentença como *o menino se balançou na rede* não possui a paráfrase *o menino balançou a si mesmo/ele mesmo na rede*. Porém, poderíamos imaginar uma situação em que o menino constrói um mecanismo, como uma corda amarrada à rede e a algum outro lugar, a qual provoca o movimento da rede quando puxada. Nesse cenário, o menino poderia balançar seu irmão na rede, por exemplo, e depois, balançar a si mesmo. Nessa situação, a sentença pode ser parafraseada por *o menino balançou a si mesmo/ele mesmo na rede* e constitui um caso de reflexiva, não de média.

Concluindo, analisamos a alternância verbal que ocorre com os verbos de modo de movimento como a formação de sentenças médias. Mostramos que essa alternância é diferente da alternância causativo-incoativa, mas também se reflete na sintaxe como uma alternância transitivo-intransitiva.

3.5 A alternância com verbos aspectuais

Na literatura, verbos como *começar*, *continuar* e *terminar* são conhecidos como “aspectuais” ou “aspectualizadores” (CASTILHO, 1968; CUNHA, 1998; VERKUYL, 1999; WACHOWICZ, 2007; BERTUCCI, 2011). Esses verbos podem ocorrer em dois tipos de sentenças, transitiva ou intransitiva:

- (331) a. A professora começou a aula.
 b. A aula começou.
- (332) a. O professor continuou a palestra.
 b. A palestra continuou.
- (333) a. A professora terminou a aula.
 b. A aula terminou.

Autores como Levin (1993), Pustejovsky (1995), Wachowicz (2007) e Negrão e Viotti (2008) assumem que sentenças como as mostradas acima exemplificam a alternância causativo-incoativa, já apresentada na primeira seção deste capítulo. Porém, uma primeira evidência de que esse não é o caso é o fato de que a ocorrência da sentença transitiva com verbos aspectuais é restrita por tipos de argumentos do verbo. Como já afirmamos, a alternância causativo-incoativa é restrita exclusivamente pelo sentido lexical (e não por quaisquer elementos que aparecem na sentença). Mostramos alguns exemplos de casos em que a forma transitiva dos verbos aspectuais não é licenciada:

- (334) a. *O meteorologista começou a chuva.
 b. A chuva começou.
- (335) a. *O professor continuou a preocupação.
 b. A preocupação continuou.
- (336) a. *O santo terminou a tempestade.
 b. A tempestade terminou.

Além disso, os verbos aspectuais não ocorrem com *se* na forma intransitiva, mesmo quando esses verbos aceitam agentes, diferentemente dos casos de alternância causativo-incoativa:

(337) *A aula se começou.

(338) *A palestra se continuou.

(339) *A aula se terminou.

Por fim, esses exemplos não são casos da alternância causativo-incoativa porque os verbos aspectuais não denotam uma mudança de estado do tipo *tornar-se estado*:

(340) *A aula tornou-se começada.

(341) *A palestra tornou-se continuada.

(342) *A aula tornou-se terminada.

Assumimos, portanto, que a alternância que ocorre com os verbos aspectuais não é a alternância causativo-incoativa, mas é mais um dos diferentes tipos de fenômenos semânticos que se refletem na sintaxe na forma da alternância transitivo-intransitiva. A seguir, apresentamos nossa análise para esse fenômeno.

De acordo com Wachowicz (2007) e com Bertucci (2011), os verbos aspectuais não denotam um evento no mundo, mas são operadores que marcam o aspecto em uma eventualidade, denotada por outro elemento da sentença, como um VP ou um DP.⁵⁸ Nas sentenças que mostramos até aqui, essas eventualidades são denotadas por DPs, como *a aula* e *a palestra*. Outro tipo de sentenças, com VPs denotando eventualidades, é exemplificado abaixo:

(343) A professora começou a *falar sobre Chomsky*.

(344) O professor continuou a *dar palestras sobre linguística*.⁵⁹

(345) A professora terminou de *escrever a matéria*.

Com base nas sentenças que mostramos, poderíamos pensar que os verbos aspectuais são agentivos, pois comportam um argumento agente na posição de sujeito. Porém, é possível mostrar que o agente nessas sentenças não é dos verbos aspectuais, mas está

⁵⁸ Para um amplo estudo sobre os verbos aspectuais no PB, ver Bertucci (2011). O autor diverge em alguns pontos da definição apresentada por Wachowicz (2007), porém a diferença entre as duas propostas não interfere na análise que propomos para os verbos aspectuais.

⁵⁹ O verbo *continuar* também aceita uma forma verbal de gerúndio denotando o evento: *o professor continuou dando palestras sobre linguística*.

relacionado às eventualidades sobre as quais os verbos aspectuais operam. Se construirmos sentenças com verbos aspectuais e eventualidades não agentivas, veremos que o argumento agente não aparece. Como já mostramos em (334), a sentença com um verbo aspectual e o DP *a chuva*, que contém um nome relacionado ao verbo *chover* e que denota uma eventualidade não agentiva, não aceita um agente na posição de sujeito na forma transitiva. Ainda, mostramos outro exemplo que corrobora essa afirmação:

(346) As saídas da Rosa começaram a preocupar a Maria.

O verbo *preocupar*, como afirma Cançado (1995), não aceita um agente na posição de sujeito, mas somente um argumento com papel temático de causa. Na sentença em (346), a mesma restrição é imposta, ou seja, o sujeito de *começar a preocupar* também só pode ser uma causa.⁶⁰ Isso nos mostra que o sujeito da sentença é selecionado por *preocupar*, e não por *começar*. Concluímos, portanto, que os argumentos agentes em uma sentença com um verbo aspectual não são do verbo aspectual, mas são argumentos do verbo ou do nome que denotam a eventualidade interna da sentença, sobre a qual o verbo aspectual opera. Para Newmeyer (1975), os verbos aspectuais são “transparentes” em relação à restrição argumental. O autor também aponta sentenças como **o Túlio começou ao Marcos trabalhar* para evidenciar essa afirmação. Se o argumento do verbo encaixado não aparecer na posição de sujeito, nenhum outro elemento poderá ocupar tal posição.

Alexiadou e Anagnostopoulou (1999), Fukuda (2007) e Horvath e Siloni (2011a) argumentam que esses verbos são incluídos no conjunto dos verbos de alçamento (*raising verbs*), que se caracterizam, justamente, por permitir que o argumento de um predicador encaixado seja alçado para a posição de sujeito. Em português, um exemplo desse tipo de verbo é *parecer*, que toma um argumento sentencial: *parece que a Maria está doente*. O argumento *a Maria* do verbo encaixado pode ser alçado para a posição de sujeito de *parecer*, formando uma sentença como *a Maria parece estar doente*.

Além de uma análise em termos de alçamento, na literatura também existem propostas que tratam os verbos aspectuais como auxiliares, como é o caso de Rech (2011). Para os auxiliares, também é assumido que os argumentos que aparecem na posição de sujeito não são do auxiliar, mas do verbo que o acompanha (COELHO, 2006; TRAVAGLIA, 2007; RECH, 2011). Por exemplo, para um auxiliar como *haver* podemos ter sentenças como *havia*

⁶⁰ Apesar de uma entidade animada poder aparecer como sujeito nessas sentenças, a denotação desse elemento é sempre de uma eventualidade causadora, e não de um indivíduo que age volitivamente (CANÇADO, 1995).

chovido, em que não aparece nenhum argumento, por causa do verbo *chover*, e sentenças como *o padre havia chegado*, em que o argumento de *chegar* aparece na posição de sujeito.

Apesar de se comportarem como verbos de alçamento e como auxiliares, os aspectuais apresentam uma importante diferença em relação a esses dois tipos de verbos: apenas eles aceitam complementos DPs, como já apontado por Perlmutter (1968, 1970, *apud* FUKUDA, 2007). Não tentaremos propor aqui uma explicação para esse fato, mas apontamos que é assumido na literatura que esses verbos passaram por um processo de gramaticalização, originando operadores a partir de verbos com um conteúdo semântico pleno (TRAVAGLIA, 2007). Conforme Coelho (2013), em processos de gramaticalização, certos traços formais do item lexical podem se manter, até mesmo na forma mais gramaticalizada.⁶¹ A autora aponta que no caso da gramaticalização dos verbos auxiliares, onde podemos incluir os aspectuais, “o verbo auxiliar mantém a propriedade de selecionar argumentos” (COELHO, 2013, p. 527). Dessa forma, podemos levantar a hipótese de que, mantendo determinados traços de um verbo plenamente lexical, como na proposta da autora, o operador seleciona uma forma não verbal, um DP, por meio de um princípio de subcategorização. Rech (2011) também aponta uma gradualidade em relação à auxiliaridade, argumentando também que os aspectuais ainda mantêm características de verbos plenos.

Independentemente de se considerar os verbos aspectuais como verbos de alçamento ou como auxiliares, seguindo as argumentações desses autores e com base nos exemplos apresentados, podemos concluir que o sujeito nas sentenças com os verbos aspectuais não é um argumento desses verbos, nem mesmo quando este subcategoriza um DP, como já mostramos.⁶² Assim, assumimos que esses itens são predicadores monoargumentais, que selecionam uma eventualidade como argumento (NEWMEYER, 1975; OYHARÇABAL, 2003; WACHOWICZ, 2007). Sintaticamente, essa eventualidade pode aparecer como um VP (complemento de P), como um DP ou como gerúndio (BERTUCCI, 2011). Exemplificamos cada um desses casos, respectivamente, com as sentenças em (347) abaixo:

⁶¹ Segundo Coelho (2013), existe uma hierarquia de traços que determina, no processo de gramaticalização, os traços mais facilmente perdidos (ou mais fracos) e os traços mais permanentes (ou mais fortes). Segundo a autora, a propriedade de subcategorização, que parece se manter no caso da gramaticalização dos aspectuais, é um traço considerado forte.

⁶² Não nos estenderemos aqui sobre essas questões sintáticas, já que o que nos interessa é simplesmente o fato de que os sujeitos de sentenças com verbos aspectuais na forma transitiva não são argumentos desses verbos. Remetemos o leitor ao trabalho de Fukuda (2007) para mais detalhes.

- (347) a. Continua [a [chegar cartas no antigo endereço]_{VP}]_{PP}.
 b. Continua [a briga dos meninos pelo controle remoto]_{DP}.
 c. Continua [caindo pedras de gelo]_{GerP}.

Os argumentos dos verbos e dos nomes contidos nesses sintagmas podem aparecer na posição de sujeito do verbo aspectual, à semelhança do que ocorre com os verbos de alçamento e com os auxiliares, como já apontamos. No caso dos exemplos acima, os argumentos de *chegar*, de *briga* e de *cair* podem ocupar a posição de sujeito da sentença:

- (348) a. *Cartas* continuam a chegar no antigo endereço.
 b. *Os meninos* continuam a briga pelo controle remoto.
 c. *Pedras de gelo* continuam caindo.

Tendo estabelecido uma estrutura argumental para os aspectuais, resta-nos, portanto, propor uma explicação para a ocorrência de formas transitivas e intransitivas com esses verbos. Primeiramente, propomos que a ocorrência de duas formas sintáticas não reflete diferentes possibilidades de ocorrência para os argumentos do verbo aspectual, já que o item que pode aparecer na posição de sujeito na forma transitiva não é um argumento desses verbos. Na verdade, a alternância reflete diferentes possibilidades de ocorrência para os argumentos do complemento do verbo aspectual, que denota a eventualidade sobre a qual o verbo aspectual opera. Vejamos alguns exemplos com diferentes tipos de eventualidades como complementos dos verbos aspectuais:

- (349) a. Começou/continuou/terminou a nevasca.
 b. *O meteorologista começou/continuou/terminou a nevasca.
 (350) a. Começou/continuou/terminou a corrida.
 b. Os atletas começaram/continuaram/terminaram a corrida.

Em (349), o nome *nevasca* não possui argumentos (**a nevasca do meteorologista*), portanto, a única sentença possível com o verbo aspectual é a intransitiva. Como o nome não possui argumentos, não existe nenhum elemento que possa ocupar a posição de sujeito do verbo aspectual e a sentença transitiva não é licenciada. Em (350), o nome contido no DP, *corrida*, possui um argumento (*a corrida dos atletas*), porém, como afirma Borba (1996), não há obrigatoriedade de esse argumento aparecer na sintaxe (*corrida*

ou *corrida dos atletas*).⁶³ Assim, as duas formas sintáticas ocorrem, já que é possível a forma intransitiva, quando não aparece o argumento do nome (em (350a)), e a forma transitiva, com o argumento do nome na posição de sujeito (em (350b)). Também é possível a ocorrência de uma forma intransitiva com o argumento do nome: *começou/ continuou/ terminou a corrida dos atletas*.

Com os exemplos apresentados acima, propomos que a ocorrência dos verbos aspectuais na alternância transitivo-intransitiva decorre da opcionalidade do argumento da eventualidade interna. Se não houver argumentos (como no caso de *chuva* e *nevasca*), não haverá alternância, pois a forma transitiva não será licenciada, já que não há um elemento que poderia ocupar a posição de sujeito. Para que possa haver alternância, o verbo aspectual deve selecionar um complemento DP e o nome contido neste DP deve ter pelo menos um argumento que, pela natureza sintática dos nomes, é opcional (BORBA, 1996). É o que ocorre com *briga* e *corrida*, cujos argumentos opcionais podem ser alçados para a posição de sujeito, originando uma sentença transitiva, e podem não aparecer na sintaxe ou permanecer *in situ*, originando uma sentença intransitiva.

É fácil perceber como nomes como *briga* e *corrida* possuem um argumento, já que são morfologicamente relacionados aos verbos *brigar* e *correr* e possuem o mesmo tipo de argumento que esses verbos, um agente. Porém, nos exemplos em (331)-(333), os complementos dos verbos aspectuais são nomes não relacionados a verbos, como *aula* e *palestra*. Repetimos esses exemplos a seguir:

(351) a. A professora começou a aula.

b. A aula começou.

(352) a. O professor continuou a palestra.

b. A palestra continuou.

(353) a. A professora terminou a aula.

b. A aula terminou.

Quando verbos aspectuais selecionam complementos DPs, necessariamente deve haver um nome que denota uma eventualidade dentro desses DPs. Apesar de não relacionados a verbos, nomes como *aula* e *palestra* denotam eventualidades. Poderíamos nos perguntar, então, como pode ocorrer alternância nos exemplos acima, já que esses nomes não têm um

⁶³ Ressaltamos que se trata de um argumento do ponto de vista semântico, conforme Borba (1996) e Cançado (2009). Em análises tradicionais esse elemento é considerado um adjunto do nome.

verbo relacionado do qual poderiam “herdar” argumentos. Para Gross (1996), Borba (1996) e Jezek (2008), nomes desse tipo têm função predicadora e têm pelo menos uma construção com verbo suporte (por exemplo, *dar aulas*).⁶⁴ Segundo os autores, não são todos os nomes com função predicadora que derivam de verbos. Borba (1996) afirma que nomes como *dieta*, *infância*, *vontade*, *greve* e *idade*, em português, têm função predicadora, mesmo não sendo derivados de verbos. Assumimos que esse é o caso de nomes como *aula* e *palestra*. Observamos que há de fato um paralelismo entre a estrutura argumental de nomes morfologicamente relacionados a verbos, como *dança*, e nomes como *aula* e *palestra*. Em ambos os casos, DPs podem ser construídos com o nome e um tipo de agente encabeçado por *de*:

(354) A dança da bailarina (A bailarina dançou.)

(355) A aula da professora (A professora deu a aula.)

(356) A palestra do cientista (O cientista deu a palestra.)

Esse paralelismo nos leva a concordar com Gross (1996), com Borba (1996) e com Jezek (2008) e a assumir que, mesmo quando os verbos aspectuais têm como complementos DPs com nomes não morfologicamente relacionados a verbos, os argumentos que aparecem em posição de sujeito na sentença transitiva não são do verbo, mas do nome. O mesmo paralelismo é encontrado em nomes não agentivos e, nesses casos, o nome recebe um argumento encabeçado por *de* com outro papel temático (experenciador ou paciente). Podemos observar o paralelismo entre o nome *preocupação*, relacionado a *preocupar*, e os nomes *ciúme* e *vontade*, que não se relacionam morfologicamente a verbos:

(357) A preocupação de Maria (Maria se preocupa.)

(358) O ciúme de Leandro (Leandro tem ciúme.)

(359) A vontade do Paulo (O Paulo tem vontade.)

Concluimos, então, que a alternância com os verbos aspectuais pode ocorrer quando o verbo selecionar como complemento um DP que contém um nome que seleciona

⁶⁴ Borba (1996) levanta a hipótese de que todo nome abstrato, como *palestra*, *aula*, *dieta*, *infância*, *vontade*, *greve* e *idade* se vincula a um verbo suporte em um tipo de estrutura profunda (*dar palestra*, *dar aula*, *fazer dieta*, *ter infância*, *ter vontade*, *fazer greve* e *ter idade*). O autor afirma que, mesmo em uma estrutura com verbo suporte, o nome mantém sua função predicadora.

pelo menos um argumento. A opcionalidade desse argumento na sintaxe é o que determina a ocorrência da alternância.

Voltando-nos agora aos casos em que os aspectuais ocorrem com complementos verbais, notamos que, diferentemente de nomes como *briga*, *corrida* e *dança*, os verbos possuem mais restrições em relação à opcionalidade de seus argumentos. Mostramos um exemplo com o verbo *dançar*, que pede um argumento cuja realização sintática é obrigatória. A única sentença possível com *dançar* e um verbo aspectual é a transitiva:

- (360) a. O bailarino começou/continuou a dançar.
 b. O bailarino terminou/parou de dançar aquela valsa.⁶⁵
- (361) a. *Começou/continuou a dançar.
 b. *Terminou/parou de dançar.

Como não há opcionalidade de realização na sintaxe para os argumentos das eventualidades internas, uma sentença sem o sujeito não é licenciada nesses casos. O argumento de *dançar* sempre deve estar presente na sentença, ocorrendo na posição de sujeito do verbo aspectual. Com verbos que não aceitam argumentos, como no caso de *chover*, apenas a forma sem sujeito é possível: *começou a chover*/**o meteorologista começou a chover*.

Outros tipos de verbos, porém, apresentam opcionalidade de realização de seus argumentos na sintaxe, quando obedecidas certas restrições (como temos visto ao longo desta tese). Dessa forma, quando o verbo que denota a eventualidade interna participa da alternância transitivo-intransitiva (podendo “perder” um de seus argumentos ou “ganhar” um novo argumento), diferentes tipos de sentenças com os verbos aspectuais podem ocorrer. A seguir, apresentamos exemplos de cada um dos fenômenos estudados neste trabalho, mostrando que, para todos os verbos que participam da alternância transitivo-intransitiva, pode ocorrer a reorganização dos argumentos em sentenças com verbos aspectuais:

- (362) a. A soprano começou/continuou a quebrar a taça. (alternância causativo-incoativa)
 b. A taça começou/continuou a quebrar.
 c. A soprano terminou de quebrar a taça.
 d. A taça terminou de quebrar.

⁶⁵ O verbo *terminar* seleciona eventualidades télicas, por isso uma sentença como **o bailarino terminou de dançar* é agramatical, já que *dançar* descreve um evento de atividade (BERTUCCI, 2011). Em nossos exemplos, todas as vezes que precisarmos exemplificar a ocorrência de uma eventualidade atélica com os verbos aspectuais, incluiremos o verbo *parar*.

- (363) a. A faxineira começou/continuou a lavar a roupa. (construção de resultado)
 b. A roupa já começou/ ?continuou a lavar.
 c. A faxineira terminou de lavar a roupa.
 d. A roupa já terminou de lavar.
- (364) a. O pai começou/continuou a sentar o menino na mesa. (média)
 b. O menino começou/continuou a se sentar na mesa.
 c. O pai terminou de sentar o menino na mesa.
 d. O menino terminou de sentar na mesa.
- (365) a. O motorista começou/continuou a acelerar o carro. (metonímia)
 b. O carro começou/continuou a acelerar.
 c. O motorista parou de acelerar o carro.
 d. O carro parou de acelerar.
- (366) a. O pé da menina começou/continuou a inchar. (alternância parte-todo)
 b. A menina começou/continuou a inchar o pé.
 c. O pé da menina parou de inchar.
 d. A menina parou de inchar o pé.

É importante notar, entretanto, que as sentenças em (362)-(366) não são do mesmo tipo das sentenças apresentadas em (351)-(353). No caso da alternância transitivo-intransitiva, o argumento em posição de complemento das sentenças transitivas ocorre em posição de sujeito nas sentenças intransitivas. Essa propriedade sintática se mantém em sentenças com verbos aspectuais com complementos DPs, como mostramos em nossos exemplos ao longo desta seção. Porém, nos casos em que aparecem VPs nucleados por verbos alternantes como complementos de verbos aspectuais, as sentenças tendem a aparecer com um sujeito. Observe que manter o argumento do verbo interno na posição de complemento (sem alçamento para a posição de sujeito) torna a maioria das sentenças em (b) acima agramaticais:

- (367) *Começou/continuou a quebrar o vaso.
 (368) *Começou/ continuou a lavar a roupa.
 (369) *Começou/continuou a o menino se sentar na mesa.
 (370) *Começou/continuou a acelerar o carro.
 (371) ?Começou/continuou a inchar o pé da menina.⁶⁶

⁶⁶ Verbos inacusativos parecem permitir mais facilmente que seu argumento fique *in situ* em sentenças com verbos aspectuais.

Além disso, essa propriedade de reorganização com complementos verbais ou sentenciais também ocorre com verbos de alçamento e auxiliares prototípicos, não sendo, portanto, uma característica exclusiva dos verbos aspectuais. Mostramos nos exemplos abaixo que um verbo de alçamento (*parecer*) e um auxiliar (*haver*) se comportam exatamente como os aspectuais em relação a essa característica sintática:

(372) a. A soprano parece ter quebrado a taça. (alternância causativo-incoativa)

b. A taça parece ter quebrado.

c. A soprano havia quebrado a taça.

d. A taça havia quebrado.

(373) a. A faxineira parece ter lavado a roupa. (construção de resultado)

b. A roupa parece já ter lavado.

c. A faxineira havia lavado a roupa.

d. A roupa já havia lavado.

(374) a. O pai parece ter sentado o menino na mesa. (média)

b. O menino parece ter se sentado na mesa.

c. O pai havia sentado o menino na mesa.

d. O menino havia se sentado na mesa.

(375) a. O motorista parece ter acelerado o carro. (metonímia)

b. O carro parece ter acelerado.

c. O motorista havia acelerado o carro.

d. O carro havia acelerado.

(376) a. O pé da menina parece ter inchado. (alternância parte-todo)

b. A menina parece ter inchado o pé.

c. O pé da menina havia inchado.

d. A menina havia inchado o pé.

Com os exemplos apresentados, concluímos que, com complementos verbais (inseridos em um PP), os verbos aspectuais, assim como verbos de alçamento e auxiliares prototípicos, podem apresentar sentenças com mais ou menos argumentos, dependendo da quantidade de argumentos do verbo interno e das alternâncias licenciadas por ele. Entretanto, as sentenças desse tipo não instanciam a alternância transitivo-intransitiva, uma vez que não se encaixam no padrão DP_1 V DP_2/DP_2 V, como mostramos. Inclusive, a forma transitiva

nesses casos, para os aspectuais, é DP V PP e a forma intransitiva é V PP (licenciada apenas para verbos que não pedem argumentos, como *chover*, e para verbos inacusativos, como *cair*). Como já mencionamos, os verbos aspectuais se diferenciam tanto dos verbos de alçamento como dos auxiliares por permitirem complementos DPs. É justamente essa característica dos aspectuais que permite sua ocorrência na alternância transitivo-intransitiva. Outros tipos de verbos de alçamento e de auxiliares não participam da alternância, já que, apesar de tomarem complementos que podem ter argumentos, não aceitam complementos DPs (FUKUDA, 2007; WACHOWICZ, 2007). Também concluimos, portanto, que a alternância transitivo-intransitiva pode ocorrer em sentenças com verbos aspectuais apenas quando estes têm DPs como complementos e dentro desses DPs existem nomes que pedem pelo menos um argumento, que é apagável na sintaxe.

Antes de encerramos esta seção, discutimos brevemente que tipo de classe de verbos é o agrupamento dos verbos aspectuais e qual a abrangência do fenômeno semântico que ocorre com eles. Como já dissemos, assumimos, juntamente com Wachowicz (2007) e com Bertucci (2011), que os verbos aspectuais são operadores. Por isso, propomos que esses itens não podem ser decompostos em predicados primitivos. Essas estruturas representam eventos e, como argumentam Wachowicz (2007) e Bertucci (2011), os verbos aspectuais não denotam eventos, mas operam sobre eles. Dessa forma, como não será possível associar o fenômeno semântico a uma estrutura de decomposição de predicados, não o associamos a nenhum dos três níveis de análise propostos por Cançado e Gonçalves (a sair). Caracterizamos essa classe como um agrupamento de verbos monoargumentais que tomam eventualidades como argumentos e que operam sobre essas eventualidades, atribuindo propriedades aspectuais a elas. A alternância transitivo-intransitiva não é determinada pela semântica dos verbos aspectuais, mas por sua capacidade de aceitar como sujeito, na sintaxe, o argumento de um predicador nominal. Como são operadores, é esperado que existam poucos verbos desse tipo na língua e, de fato, foram encontrados poucos exemplares em nossa coleta de dados (ver Apêndice, p. 153).

Concluindo, apresentamos nesta seção o fenômeno semântico que ocorre com os verbos aspectuais e que dá origem a uma alternância transitivo-intransitiva na sintaxe. Mostramos que esses verbos não participam da alternância causativo-incoativa e que sua alternância resulta da opcionalidade do argumento do nome que denota a eventualidade sobre a qual o verbo aspectual opera. Essa opcionalidade permite que o verbo aspectual ocorra na sintaxe com as formas DP₁ V DP₂ e DP₂ V.

3.6 Conclusões

Neste capítulo, nosso objetivo foi mostrar que, por trás da dupla realização sintática de alguns verbos, existem diferentes tipos de fenômenos semânticos. Acreditamos que as análises apresentadas corroboram a nossa hipótese inicial: a alternância transitivo-intransitiva é um fenômeno sintático amplo, que reflete diferentes tipos de fenômenos semânticos. Mostramos que os seguintes fenômenos semânticos podem originar a alternância transitivo-intransitiva: a alternância causativo-incoativa, a formação de construções de resultado, a formação de sentenças médias, a metonímia, a alternância parte-todo e a alternância com verbos aspectuais. Cada um desses fenômenos semânticos permite a alteração da estrutura argumental do verbo, de forma que ele possa ocorrer com as formas DP_1 V DP_2 e DP_2 V.

Com base na proposta de Cançado e Gonçalves (a sair), mostramos que a alternância transitivo-intransitiva pode ocorrer em diferentes níveis de análise, podendo ter escopo sobre grupos de verbos que resultam de classificações dos tipos *coarse-grained*, *medium-grained* e *fine-grained*. Os fenômenos semânticos, por sua vez, são mais restritos a determinados níveis. A alternância causativo-incoativa ocorre com um grupo de verbos que resulta de uma classificação em um nível *medium-grained*, os verbos de mudança de estado; as construções de resultado ocorrem com um grupo de verbos que resulta de uma classificação do tipo *coarse-grained*, os verbos agentivos biargumentais, além de ter restrições de caráter pragmático; a metonímia e a alternância parte-todo ocorrem com grupos de verbos que resultam de uma classificação do tipo *fine-grained*, já que as propriedades semânticas relevantes nesses casos se encontram no conteúdo idiossincrático dos verbos, em suas raízes. Apenas a formação de médias é um fenômeno semântico que “enxerga” diferentes níveis de análise. A restrição para a ocorrência das médias é o acarretamento de movimento ao argumento interno da forma transitiva. Esse acarretamento pode decorrer de informações da raiz ou da estrutura, nesse último caso, através do predicado MOVE. Assim, a média ocorre com grupos de verbos resultantes de dois tipos de classificação, *fine-grained* e *medium-grained*, além de também ser restrita por propriedades dos DPs que ocorrem na sentença. Por fim, não determinamos um nível de análise para os verbos aspectuais, já que estes são semanticamente não decomponíveis. A alternância com esses verbos é restrita por propriedades semânticas do DP que ele toma como argumento.

Tendo mostrado que seis diferentes fenômenos semânticos se refletem na sintaxe em um mesmo tipo de estrutura DP_1 V DP_2 e DP_2 V, ressaltamos que este trabalho reafirma a

ideia de que a relação entre Semântica e Sintaxe não é um-para-um, mas muitos-para-um (PINKER, 1994; CANÇADO; GODOY, 2013). Isso significa que para cada categoria sintática não existe apenas uma categoria semântica, mas várias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi investigar os tipos de fenômenos semânticos que ocorrem com verbos do PB e que resultam em dois tipos de estruturas sintáticas para esses verbos: DP_1 V DP_2 e DP_2 V. Esperamos, a esta altura, ter cumprido essa tarefa, bem como os objetivos propostos no capítulo 1. Neste capítulo, retomamos as etapas do trabalho realizado e apresentamos nossas considerações finais.

No primeiro capítulo, apresentamos a pesquisa que nos propusemos a realizar, tomando como objeto de estudo os diferentes tipos de fenômenos semânticos que dão origem à alternância transitivo-intransitiva em PB. Definimos essa alternância como a possibilidade de um mesmo verbo ocorrer com as formas sintáticas DP_1 V DP_2 e DP_2 V e levantamos a hipótese de que essa alternância resulta de diferentes fenômenos semânticos. A fim de verificar se nossa hipótese seria pertinente, propusemos os seguintes objetivos específicos:

- fazer um amplo levantamento dos verbos do PB que ocorrem na alternância transitivo-intransitiva;
- descrever de forma ampla a alternância transitivo-intransitiva no PB, mostrando os tipos de classes de verbos e os verbos em que esta pode ocorrer;
- explicitar as propriedades semântico-lexicais relevantes desses verbos;
- descobrir quais fenômenos semânticos e pragmáticos podem ser refletidos na forma de uma alternância transitivo-intransitiva e que restrições se aplicam a cada um deles.

Antes de iniciar a pesquisa, fizemos um levantamento de verbos do PB que podem ocorrer com as estruturas sintáticas DP_1 V DP_2 e DP_2 V. Nossos dados se constituem de 183 verbos, que são apresentados no Apêndice (p. 153). Portanto, acreditamos ter cumprido o primeiro objetivo proposto.

Em seguida, partimos para a análise semântica dos verbos e das alternâncias com cada tipo de verbo. Essas análises foram realizadas dentro do referencial teórico adotado, que apresentamos no capítulo 2: a decomposição de predicados como representação semântica dos verbos, dentro da perspectiva da Semântica Lexical. Mostramos que as representações propostas por meio da decomposição de predicados são mais finas que representações em termos de papéis temáticos e, assim, justificamos a utilização desse referencial teórico no estudo proposto.

Ainda no capítulo 2, mostramos a proposta de Cançado e Gonçalves (a sair), que nos serviu de base para as análises apresentadas no capítulo 3. Segundo as autoras, uma das maiores vantagens da decomposição de predicados é a possibilidade de se propor classes de verbos em diferentes níveis de análise. Classes de verbos podem ser definidas com base em qualquer tipo de propriedade semântico-lexical dos verbos, desde que a propriedade utilizada para agrupar os verbos seja relevante para alguma propriedade gramatical. Assim, Cançado e Gonçalves (a sair) mostram que, em um nível de classificação *fine-grained*, é possível reunir verbos que possuem algum traço de significado em comum no conteúdo de suas raízes; em um nível de análise *medium-grained*, é possível reunir verbos que compartilham toda a estrutura de decomposição de predicados, com exceção dos conteúdos semânticos das raízes; e, por fim, em um nível de análise *coarse-grained*, é possível reunir verbos que compartilham propriedades que podem ser derivadas de diferentes estruturas de decomposição de predicados.

Tendo como base esse referencial teórico, mostramos, no capítulo 3, que a alternância transitivo-intransitiva pode ocorrer com verbos dos mais diferentes tipos semânticos e em diferentes níveis de análise. Mais especificamente, a alternância pode ocorrer em nove diferentes classes de verbos do tipo *medium-grained* já analisadas em PB (BERTUCCI, 2011; GODOY, 2012; AMARAL, 2012; CANÇADO *et al.*, 2013; MEIRELLES; CANÇADO, 2014b; AMARAL, CANÇADO, 2014). Retomamos aqui todas as classes de verbos do tipo *medium-grained* apresentadas ao longo desta tese, apresentando um exemplo para cada:

(377) Verbos de mudança de estado:

v: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

Exemplo: *quebrar*

(378) Verbos de nomes eventivos:

v: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

Exemplo: *alugar*

(379) Verbos de modo de afetação:

v: [X AFFECT<MANNER> Y]

Exemplo: *lavar*

(380) Verbos de mudança de posse:

v: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [Y WITH <THING>]]]

Exemplo: *carregar*

(381) Verbos instrumentais:

v: [X AFFECT<THING> Y]

Exemplo: *centrifugar*

(382) Verbos de mudança de estado locativo:

v: [[X ACT_{VOLITION}] CAUSE [BECOME [[Y <STATE>] IN Z]]]

Exemplo: *estacionar*

(383) Verbos de modo de movimento:

v: [X MOVE<MANNER> Y]

Exemplo: *sacudir*

(384) Verbos de trajetória:

v: [X MOVE <MANNER> Y [PATH Z]]

Exemplo: *jogar*

(385) Verbos aspectuais:

Exemplo: *começar* (sem estrutura de decomposição de predicados)

Além desses exemplos, ainda existem verbos que participam da alternância transitivo-intransitiva, como *capotar*, *calibrar*, *batizar* e *desviar*, para os quais não existem propostas de classificação na literatura. Não nos foi possível nesta pesquisa propor para eles representações semânticas em termos de decomposição de predicados. Essa tarefa é um dos objetivos do projeto de realização do Catálogo de Verbos do Português Brasileiro.

Com a determinação dos verbos que participam dessa alternância, acreditamos ter também atingido o segundo objetivo proposto: descrever de forma ampla a alternância transitivo-intransitiva no PB, mostrando os tipos de classes de verbos e os verbos em que esta pode ocorrer.

Também no capítulo 3, mostramos que a alternância transitivo-intransitiva não é livre e não ocorre com uma série de verbos que pertencem às mesmas classes apresentadas em (377)-(385). Assim, propusemos que existem restrições de caráter semântico, e até mesmo pragmático, para a ocorrência da alternância. Como essas restrições incidem sobre os fenômenos semânticos que dão origem à alternância, e não diretamente sobre a alternância, apresentamos esses fenômenos, juntamente com as restrições para a ocorrência de cada um.

Mostramos que os seguintes fenômenos semânticos podem originar a alternância transitivo-transitiva: a alternância causativo-incoativa, a formação de construções de resultado, a formação de sentenças médias, a metonímia, a alternância parte-todo e a alternância com verbos aspectuais.

A alternância causativo-incoativa ocorre com um grupo de verbos que resulta de uma classificação *medium-grained*, os verbos de mudança de estado:

(386) v: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]

O menino quebrou a vidraça./A vidraça (se) quebrou.

A única restrição para que um verbo apresente a alternância causativo-incoativa é a lexicalização do sentido de mudança de estado, ou seja, é preciso apenas que o verbo contenha em sua estrutura semântica [BECOME [Y <STATE>]]. Essa alternância é estritamente lexical e não existem outras restrições além do sentido do verbo.

As construções de resultado ocorrem com um grupo de verbos que resulta de uma classificação *coarse-grained*, os verbos agentivos biargumentais:

(387) v: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [<EVENT> OF Y]]

O corretor alugou o apartamento./O apartamento já alugou.

(388) v: [X AFFECT_{<MANNER>} Y]

A faxineira lavou a roupa./A roupa lavou direito.

(389) v: [[X ACT_(VOLITION)] CAUSE [BECOME [Y WITH <THING>]]]

O funcionário carregou o caminhão./O caminhão já carregou.

(390) v: [X AFFECT_{<THING>} Y]

A Maria centrifugou a roupa./A roupa já centrifugou.

Além dessa primeira restrição de caráter lexical, a formação de construções de resultado ainda apresenta restrições de caráter pragmático. Para que um verbo entre nessa construção, é preciso que ele possibilite uma implicatura a partir dessas sentenças de que a ação está sendo realizada por um agente ou por um instrumento distinto do próprio falante; esse agente/instrumento se empenha em realizar essa ação por um determinado tempo, não podendo ser esta uma ação que não tenha uma determinada duração; o falante não presencia a ação, mas conhece o resultado esperado e faz alguma constatação sobre esse resultado.

A metonímia ocorre com um grupo de verbos que resulta de uma classificação *fine-grained*, já que a propriedade semântica relevante nesse caso se encontra nas raízes:

(391) $\llbracket \langle \text{ROOT} \rangle \rrbracket = \lambda x \lambda y \lambda e$ [conduzir (e) & condutor (x) & veículo (y)]

(392) v : $\llbracket [X \text{ ACT}_{\text{VOLITION}}] \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \llbracket [Y \langle \text{ESTACIONADO} \rangle] \text{ IN } Z \rrbracket] \rrbracket$

O motorista estacionou o carro no porta do prédio./O carro estacionou na porta do prédio.

(393) v : $[X \text{ MOVE}_{\langle \text{VIRAR} \rangle} Y]$

O motorista virou o carro. /O carro virou.

(394) v : $\llbracket [X \text{ ACT}_{\text{VOLITION}}] \text{ CAUSE } [\langle \text{ATERRISSAGEM} \rangle \text{ OF } Y \rrbracket]$

O piloto aterrissou o avião./O avião aterrissou.

Para que possa ocorrer o tipo de metonímia que apresentamos neste trabalho, que resulta na alternância transitivo-intransitiva, um verbo deve ter em sua raiz um sentido específico relacionado a um veículo e seu condutor.

A alternância parte-todo também ocorre com um grupo de verbos que resulta de uma classificação *fine-grained*. Nesse caso, a propriedade semântica relevante para a ocorrência da alternância é o acarretamento de afetação para a parte de um todo, derivado de informações das raízes dos verbos:

(395) $\llbracket \langle \text{ROOT} \rangle \rrbracket = \lambda y \lambda e$ [afetação(e) & paciente (y) & y < y']

(396) v : $\llbracket [X \text{ ACT}_{\text{(VOLITION)}}] \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \llbracket [Y \langle \text{QUEBRADO} \rangle] \rrbracket] \rrbracket$

O braço do menino (se) quebrou./O menino quebrou o braço.

Além da relação parte-todo, a alternância pode se estender para relações similares, como pessoa/peça do vestuário (*a moça rasgou o vestido*) e condutor/veículo (*o motorista capotou o carro*).

Também a formação de médias pode ocorrer com um grupo de verbos que resulta de uma classificação *fine-grained*:

(397) $\llbracket \langle \text{ROOT} \rangle \rrbracket = \lambda x \lambda y \lambda e$ [mover (e)(x)(y)]

(398) v : $\llbracket [X \text{ ACT}_{\text{VOLITION}}] \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \llbracket [Y \langle \text{SENTADO} \rangle] \text{ IN } Z \rrbracket] \rrbracket$

O pai sentou o menino no banco./O menino (se) sentou no banco.

(399) v : $\llbracket [X \text{ ACT}_{\text{(VOLITION)}}] \text{ CAUSE } [\text{BECOME } \llbracket [Y \langle \text{JUNTO} \rangle] \rrbracket] \rrbracket$

A professora juntou as crianças./As crianças se juntaram.

A restrição para essa alternância é o acarretamento de movimento para o argumento interno da forma transitiva do verbo. No caso dos verbos de mudança de estado locativo e de mudança de estado, que exemplificamos acima, esse acarretamento decorre de informações presentes na raiz dos verbos. Para outros grupos de verbos, porém, o mesmo acarretamento pode decorrer de informações da estrutura, através do predicado MOVE:

(400) *v*: [X MOVE_{<MANNER>} Y]

O vento sacudiu as roupas molhadas no varal./As roupas molhadas sacudiram no varal.

(401) *v*: [X MOVE_{<MANNER>} Y [PATH Z]]

O menino jogou a professora na piscina./A professora se jogou na piscina.

Assim, a média ocorre com grupos de verbos resultantes de dois tipos de classificação, *fine-grained* e *medium-grained*, além de também ser restrita por propriedades dos DPs que ocorrem na sentença. Para ser sujeito de uma sentença média, o DP deve denotar uma entidade capaz de se mover espontaneamente.

Por último, a alternância com verbos aspectuais ocorre apenas quando esses verbos tomam complementos DPs. Se o nome contido nesse DP tomar um argumento, que é apagável (pela própria natureza sintática dos nomes predicadores), pode ocorrer a alternância, já que há a possibilidade de um elemento ocorrer na posição de sujeito do verbo aspectual (se o argumento do nome estiver presente na sintaxe) e também há a possibilidade de nenhum elemento ocorrer nessa posição (se o argumento do nome não estiver presente na sintaxe):

(402) A bailarina começou a dança./ Começou a dança.

Não determinamos um nível de análise para os verbos aspectuais, já que estes são operadores e, portanto, são também semanticamente não decomponíveis.

Para encerrar o resumo dos resultados desta pesquisa, apresentamos a seguinte tabela:

Fenômenos semânticos e classes de verbos na alternância transitivo-intransitiva:

Fenômeno semântico	Classe de verbos e nível de análise	Restrições para a ocorrência	Exemplos
Alternância causativo-incoativa	Verbos de mudança de estado – <i>medium-grained</i>	v: [BECOME [Y <STATE>]]	a. A soprano quebrou a taça de cristal. b. A taça de cristal (se) quebrou.
Construção de resultado	Verbos agentivos biargumentais – <i>coarse-grained</i>	O verbo deve ser biargumental e a sua estrutura semântica deve atribuir agentividade a X; o verbo deve ser capaz de gerar a implicatura de uma ação realizada por terceiros e que o falante não presencia.	a. A faxineira lavou a roupa. b. A roupa já lavou.
Metonímia	Verbos que descrevem uma relação condutor/veículo – <i>fine-grained</i>	O verbo deve ser pelo menos biargumental [[<ROOT>]] = λxλyλe [conduzir (e) & condutor (x) & veículo (y)]	a. O manobrista acelerou o carro. b. O carro acelerou.
Alternância parte-todo	Verbos que acarretam afetação para a parte de um todo (ou relações semelhantes) – <i>fine-grained</i>	O verbo deve ser monoargumental [[<ROOT>]] = λyλe [afetação (e) & paciente (y) & y < y']	a. A caminhonete capotou. b. O motorista capotou a caminhonete.
Média	Verbos que acarretam movimento a Y – <i>medium-grained</i> ou <i>fine-grained</i>	O verbo deve ser biargumental [[<ROOT>]] = λxλyλe [mover (e)(x)(y)] Ou estrutura contendo MOVE O DP sujeito na forma média deve denotar uma entidade capaz de se mover espontaneamente.	a. Os piratas afundaram o navio. b. O navio (se) afundou.
Alternância com verbos aspectuais	Verbos aspectuais – sem classificação em relação ao nível de análise	O verbo deve ser do tipo aspectual e deve selecionar como argumento um DP que contém um nome predicador.	a. A aula começou. b. A professora começou a aula.

Tendo mostrado, ao longo do capítulo 3, os diferentes fenômenos semânticos que dão origem à alternância transitivo-intransitiva no PB, juntamente com as restrições semânticas e pragmáticas para cada caso, acreditamos ter atingido os dois últimos objetivos propostos: explicitar as propriedades semântico-lexicais relevantes dos verbos alternantes e

descobrir quais fenômenos semânticos e pragmáticos podem ser refletidos na forma de uma alternância transitivo-intransitiva e que restrições se aplicam a cada um deles.

Vale notar, ainda, que acreditamos que os fenômenos semânticos aqui apresentados não abarcam a totalidade dos fenômenos que podem originar a alternância transitivo-intransitiva na sintaxe. Existem ainda alguns dados que não parecem se encaixar em nenhuma das análises propostas, mas que claramente exemplificam a alternância transitivo-intransitiva. Apresentamos a seguir alguns desses exemplos e deixamos uma análise desses casos para uma pesquisa futura:

(403) a. O menino acertou a bola na trave.

b. A bola acertou na trave.

(404) a. O vendedor atrasou o relógio.

b. O relógio atrasou.

(405) a. O feirante aumentou o preço da uva.

b. O preço da uva aumentou.

Concluimos com a realização deste trabalho que a nossa hipótese inicial, de que a alternância transitivo-intransitiva é um fenômeno sintático amplo, reflexo de diferentes tipos de fenômenos semânticos, é pertinente e é também corroborada pelos dados do PB que apresentamos. Mostramos que ao menos seis diferentes fenômenos semânticos se projetam em um mesmo tipo de estrutura sintática, reafirmando a ideia já apresentada de que a relação entre Semântica e Sintaxe não é de um-para-um, mas é de muitos-para-um. Kemmer (1993, p. 4) faz essa afirmação da seguinte forma: “como as línguas devem expressar uma multiplicidade de significados com apenas um inventário limitado de formas e estruturas, faz sentido o uso de uma única forma morfossintática na expressão de uma classe de significados similares”.⁶⁷ Com isso, acreditamos que nossa pesquisa apresenta resultados relevantes para o estudo das línguas humanas, em especial, do PB, já que explicita o tipo de organização dos componentes da gramática.

⁶⁷ Do original: “Since languages must express a multiplicity of meanings with only a limited inventory of forms and structures, it makes sense that a single morphosyntactic form would be used in the expression of a class of similar meanings” (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Raising without infinitives and the nature of agreement. *The proceedings of the 18th West Coast Conference on Formal Linguistics*. 1999. p. 14-26.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Voice morphology in the causative-inchoative alternation: evidence for a non-unified structural analysis of unaccusatives. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The unaccusativity puzzle: explorations of the Syntax-Lexicon interface*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 114-136.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, M. *Phases of interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 187-211.

AMARAL, L. Os verbos de modo de movimento do português brasileiro: aspecto lexical e decomposição em predicados primitivos. *Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 1, p. 326-339, 2012.

AMARAL, L.; CANÇADO, M. Verbos de criação do português brasileiro: classificação e representação lexical. *Revista Linguística*, v. 10, n. 1, p. 51-73, 2014.

BEAVERS, J. On affectedness. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, p. 335-370, 2011.

BEAVERS, J. *Linking arguments to verbal meaning*. Lecture notes from the X Workshop on Formal Linguistics, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, Aug 25-27, 2014.

BEAVERS, J.; KOONTZ-GARBODEN, A. In defense of the reflexivization analysis of anticausatives. *Lingua*, v. 131, p. 199-216, 2013a.

BEAVERS, J.; KOONTZ-GARBODEN, A. Complications in diagnosing lexical meaning: a rejoinder to Horvath and Siloni (2013). *Lingua*, v. 134, p. 210-218, 2013b.

BEAVERS, J.; ZUBAIR, C. Anticausatives in Sinhala: involitivity and causer suppression. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 31, p. 1-46, 2013.

BERTUCCI, R. *Uma análise semântica para verbos aspectuais no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, USP, São Paulo, 2011.

BORBA, F. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

BORBA, F. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BROUSSEAU, A. M.; RITTER, E. A non-unified analysis of agentive verbs. In: BATES, D. *The proceedings of the 10th West Coast Conference on Formal Linguistics*. 1991. p. 53-64.

BRUNSON, B. The instrumental role: argument or adjunct? *Toronto Working Papers in Linguistics*, v. 12, n. 1, p. 13-25, 1993.

CAMACHO, R. Em defesa da categoria de voz média no português. *DELTA*, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.

CÂMARA JR., J. M. *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

CAMARGO, C. A medialidade nos verbos do grego antigo e em português: análise comparada. *Vocabulo Revista de Letras e Linguagens Midiáticas*, v. III, s/d.

CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - IEL, Unicamp, Campinas, 1995.

CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. *ALFA*, v. 53, n. 1, p. 35-59, 2009.

CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. Representação lexical de verbos incoativos e causativos no português brasileiro. *Revista da Abralin*, v. 9, n. 2, p. 123-147, 2010.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Vol 2. em prep.

CANÇADO, M.; GODOY, L. Predicate decomposition, and linking syntax and semantics: a Brazilian Portuguese analysis. *Linguistik online*, v. 59, p. 43-66, 2013.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Vol 1 - Verbos de mudança. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANÇADO, M.; GONÇALVES, A. Lexical Semantics: verb classes and alternations. In: WETZELS, L.; MENUZZI, S.; COSTA, J. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Willey-Blackwell, a sair.

CANÇADO, M.; NEGRÃO, E. Two possessor raising constructions in Brazilian Portuguese. In: Workshop on formal linguistics 7, 2010, São Paulo, USP. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/profs/marciacancado/dados/arquivos/workshop%20usp.pdf>> Acesso em: 25/09/2014.

CANN, R. *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CARVALHO, J.; COSTA, J. O que origina a variação da alternância causativa? Uma comparação entre o dâw (família nadahup) e o português brasileiro. *Revista da Abralín*, v. 13, n. 1, p. 119-153, 2014.

CASTILHO, A. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, v. 12, 1968.

CIRÍACO, L. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 216-231, 2009.

CHEN-YU HSIEH, C.; HSIEH, S. The causal relation and causative-inchoative alternation verbs in chinese Wordnet. In: *Proceedings of the 12th Chinese Lexical Semantics Workshop*, 2011. p. 17-24.

CHIERCHIA, G. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. *The unaccusativity puzzle: explorations of the Syntax-Lexicon interface*. Oxford: Oxford University Press, 2004 [1989]. p. 22-59.

CLARK, E.; CLARK, H. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, n. 4, p. 767-811, 1979.

COELHO, S. M. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, SER, ESTAR e IR na Língua Portuguesa*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

COELHO, S. M. Gradualismo do processo de gramaticalização e princípio da persistência: indícios de uma hierarquia de traços? *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 15, n. 2, p. 519-541, 2013.

CORRÊA, R. *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CUERVO, M. C. La alternancia causativa y su interacción con argumentos dativos. *Revista de Linguística Teórica y Aplicada*, v. 46, n. 1, p. 55-79, 2008.

CUNHA, L. F. *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Universidade do Porto, Lisboa, 1998.

DAMASCENO, M. *Verbos polissêmicos: propriedades semânticas e processos metafóricos*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

DORON, E.; RAPPAPORT HOVAV, M. A unified approach to reflexivization in semitic and romance. *Brill's Annual of Afroasiatic Languages and Linguistics*, v. 1, p. 75-105, 2009.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MIRA MATEUS, M. H.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. *Gramática da língua portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Caminho, 2006. p. 508-548.

ELISEU, A. *Verbos ergativos do português: descrição e análise*. 1984. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1984.

FALTZ, L. *Reflexivization: a study in universal syntax*. 1977. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1977.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. *Form and meaning in language: papers on semantic roles*. Stanford: CSLI Publications, 2003 [1970]. p. 123-139.

FILLMORE, C. Types of lexical information. In: FILLMORE, C. *Form and meaning in language: papers on semantic roles*. Stanford: CSLI Publications, 2003 [1971]. p. 141-173.

FRENSE, J.; BENNETT, P. Verb alternations and semantic classes in English and German. *Language Sciences*, v. 18, n. 1-2, p. 305-317, 1996.

FUKUDA, S. On the control/raising ambiguity with aspectual verbs: a structural account. In: STIEBELS, B. *Studies in Complement Control*. ZAS Papers in Linguistics 47, 2007. p. 159-195.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIMSHAW, J. *Words and structure*. Stanford: CSLI Publications/University of Chicago Press, 2005.

GROSS, G. Prédicats nominaux et compatibilité aspectuelle. *Langages*, v. 121, p. 54-72, 1996.

HALE, K.; KEYSER, S. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HASPELMATH, M. *Transitivity alternations of the anticausative type*. Cologne: Institut für Sprachwissenschaft, Universität zu Köln, 1987.

HASPELMATH, M. More on the typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 87-120.

HORVATH, J.; SILONI, T. Causatives across components. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, p. 657-704, 2011a.

HORVATH, J.; SILONI, T. Anticausatives: against reflexivization. *Lingua*, v. 121, p. 2176-2186, 2011b.

HORVATH, J.; SILONI, T. Anticausatives have no Cause(r): a rejoinder to Beavers and Koontz-Garboden (in this issue). *Lingua*, v. 131, p. 217-230, 2013.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

JACKENDOFF, R. *Semantics and cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, R. Mme Tussaud meets the binding theory. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 10, p. 1-31, 1992.

JEZEK, E. Polysemy of Italian event nominals. In: MIR-SAMII, R. *Nominalisations*. Special issue of *Faits des Langues* 30, 2008. p. 251-264.

KALLULLI, D. Rethinking the passive/ anticausative distinction. *Linguistic Inquiry*, v. 38, n. 4, p. 770-780, 2007.

KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

KLAIMAN, M. H. *Grammatical voice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

KOENIG, J. P.; DAVIS, A. The KEY to lexical semantic representations. *Journal of Linguistics*, v. 42, n. 1, p. 71-108, 2006.

KOONTZ-GARBODEN, A. Anticausativization. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 27, p. 77-138, 2009.

KÖVECSESES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LABELLE, M. Change of state and valency. *Journal of Linguistics*, v. 28, 1992, p. 375-414.

LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LAPORTE, É. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *Revista (Con)textos Lingüísticos*, v. 2, p. 26-51, 2008.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B. Further explorations of the landscape of causation: comments on the paper by Alexiadou and Anagnostopoulou. In: HALPERT, C.; HARTMAN, J.; HILL, D. *Proceedings of the 2007 Workshop in Greek Syntax and Semantics at MIT* (MIT Working Papers in Linguistics 57). Cambridge: MIT Press, 2009. p. 17-32.

LEVIN, B. *What is the best grain-size for defining verb classes?* Conference on word classes: nature, typology, computational representations, Second TRIPLE International Conference, Università Roma Tre, Rome, March 24-26, 2010. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~bclewin/rome10grain.pdf>. Acesso em 26/09/2014.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Wiping the slate clean: a lexical semantic exploration. *Cognition*, v. 41, p. 123-151, 1991.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The lexical semantics of verbs of motion: the perspective from unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic structure: its role in grammar*. Berlin: Foris, 1992. p. 247-269.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. A preliminary analysis of causative verbs in English. *Lingua*, v. 92, p. 35-77, 1994.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MALDONADO, R. *A Media Voz: problemas conceptuales del clítico se*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Universidad Nacional Autónoma de México. 1999.

MANZANARES, M. Funciones pragmáticas de la metonimia. *Revista Electrónica de Estudios Filológicos*, v. 17, 2009.

MATEU, J. On the L-Syntax of manner and causation. In: DUGUINE, D.; HUIDOBRO, S.; MADARIAGA, N. *Argument structure and syntactic relations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 89-112.

MCCAWLEY, J. The role of semantics in a grammar. In: BACH, E.; HARMS, R. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 124-169.

MCCAWLEY, J. Conversational implicature and the lexicon. In: COLE, P. *Syntax and Semantics 9: Pragmatics*. New York: Academic Press, 1978. p. 245-259.

MCKOON, G.; MACFARLAND, T. Externally and internally caused change of state verbs. *Language*, v. 76, p. 833-858, 2000.

MEIRELLES, L. *Os metapredicados MOVE e GO e a propriedade semântica movimento nos verbos do português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, (em prep.).

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. Análise semântica do prefixo re- em verbos do português brasileiro. *Revista da Abralin*, v. 13, n. 1, p. 155-180, 2014a.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. *Os verbos instrumentais no PB*. Manuscrito submetido, UFMG, 2014b.

MENUZZI, S. *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculteit Letteren, Universiteit te Leiden, Leiden, Holanda, 1999.

MENUZZI, S.; RIBEIRO, P. A representação léxico-semântica de alguns tipos de verbos monoargumentais. *Cadernos do IL*, n. 42, p. 83-94, 2011.

MIOTO, C.; SILVA, M.; LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

MORGAN, J. On arguing about semantics. *Papers in Linguistics*, v. 1, p. 49-70, 1969.

NEGRÃO, E. O português brasileiro: uma língua voltada para o discurso. Tese de livre docência, USP, São Paulo, 1999.

NEGRÃO, E.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística*. Vol.2 Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, 2008. p. 81-109.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179-203.

NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. In: HORA, D.; NEGRÃO, E. *Estudos da Linguagem*. Casamento entre temas e perspectivas. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 37-61.

NEWMAYER, F. J. *English aspectual verbs*. Paris: Mouton, 1975.

OYHARÇABAL, B. Lexical causatives and causative alternation in Basque. In: OYHARÇABAL, B. *Inquiries into the Syntax-Lexicon relations in Basque*. Supplements of ASJU, XLVI, 2003. p. 223-253.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PEREIRA, E.; OLIVEIRA, J. Gramaticalização do item *ai*: uma abordagem multifuncional. In: *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia/ Cadernos do CNLF*, v. XV, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1833-1844.

PERLMUTTER, D. *Deep and surface structure constraints in Syntax*. 1968. Tese (Doutorado em Linguística) - MIT, 1968.

PERLMUTTER, D. The two verbs *begin*. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Blaisdell Publishing Company, 1970. p. 107-119.

PESETSKY, D. M. *Zero Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1995.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.

PINKER, S. How could a child use verb syntax to learn verb semantics? *Lingua*, v. 92, p. 377-410, 1994.

PINKER, S. *The stuff of thought: language as a window into human nature*. New York: Penguin Books, 2008.

PIÑÓN, C. A finer look at the causative-inchoative alternation. In: HASTINGS, R.; JACKSON, B.; ZVOLENSZKY, Z. *Proceedings of SALT 11*. NY: Cornell University, 2001. p. 346-364.

PIÑÓN, C. Draw. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Lexical Semantics, Syntax, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 270-283.

POTASHNIK, J. Emission verbs. In: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 251-278.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RÁKOSI, G. In defense of a non-causative analysis of anticausatives. In: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 177-199.

RAPPAPORT HOVAV, M. Lexical content and context: the causative alternation in English revisited. *Lingua*, v. 141, p. 8-29, 2014.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building verb meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: lexical and syntactic constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, 1998. p. 97-134.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Lexicon uniformity and the causative alternation. In: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 150-176.

RECH, N. O processo de auxiliaridade verbal no português brasileiro: uma análise dos aspectuais. *Revista Letras*, v. 84, p. 111-136, 2011.

REINHART, T. The theta system - an overview. *Theoretical Linguistics*, v. 28, p. 229-290, 2002.

REINHART, T.; REULAND, E. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 657-720, 1993.

REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 3, p. 389-436, 2005.

RIBEIRO, P. *A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se*. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) - Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

RICHA. *Unaccusativity, unergativity and the causative alternation in Hindi: a minimalist analysis*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Jawaharlal Nehru University, Nova Délhi, Índia, 2008.

ROSS, J. R. Act. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, 1972. p. 70-126.

SCHEPPER, K. The space between one and two: Transitives, intransitives and the middle voice. In: BRANDT, P.; GARCÍA GARCÍA, M. *Transitivity: Form, Meaning, Acquisition, and Processing*. Philadelphia, Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 191-207.

SILVA, D.; ORTEGA, G.; HALLAIS, J. *A RMC pelas lentes da periferia: entrevistas e resultados*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Águas de Lindóia/SP, de 19 a 23 de novembro de 2012. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER%5B546%5DABEP2012.pdf>. Acesso em 19/09/2014.

SOUZA, P. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 1999.

STECHOW, A. Temporally opaque arguments in verbs of creation. In: CECCHETTO, C.; CHIERCHIA, G.; GUASTI, M. T. *Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications, 2001. p. 278-319.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos *passar* e *deixar*. *Revista da Abralín*, v. 6, n. 1, p. 9-60, 2007.

VAN VALIN, R. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. *Syntax: structure, meaning, and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VERKUYL, H. J. *Aspectual issues: studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, 1999.

VITRAL, L. A interpolação de *se* e suas consequências para a teoria da cliticização. *Revista da Abralín*, v. 1, n. 2, p. 161-197, 2002.

VITRAL, L. A evolução do *se* reflexivo em português na perspectiva da gramaticalização. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. *Para a história do português brasileiro*. Vol. VI: Novos dados, novas análises. Tomo I. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 107-133.

WACHOWICZ, T. Auxiliary and aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions. *Revista Letras*, n. 73, p. 223-234, 2007.

WASON, T. Transformations and the lexicon. In: CULICOVER, P.; AKMAJIAN, A.; WASON, T. *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 327-360.

WETZEL, L. Types and Tokens. In: ZALTA, E. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2014/entries/types-tokens/>>. Acesso em 20/11/2014.

WHITAKER-FRANCHI, R. *As construções ergativas: um estudo sintático e semântico*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 1989.

WRIGHT, S. Internally caused and externally caused change of state verbs. 2001. Tese (Doutorado em Linguística), Northwestern University, Evanston, IL, 2001.

WRIGHT, S. Transitivity and change of state verbs. In: LARSEN, J.; PASTER, M. *Proceedings of the 28th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 2002. p. 339-350.

WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, p. 27-68, 1997.

WUNDERLICH, D. Lexical decomposition in grammar. In: WERNING, M.; HINZEN, W.; MACHERY, E. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 307-327.

YAMAGUCHI, T. Lexical semantic analysis of causative/inchoative alternation in Japanese: a preliminary investigation of subclasses of verbs. In: DOUG, A. *Essex graduate students papers in language and linguistics*. Vol II. 1998.

YEON, J. Transitivity alternation and neutral verbs in Korean. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*, v. 64, n. 3, 2001, p. 381-391.

ZENÓBIO, B. *O percurso diacrônico das construções com o pronome se na Língua Portuguesa como um processo de gramaticalização*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

APÊNDICE A – DADOS

Dados utilizados na pesquisa:

Alternância causativo-incoativa

Verbos retirados de Borba (1990) e de Cançado *et al.* (2013):

Verbos de mudança de estado

(1) Quebrar

A soprano quebrou a taça de cristal./A taça de cristal (se) quebrou.

(2) Machucar

A queda machucou a menina./A menina (se) machucou.

(3) Curar

A médica curou o paciente./O paciente (se) curou.

(4) Abrir

O mordomo abriu a porta./A porta (se) abriu.

(5) Assustar

A bruxa assustou as crianças./As crianças (se) assustaram.

(6) Esfriar

A vovó esfriou a sopa./A sopa (se) esfriou.

(7) Desqualificar

A CBF desqualificou o time perdedor./O time perdedor (se) desqualificou.

(8) Estatizar

O governo estatizou o hospital./O hospital (se) estatizou.

(9) Legalizar

O presidente legalizou o divórcio no Brasil./ O divórcio (se) legalizou no Brasil.

(10) Nacionalizar

O presidente nacionalizou a produção de gás natural./A produção de gás natural (se) nacionalizou.

(11) Regulamentar

O governo regulamentou a lei./A lei (se) regulamentou.

(12) Preocupar

A doença do Mário preocupou o Luigi./O Luigi (se) preocupou.

(13) Cansar

A subida cansou os peregrinos./Os peregrinos (se) cansaram.

(14) Empobrecer

A falência empobreceu o empresário./O empresário empobreceu.

(15) Decepcionar

O divórcio decepcionou o juiz./O juiz (se) decepcionou.

(16) Encantar

A voz da soprano encantou o público./O público (se) encantou.

(17) Murchar

O calor murchou a rosa./A rosa murchou.

(18) Adoecer

O vento frio adoeceu o bebê./O bebê adoeceu.

(19) Apodrecer

O calor apodreceu a fruta./A fruta apodreceu.

(20) Amadurecer

O calor amadureceu a fruta./A fruta amadureceu.

(21) Cariar

O doce cariou o dente do menino./O dente do menino cariou.

Sentenças reais que atestam os dados de alternância com verbos de mudança de estado volitivos ((7)-(11)) são apresentadas no Anexo (p. 161).

Outros verbos de mudança de estado (não apresentados em CANÇADO et al., 2013)

(22) Acordar

A babá acordou o menino./O menino (se) acordou.

(23) Aumentar

O dono da mercearia aumentou o preço do leite./O preço do leite aumentou.

(24) Despertar

A babá despertou o menino./O menino despertou.

(25) Diminuir

O patrão diminuiu os salários./Os salários diminuíram.

(26) Baixar

O supermercado baixou o preço da cesta básica./O preço da cesta básica baixou.

(27) Descarregar

O menino descarregou a bateria do celular./A bateria do celular descarregou.

(28) Dobrar

O patrão dobrou os salários./Os salários dobraram.

(29) Esticar

O uso esticou o pano./O pano esticou.

(30) Mudar

O prefeito mudou a cara da cidade./A cara da cidade mudou.

(31) Ressuscitar

Jesus ressuscitou Lázaro./Lázaro ressuscitou.

(32) Zerar

O juiz zerou o cronômetro./O cronômetro zerou.

(33) Esturricar

A cozinheira esturricou o frango./O frango esturricou.

(34) Inflar

O calor inflou o balão./O balão inflou.

Construções de resultado:

Verbos retirados de Borba (1990), de Cançado *et al.* (2013) e de Cançado *et al.* (em prep.):

Verbos com nomes eventivos

(35) Alugar

O corretor alugou a casa./A casa já alugou.

(36) Bordar

A moça bordou o enxoval da Ana./O enxoval da Ana já bordou.

(37) Digitalizar

A secretária digitalizou o documento./O documento já digitalizou.

(38) Fabricar

A Fiat fabricou o carro à gás natural./O carro à gás natural já fabricou.

(39) Imprimir

O aluno imprimiu a tese./A tese já imprimiu.

(40) Pintar

O Zeca pintou os apartamentos./Os apartamentos já pintaram.

(41) Vender

A Tânia vendeu o imóvel./O imóvel já vendeu.

Verbos de modo de afetar

(42) Afiar

O lenhador afiou o facão./O facão já afiou.

(43) Amolar

O moço da venda amolou o alicate da dona./O alicate da dona já amolou.

(44) Apontar

A professora apontou o lápis./O lápis já apontou.

(45) Assar

A Marta assou o frango./O frango já assou.

- (46) Coar
A Norma coou o café./O café já coou.
- (47) Cozinhar
A Fátima cozinhou a batata./A batata já cozinhou.
- (48) Enrolar
A faxineira enrolou a mangueira./A mangueira já enrolou.
- (49) Enxaguar
A faxineira enxagou a roupa./A roupa já enxagou.
- (50) Enxugar
A faxineira enxugou a roupa./A roupa já enxugou.
- (51) Filtrar
O barman filtrou a água./A água já filtrou.
- (52) Fritar
A quitandeira fritou os biscoitos./Os biscoitos já fritaram.
- (53) Lavar
A dona Marta lavou a roupa./A roupa já lavou.
- (54) Limpar
O taxista limpou o vidro do carro./O vidro do carro já limpou.
- (55) Refogar
A cozinheira refogou a cebola./A cebola já refogou.

Verbos de mudança de posse

- (56) Asfaltar
A prefeitura asfaltou a rua./A rua já asfaltou.
- (57) Calçar
A prefeitura calçou a rua./A rua já calçou.
- (58) Carregar
O ajudante carregou o caminhão./O caminhão já carregou.
- (59) Engessar
A enfermeira engessou o pé do menino./O pé do menino já engessou.
- (60) Envernizar
O serralheiro envernizou o móvel./O móvel já envernizou.
- (61) Rebocar
O pedreiro rebocou o muro./O muro já rebocou.

Verbo instrumental

- (62) Centrifugar
A lavadeira centrifugou a roupa./A roupa já centrifugou.

Verbos de classes que ainda não definimos

- (63) Batizar
O padre batizou a criança./A criança já batizou.
- (64) Calibrar
O motorista calibrou o pneu./O pneu já calibrou.
- (65) Chocar
A galinha chocou o ovo./O ovo já chocou.
- (66) Consertar
O mecânico consertou a bicicleta./A bicicleta já consertou.
- (67) Crismar
O bispo crismou o jovem./O jovem já crismou.
- (68) Descarregar
O ajudante descarregou o caminhão./O caminhão já descarregou.
- (69) Desembarcar
O comandante desembarcou toda a carga./Toda a carga já desembarcou.
- (70) Desocupar
Os inquilinos desocuparam o imóvel./O imóvel já desocupou.
- (71) Ligar
A CEMIG ligou a energia./A energia já ligou.

Sentenças reais que atestam os dados da construção de resultado são apresentadas no Anexo (p. 161).

Metonímia

Verbos retirados de Borba (1990), de Cançado *et al.* (2013) e de Cançado *et al.* (em prep.):

Verbos de mudança de estado locativo

(72) Ancorar

O capitão ancorou o navio numa ilha deserta./O navio ancorou numa ilha deserta.

(73) Atracar

O capitão atracou o barco no cais./O barco atracou no cais.

(74) Estacionar

O motorista estacionou o carro na garagem./O carro estacionou na garagem.

(75) Parar

O motorista parou o carro na garagem./O carro parou na garagem.

Verbo de modo de movimento

(76) Virar

O motorista virou o carro (para a esquerda)./O carro virou (para a esquerda).

Verbo com nome eventivo

(77) Aterrissar

O piloto aterrissou o avião./O avião aterrissou.

Verbo de modo de afetar

(78) Acelerar

O piloto acelerou o carro./O carro acelerou.

Verbos instrumentais

(79) Breicar

O piloto breicou o carro./O carro breicou.

(80) Frear

O piloto freou a moto./A moto freou.

Outros verbos

(81) Arrancar

O piloto arrancou o carro./O carro arrancou.

(82) Empinar

O piloto empinou a moto./A moto empinou.

Alternância parte-todo:

Verbos retirados de Borba (1990) e de Cançado *et al.* (2013):

Verbos inacusativos (ainda sem classificação semântica)

(83) Bater

O carro do motorista bateu./ O motorista bateu o carro.

(84) Cair

Os dentes da menina caíram./ A menina caiu os dentes.

(Atestação deste exemplo encontra-se no Anexo, p. 161.)

(85) Capotar

O carro do motorista capotou./ O motorista capotou o carro.

(86) Derrapar
O carro do motorista derrapou./ O motorista derrapou o carro.

Verbos de mudança de estado

- (87) Abalar
A estrutura do prédio (se) abalou./O prédio abalou a estrutura.
- (88) Acender
A luz do painel acendeu./O painel acendeu a luz.
- (89) Achatar
O fundo da panela achatou./A panela achatou o fundo.
- (90) Adormecer
A perna do atleta adormeceu./O atleta adormeceu a perna.
- (91) Amarrotar
A blusa da menina amarrotou./A menina amarrotou a blusa.
- (92) Amassar
A roupa da moça amassou./A moça amassou a roupa.
- (93) Amolecer
A tampa do pote amoleceu./O pote amoleceu a tampa.
- (94) Arrebentar
O fecho da mochila arrebentou./A mochila arrebentou o fecho.
- (95) Congelar
Os dedos da mão do alpinista congelaram./O alpinista congelou os dedos da mão.
- (96) Cortar
O dedo do menino cortou./O menino cortou o dedo.
- (97) Desbotar
A manga da camisa desbotou./A camisa desbotou a manga.
- (98) Desfiar
A meia da Maria desfiou./A Maria desfiou a meia.
- (99) Desinchar
O pé da menina desinchou./A menina desinchou o pé.
- (100) Emperrar
O motor da máquina emperrou./A máquina emperrou o motor.
- (101) Empipocar
O rosto do bebê empipocou./O bebê empipocou o rosto.
- (102) Empolar
O rosto do bebê empolou./O bebê empolou o rosto.
- (103) Encardir
A gola da camisa encardiu./A camisa encardiu a gola.
- (104) Enferrujar
A trava do portão enferrujou./O portão enferrujou a trava.
- (105) Entupir
O vaso do banheiro de empregada entupiu./O banheiro de empregada entupiu o vaso.
- (106) Fundir
O motor do carro fundiu./O carro fundiu o motor.
- (107) Inchar
O pé da menina inchou./A menina inchou o pé.
- (108) Manchar
A barra do vestido manchou./O vestido manchou a barra.
- (109) Rasgar
A capa do livro rasgou./O livro rasgou a capa.
- (110) Secar
A barra da calça secou./A calça secou a barra.
- (111) Sujar
A roupa do menino sujou./O menino sujou a roupa.

Média:

Verbos retirados de Corrêa (2005), de Amaral (2012), de Godoy (2012) e de Cançado *et al.* (2013):

Verbos de mudança de estado locativo

(112) Centralizar

O coreógrafo centralizou a bailarina no palco./A bailarina se centralizou no palco.

(113) Concentrar

O general concentrou os soldados no alto do morro./Os soldados (se) concentraram no alto do morro.

(114) Deitar

A mãe deitou o bebê./O bebê (se) deitou.

(115) Dependurar

O viajante dependurou o paraquedas no galho da árvore./O paraquedas (se) dependurou no galho da árvore.

(116) Depositar

A empresa depositou o lixo no fundo do rio./O lixo (se) depositou no fundo do rio.

(117) Disponer

A patroa dispôs a camareira no lugar adequado./A camareira se dispôs no lugar adequado.

(118) Empoleirar

O pai empoleirou a criança no seu pescoço./A criança (se) empoleirou no pescoço do pai.

(119) Encostar

O garçom encostou a toalha de mesa no chão./A toalha de mesa (se) encostou no chão.

(120) Enfiar

A costureira enfiou o novelo debaixo da cama./O novelo (se) enfiou debaixo da cama.

(121) Engarranchar

O namorado engarranhou a roupa da moça na maçaneta./A roupa da moça (se) engarranhou na maçaneta.

(122) Enrolar

O menino enrolou a pipa no fio./A pipa (se) enrolou no fio.

(123) Esconder

O pai escondeu o menino debaixo da cama./O menino (se) escondeu debaixo da cama.

(124) Enroscar

O menino enroscou a pipa no galho da árvore./A pipa (se) enroscou no galho da árvore.

(125) Infiltrar

O bombeiro infiltrou a água no cano./A água (se) infiltrou no cano.

(126) Instalar

O hacker instalou um vírus no computador./O vírus (se) instalou no computador.

(127) Prender

O namorado prendeu a roupa da moça na maçaneta./A roupa da moça (se) prendeu na maçaneta.

(128) Sentar

A mãe sentou o menino./O menino (se) sentou.

Verbos de mudança de estado

(129) Abaixar

O soldado abaixou a ponte levadiça./A ponte levadiça se abaixou.

(130) Afastar

O diretor afastou os alunos./Os alunos se afastaram.

(131) Aproximar

A professora aproximou as meninas./As meninas se aproximaram.

(132) Distanciar

A disputa judicial distanciou as irmãs./As irmãs se distanciaram.

(133) Juntar

A mãe juntou as irmãs./As irmãs se juntaram.

(134) Misturar

A professora misturou meninas e meninos./Meninas e meninos se misturaram.

(135) Reunir

O evento reuniu os professores./Os professores se reuniram.

(136) Unir

O testamento uniu os irmãos./Os irmãos se uniram.

Verbos de trajetória

(137) Retirar

O Carlos retirou o arruaceiro do recinto./O arruaceiro se retirou do recinto.

- (138) Jogar
O menino jogou a menina no lago./A menina se jogou no lago.
(139) Lançar
O menino lançou a amiga na piscina./A amiga do menino se lançou na piscina.

Verbos de modo de movimento

- (140) Arrastar
A noiva arrastava a linda cauda de 7 metros pela igreja./ A linda cauda de 7 metros (se) arrastava pela igreja.
(141) Arredar
A designer arredou a cortina um pouquinho para a direita. /A cortina arredou um pouquinho para a direita.
(142) Badalar
O homem badalou o sino da igreja./ O sino da igreja badalou.
(143) Balançar
A Ana balançou a rede./ A rede balançou.
(144) Brandir
O torcedor brandia a bandeira./ A bandeira brandia.
(145) Bulir
O vento bulia a folhagem das árvores./ A folhagem das árvores bulia.
(146) Chacoalhar
O terremoto chacoalhava o edifício./O edifício chacoalhava (com a força do terremoto).
(147) Deslocar
O técnico deslocou o cabo do computador./O cabo do computador deslocou.
(148) Estalar
Bruscas rajadas estalavam os galhos./ Os galhos estalavam.
(149) Estralar
A ventania estralava o bambu./ O bambu estralava.
(150) Fremir
O vento fremiu as velas do navio./ As velas do navio fremiram.
(151) Girar
O menino girou o cata-vento./ O cata-vento girou.
(152) Menear
O forte vento meneava as antenas das casas./ As antenas das casas meneavam.
(153) Movimentar
O vento movimentou as pás do moinho./As pás do moinho (se) movimentaram.
(154) Picar
O menino picou a bola./ A bola picou.
(155) Quicar
O menino quicou a bola./ A bola quicou.
(156) Rodar
O menino rodou a moeda./ A moeda rodava.
(157) Rodopiar
O menino rodopiou a pipa./ A pipa rodopiou.
(158) Sacolejar
O tremor de terra sacolejou o prédio./ O prédio sacolejou.
(159) Sacudir
O vento sacudia as folhas./As folhas sacudiam.
(160) Soar
Alguém soou o alarme./ O alarme soou.
(161) Tocar
O hóspede tocou a campainha./ A campainha tocou.
(162) Vibrar
O sacristão vibrou o sino./ O sino vibrou.

Outros verbos

- (163) Afundar
O pirata afundou o barco./O barco (se) afundou.
(164) Alastrar
O criminoso alastrou o fogo pela mata./O fogo (se) alastrou pela mata.

- (165) Arriar
O marceneiro arriou a prateleira da estante./A prateleira da estante (se) arriou.
- (166) Colocar
A mãe colocou a menina no colo./A menina se colocou no colo da mãe.
- (167) Derramar
A faxineira derramou o leite./O leite (se) derramou.
- (168) Desviar
O João desviou o carro do buraco./O carro se desviou do muro./A bala (se) desviou do alvo.
- (169) Enfileirar
A professora enfileirou as crianças./As crianças (se) enfileiraram.
- (170) Erguer
O pai ergueu o menino./O menino se ergueu.
- (171) Levantar
O pai levantou o menino./O menino se levantou.
- (172) Mergulhar
A lavadeira mergulhou o tecido da tintura./O tecido mergulhou na tintura.
- (173) Meter
O pai meteu o menino debaixo da cama./O menino se meteu debaixo da cama.
- (174) Por
A mãe pôs a menina na cadeira./A menina se pôs na cadeira.

Verbos aspectuais:

Verbos retirados de Bertucci (2011):

- (175) Acabar
A bailarina acabou a dança./ A dança acabou.
- (176) Cessar
A bailarina cessou a dança./ A dança cessou.
- (177) Começar
A bailarina começou a dança./ A dança começou.
- (178) Continuar
A bailarina continuou a dança./ A dança continuou.
- (179) Encerrar
A bailarina encerrou a dança./ A dança encerrou.
- (180) Iniciar
A bailarina iniciou a dança./ A dança iniciou.
- (181) Parar
A bailarina parou a dança./ A dança parou.
- (182) Principiar
A bailarina principiou a dança./ A dança principiou.
- (183) Terminar
A bailarina terminou a dança./ A dança terminou.

ANEXO A – DADOS

Sentenças utilizadas na atestação dos dados:

Alternância causativo-incoativa

Verbos retirados de Cançado *et al.* (2013):

Verbos de mudança de estado estritamente volitivos na proposta de Cançado et al. (2013) (opcionalmente volitivos em nossa proposta)

(1) Desqualificar

Na época a missão era levar a Suíça à Eurocopa na Inglaterra, mas a equipe se desqualificou já nas pré-eliminatórias da Eurocopa.

(<http://www.swissinfo.ch/por/-talvez-a-culpa-tenha-sido-do-bigode-/38141002> – 11/11/2014)

Outra questão é que, conforme o caso, o fator que desqualificou o candidato não foi quanto a qualidade profissional, pode ter sido estado civil, número de filhos, idade, aparência, ou seja, fatores que se explicitados poderiam dar ensejo a ação de discriminação e de danos morais.

(<http://www.linkedin.com/groups/Quando-fazemos-uma-entrevista-voc%C3%AA-1088807.S.119219762> – 13/11/2014)

(2) Estatizar

Talvez seja algo exagerado afirmar que o ensino se prostituiu quando se estatizou, mas não será um exagero assim tão grande.

(<http://blog.criticanarede.com/2012/05/ensino-e-prostituicao.html> – 11/11/2014)

Já o regime militar brasileiro estatizou grande parte da economia.

(<http://www.alessandrogarcia.org/news/ditadura-%C3%A0-brasileira/> – 13/11/2014)

A Revolução Cubana decretou a Reforma da Saúde, da Educação, nacionalizou e estatizou os bancos, fez uma reforma urbana (desapropriando residências e propriedades) Fidel Castro, enfim declarou Cuba Socialista.

(<http://www.dm.com.br/texto/194851> – 13/11/2014)

(3) Legalizar

O divórcio se legalizou em 1997.

(<http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo630.shtml> – 11/11/2014)

Em todos os estados ou países onde o casamento se legalizou centenas ou milhares de pessoas casaram-se.

(<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HqP23tJBWREJ:arrastao.org/1890134.html%3Fpage%3D4+%&cd=1&hl=en&ct=clnk&gl=br&client=firefox-a> – 11/11/2014)

O pastor Silas Malafaia, um dos organizadores do ato, disse que o alvo do protesto era a decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que legalizou o casamento gay pela via judicial no dia 14 de maio.

(<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2013-06-05/religiosos-protestam-contra-aborto-e-casamento-gay.html> – 13/11/2014)

Não há melhor citação para descrever os debates que incendiaram a Câmara dos Lordes, a Câmara dos Comuns e a comunidade britânica como um todo nos meses anteriores à aprovação da medida que legalizou o casamento gay no Reino Unido, há exatamente um mês.

(http://lounge.obviousmag.org/o_arteiro/2013/08/o-que-uma-obra-de-literatura-pode-nos-dizer-sobre-o-casamento-gay-no-reino-unido.html#ixzz3Ixxkgs0SK – 13/11/2014)

(4) Nacionalizar

Só recentemente a produção do chá de hibiscus se nacionalizou

(<http://www.infoescola.com/medicina-alternativa/cha-de-hibiscus/> – 11/11/2014)

principalmente nos últimos anos, quando o futebol brasileiro finalmente se nacionalizou, o Alviverde de São Paulo enfrentou os times paranaenses.

(<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/campeonato-brasileiro/conteudo.phtml?id=1493968&tit=Top-5--Cinco-vitorias-paranaenses-sobre-o-centenario-Palmeiras> – 11/11/2014)

A Revolução Cubana decretou a Reforma da Saúde, da Educação, nacionalizou e estatizou os bancos, fez uma reforma urbana (desapropriando residências e propriedades) Fidel Castro, enfim declarou Cuba Socialista.

(<http://www.dm.com.br/texto/194851> – 13/11/2014)

A Bolívia está em meio a uma dramática transformação política, que nacionalizou indústrias e elevou como nunca as vozes indígenas.

(<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5Oig8i-MwxEJ:www.acquasul.com/bolivia.htm+%&cd=149&hl=en&ct=clnk&gl=BR> – 3/11/2014)

(5) Regularizar

O esporte balonismo se regulamentou definitivamente em 1987

(<http://www.balonismo.org.br/historia> – 12/11/2014)

Sou babá, portanto considerada empregada doméstica, sou registrada desde 08/2010, com a nova lei que da direito ao seguro desemprego que se regulamentou esse ano

(<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130807073116AA8vwWf> – 12/11/2014)

Este ato regulamentou o esporte brasileiro até 1975

(<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/parapentebr/conversations/topics/30001> – 13/11/2014)

Nesse momento surgiu o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), um acordo multilateral que regulamentou o comércio internacional por quase cinco décadas, até que depois fosse encampado com algumas modificações em 1995, dando origem ao seu sucessor: a Organização Mundial do Comércio (OMC).

(<http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/98953> – 13/11/2014)

Alternância parte-todo:

(6) Cair

minha filha de 5 anos caiu os dentes (<http://www.coisadamae.blog.br/saude/denticao/> - 07/08/2014)

Construções de resultado:

Verbos retirados de Borba (1990), de Cançado *et al.* (2013) e de Cançado *et al.* (em prep.):

Verbos com nomes eventivos

(7) Alugar

esta casa já alugou. (<https://pt-br.facebook.com/mazinhoimoveis/posts/668202466540287> – 04/10/13).

(8) Bordar

-E seu vestido, bordou? -Minha mãe bordou, mas ainda não vi o resultado. (em: <http://noivabelinha.blogspot.com.br/2012/04/nome-das-solteiras-coracoes.html> – 03/10/2013).

(9) Digitalizar

Não liguem à kela parte do queixo, pork está desfocada e um pouco para o lado e para o outro é k a imagem nao digitalizou bem (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120806160107AAwPiES> – 04/10/13).

(10) Fabricar

o carro fabricou até abril de 1992. (<http://www.opala.com/forum/viewtopic.php?f=1&t=17612&start=0> – 03/10/13).

E outra, quantos anos esse carro fabricou mesmo?(<http://www.opaleirosdoparana.com/t2196p2-debate-maverick-vs-opala> – 03/10/13).

(11) Imprimir

O texto imprimiu perfeito, mas as figuras nem pensar... no lugar delas ficou um espaço em branco. (<http://all4pg.com/forum/index.php?topic=197.0> – 03/10/13).

O texto imprimiu direitinho, porém a acentuação ficou toda zuada. (<http://forum.imasters.com.br/topic/169659-corriger-acentuaao/> - 03/10/13).

(<http://forum.cubomagicobrasil.com/topic/3709-meu-recorde-no-2x2x2/> - 03/10/13).

(12) Pintar

kkkk..reforma tanto que nem arvores tem mais...e a igreja pintou de azul.

(<http://www.regiaonordeste.com/portal/materias.php?id=39276> – 03/10/13).

(13) Vender

O apartamento já vendeu? (http://sp.quebarato.com.br/sao-bernardo-do-campo/apartamewnto-sao-bernardo-do-campo__27B628.html – 04/10/13).

Gostaria de saber se o imóvel já vendeu, e se aceita proposta. (http://sp.quebarato.com.br/sao-bernardo-do-campo/casa-em-condominio-fechado-sao-bernardo-do-campo__13DCD3.html – 04/10/13)

Verbos de modo de afetar

(14) Afiar

Quanto à gilette, tenho 1 primo que trabalhava na antiga Villares e ele fez o teste no laboratório para mim. Segundo o teste a lâmina afiou. (<http://www.antigo.religiaoeveneno.org/viewtopic.php?f=1&t=14930&start=25> – 03/10/13).

(15) Amolar

E O DIA RAIUO, O GALO CANTOU, O CAFÉ ESFRIOU E A FACA AMOLOU

(<http://www.amordoce.com/forum/t15832,39-escolar-the-discipline-of-love.htm>–03/10/13).

(16) Apontar

Depois ele mesmo falava que o lápis não apontava direito.

(http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fezfNcqizMJ:issuu.com/hamaedit/docs/papelaria_ed_176-peq+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=BR – 03/10/13).

(17) Assar

O que importa não é se a cerveja tá gelada, ou se a árvore já tá enfeitada, se o pernil já assou.

(<http://www.fotolog.com.br/annagabrielly/37206683/> - 03/10/13).

E não é que a carne assou mesmo?! Meu filho amou! O arroz continuou ruim, mas a carne assou e ficou boa!

(<http://tsunamideletrinhas.blogspot.com.br/2009/09/aventuras-diante-de-uma-panela-de.html> – 03/10/13).

(18) Coar

Meu café já coou. vou la. (http://queridoleitor3.zip.net/arch2005-06-01_2005-06-15.html – 03/10/13).

(19) Cozinhar

Nisso, o frango já cozinhou, não? (<http://pratofundo.com/202/torta-de-frango-e-palmito/> - 03/10/13).

Para garantir que o frango cozinhou totalmente, corte um pedaço de frango ao meio.

(<http://www.ancientrade.com/como-fazer-kimchi-frito-arroz-com-frango.html> – 03/10/13).

(20) Enrolar

Hoje eu me atrapalhei porque a mangueira enrolou toda. (<http://afazenda.r7.com/a-fazenda-5/noticias/angela-bismarchi-cuida-de-jardim-20120603.html> – 03/10/13).

(21) Enxaguar

esses shampoos e condicionadores da TRESemé são muito bons, me cabelo se deu bem com ele, de uma só vez já enxaguou bem!

(<http://saladadefrutasbr.blogspot.com.br/2012/12/controlando-as-madeixas.html> – 03/10/13).

(22) Enxugar

A roupa enxugou e não choveu mais.

(<http://hericahgomezdasilvah.blogspot.com.br/2013/08/tudo-o-que-e-eterno.html>– 03/10/13).

(23) Filtrar

Coloca no filtro, mas na parte, depois que a água filtrou que você coloca.

(http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ENGD-93RM7Z/uende_gomes_tese.pdf?sequence=1 – 03/10/13).

(24) Fritar

(é rápido, mais ou menos 10 minutos, porque o frango já fritou antes)

(<http://www.tudogostoso.com.br/receita/117398-frango-ensopado-com-leite-de-coco-e-curry.html> – 03/10/13).

(25) Lavar

A roupa lavou, finalmente, depois de parar com este tal erro por uns 10 vezes.

(<http://www.reclameaqui.com.br/6025021/brastemp-consul/lava-e-seca-nao-funciona/> - 03/10/13).

(26) Limpar

não peguei o trecho de barro realmente, mas no endure do BPM foi só barro, desta vez a roupa limpou + fácil.

(<http://www.noispedala.com.br/noticias/cobertura-enduro-do-milho-2010-regularidade-mtb/> - 03/10/13).

(27) Refogar

Se tem alho, o coloque na panela somente depois que a cebola refogou bem. [...]Depois que o alho refogou, pode ser acrescentando o restante dos ingredientes:

(<http://www.cucinaartusiana.com/2012/01/lacio-battuto-soffitto-insaporire-e.html> – 04/10/13).

Verbos de mudança de posse

(28) Asfaltar

a rua asfaltou esses dias e eu nao aumentei o preço

(<http://sp.bomnegocio.com/baixada-santista-e-litoral-sul/imoveis/casa-a-ponto-de-laje-perto-da-praia-33242575> – 17/07/14).

(29) Calçar

A rua calçou, fizeram o mercado e por aí já vai melhorano, né?

(do corpus das Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Feira de Santana (Paraguaçu) integrante da coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano, pertencentes ao projeto A língua Portuguesa no Semiárido Baiano da UEFS-BA, coordenado pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro – PEREIRA; OLIVEIRA, 2011)

(30) Carregar

sou cliente de vcs itaquareia , esse caminhao ja carregou no porto de vcs

(<http://www.preciolandia.com/br/volks-23-220-truck-basculante-rosseti-op-7tzclg-a.html> – 03/10/13).

(31) Engessar

mas meu braço engessou ☹☹ *aff nesse calor to quase morrendo de coceira e agonia*
(<http://www.flogao.com.br/garces/113451455> – 03/10/13).

o braço engessou até o ombro. (<http://ubas.blogger.com.br/> – 03/10/13).

(32) Envernizar

Eu queria saber se zoa a prancha de surf se não envernizar, pq a minha mãe me deu uma e não envernizou
(<http://www.surfcore.com.br/home/component/fireboard/?func=view&id=2551&view=threaded&catid=8> – 03/10/13).

(33) Rebocar

hj resolveu de vez o problema da infiltração graças a deus já rebocou hj vai passar massa fina e depois podemos pintar (<http://nfp-brasil.forum-livre.com/t672p435-diario-da-mamae-charlene> – 03/10/13).

a dela da rua dela tipo é a melhorzinha assim que tipo (.) já rebocou, sacou?

(http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/unb_dissertacao_2008_DOValverde.pdf – 03/10/13).

Verbo instrumental

(34) Centrifugar

A roupa não centrifugou suficientemente.

(http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCcQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.beko.com.pl%2Fpobierz%2FDPU_7360_X%3Fkategoria%3Dinstrukcja&ei=k5xeU9XrD8mr2QXoxYHoBw&usq=AFQjCNH9IaM1yyDfyOHkxNKVA-C9TVyhmw&bvm=bv.65397613,d.cWc&cad=rja – 28/04/2014)

Verbos de classes que ainda não definimos

(35) Batizar

Muitos irmãos se preocupam tanto em batizar como se dissessem “bom agora eu já batizei então estou salvo”[...] (trecho do livro *Por que Deus criou o mundo?* encontrado em <http://books.google.com.br/> – 24/07/2014).

(36) Calibrar

Amigo, sem manômetro, como saber se o pneu calibrou direitinho? (<http://www.preciolandia.com.br/bomba-topeak-mini-morph-master-blaster-7c0w6e-a.html> – 04/10/13).

(37) Chocar

estou com uma fêmea de coleiro ela boto 2 ovos, os ovos já chocaram!

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20101210150700AAnnYHp> – 04/10/13).

(38) Consertar

Esse acidente rendeu hein? Mas que bom que o carro já consertou!

(http://navblog.uol.com.br/comment.html?postFileName=2007_05-30_18_38_17-100572229-0&idBlog=1471126 – 04/10/13).

(39) Crismar

Galera que já crismou, ou melhor prezados Crismados.

Vocês podem aparecer na Crisma quando quiserem.. sintam-se em casa, vocês mandam lá.. e sabem disso.. rrsrsrs.. Amamos vocês..

(<https://www.facebook.com/csb.crismandos/posts/497356107038442> – 24/07/2014).

(40) Descarregar

A testemunha relatou em boletim de ocorrência e também na tarde dessa segunda-feira (11) para a reportagem que no sábado o caminhão descarregou duas vezes.

(<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=299727> – 04/10/13).

(41) Desembarcar

A carga desembarcou escondida em contêineres. (<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1223571-5598,00-PF+INVESTIGA+DESPEJO+DE+LIXO+VINDO+DA+EUROPA+NOS+PORTOS+DO+BRASIL.html> – 04/10/13).

(42) Desocupar

ele ficou doente o apartamento desocupou mas ele desistiu de ir embora. (<http://familiasparacristo.com.br/meu-casamento-foi-restaurado-por-deus/> - 04/10/13).

meu imóvel desocupou em novembro de 2011 e desde então estou esperando o cd da vistoria final
(<http://www.reclameaqui.com.br/1302715/apolar-imoveis/apolar-imoveis-editado-pelo-reclameaqui/> - 04/10/13).

(43) Ligar

a luz já ligou faz algum tempo (dado real de entrevista coletado por SILVA *et al.*, 2012)